UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

HISTORIOGRAFIA INGLESA EM REVISTA:

a *English Historical Review* e a história pensada

no século XIX

Leonardo de Jesus Silva

Goiânia

2013

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[X] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Leonardo de Jesus Silva				
E-mail:	leonardosilva9@hotmail.com				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? [X]Sim [ ] Não					
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Reuni				Sigla:CAPES/ REUNI	
País:	Brasil	UF:GO		CNPJ:	
Título:	Historiografia inglesa em revista: a *English Historical Review* e a história pensada no século XIX				
Palavras-chave:	historiografia inglesa, profissionalização histórica, história científica, teoria da história				
Título em outra língua:	English historiography in review: the English Historical Review and the historical thinking in the nineteenth century				
Palavras-chave em outra língua:	English historiography, historical profissionalization, scientific history, theory of history				
Área de concentração:	Cultura, Fronteiras e Identidades.				
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	30/08/2013				
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em História/FH/UFG				
Orientador (a):	Cristiano Alencar Arrais				
E-mail:	cpaarrais@gmail.com				
Co-orientador (a):*					
E-mail:					

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

_____ Data: _____ / _____ / _____

Assinatura do (a) autor (a)

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

LEONARDO DE JESUS SILVA

HISTORIOGRAFIA INGLESA EM REVISTA:

a *English Historical Review* e a história pensada

no século XIX

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás como critério parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cultura, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

Orientador: Prof. Doutor Cristiano Alencar Arrais

Goiânia

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Silva, Leonardo de Jesus.
S586h Historiografia inglesa em revista [manuscrito]: a English Historical Review e a história pensada no século XIX / Leonardo de Jesus Silva. - 2013.
133 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Alencar Arrais;
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013.
Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.
Apêndices.

1.Historiografia – Século XIX – Inglaterra. 2. História – Teoria. 3. História – Profissionalização. 4. Historicismo. 5. História científica. I. Arrais, Cristiano Alencar. II. Título.

CDU: 930.1(420)”19”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de história, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre, aprovada em _____/_____/_____, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

_____

Professor Doutor Cristiano Alencar Arrais
Universidade Federal de Goiás - FH/PPGH
(Presidente)

_____

Professor Doutor Júlio Bentivóglio
Universidade Federal do Espírito Santo – Faculdade de História
(Arguidor)

_____

Professor Doutor Carlos Oiti Berbert Jr
Universidade Federal de Goiás – FH/PPGH
(Arguidor)

_____

Professor Doutor Rafael Saddi Teixeira
Universidade Federal de Goiás – FH/PPGH
(Suplente)

Para Cintia e Miguel.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela disposição e a oportunidade de realizar esse trabalho.

Devo me lembrar dos amigos que me incentivaram e me apoiaram desde a graduação, e que, felizmente, continuam na minha vida. Em especial os camaradas Clayton Borges, Dianari Moraes e Philippe Sartin. Seus conselhos e críticas foram fundamentais para mim, como profissional e pessoa. Assim como a Mohana Ribeiro que sempre me apoiou com alegria. Ainda os amigos Hosana Fernanda e Renato Fagundes, que incentivaram e foram grandes parceiros de conversas nesse percurso.

Sou muito grato a minha família. Meu pai, Olinto Vieira da Silva. Apesar do pouco estudo foi desde sempre o maior patrocinador e interessado em meus estudos. Minha mãe, a dona Judith, que sempre me cobrou o melhor desempenho e atenção às aulas. Meu irmão Ronaldo. Sua amizade e apoio, inclusive logístico (computador num primeiro momento), são inigualáveis.

Agradeço a família da minha esposa, por entenderem o pouco tempo disponível. E a minha esposa, Cintia Maria, pelo companheirismo, o incentivo e me fazer entender muitas coisas.

Na faculdade devo muito a oportunidade oferecida pelo Professor Cristiano Arrais quando me apresentou a revista após uma aula de Técnicas de Pesquisa Histórica. Sua orientação foi a melhor que podia ter, suas cobranças foram corretas, assim como as broncas. Qualquer problema na execução deste trabalho cabe inteiramente a mim. Sua orientação e companheirismo foram fundamentais para que eu continuasse.

Gostaria também de agradecer os professores das disciplinas do mestrado: Professor Marcos Antônio Menezes, Professor Noé Freire Sandes e o próprio Cristiano Arrais. As aulas foram proveitosas e colaboraram para a formatação deste trabalho.

Agradeço o Professor Rafael Saddi que esteve em nossa arguição de qualificação. Seus comentários colaboraram para nosso estudo e espero ter alcançado suas expectativas.

Um abraço para o camarada Hugo Merlo, que me ajudou e muito com pelo menos três livros centrais nesse estudo. Espero também ter correspondido as nossas ideias trocadas por *email*. O Hugo é também um dos poucos estudantes do Lord Acton no Brasil. É talvez o maior deles.

Tive um grande auxílio também do pessoal da Biblioteca da UnB, com material de pesquisa e acesso ao laboratório de informática de lá. Esse dia foi fundamental na pesquisa. Assim como o pessoal da Biblioteca Central da UFG.

Por aqui eu queria agradecer ainda a turma do futebol de segunda à noite. Vocês foram importantes para que eu aliviasse a tensão nos momentos de angústia e voltasse a jogar bola!

Agradeço os membros da banca pela disposição e esforço de entender meu texto.

Fico grato ainda a Capes, pela bolsa, que me ajudou a realizar o sonho. E o pessoal do Departamento de História (Gustavo, Marco Aurélio) que me ajudaram com as questões burocráticas da pesquisa.

Mais uma vez, agradeço o Professor Cristiano, realmente, “o melhor da história é o entusiasmo que ela inspira”.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar a produção historiográfica da *English Historical Review* a partir de questões colocadas pela história da historiografia em relação ao debate da fundamentação do pensamento histórico enquanto conhecimento científico. Queremos entender como alguns dos historiadores do periódico do final do século XIX, ainda na era vitoriana, formataram uma concepção de história científica em sincronia com a profissionalização da História. Aliando alguns conceitos centrais para a história das ideias, como o de historicismo, consideramos que o estudo possa indicar novas contribuições para o debate teórico-metodológico atual a partir do levantamento dos principais textos e da localização de debates até então desconhecidos. A *English Historical Review* é o resultado do desenvolvimento dos estudos históricos no país e refletia a heterogeneidade da historiografia oitocentista, com as suas diversas escolas históricas. Reflexões essas que são poucas vezes referenciadas a historiografia do século XIX, por considerarem de maneira equívoca e pejorativa que ela foi no seu todo positivista, a-teórica, tradicional e política. A abordagem dos textos foi tomada aqui tendo em vista o contexto de profissionalização e de diálogo entre a produção europeia no período e a tradição inglesa. Uma de nossas referências é a de uma continuidade no que diz respeito a questão orientadora da história, herança de uma historiografia *whig*. A historiografia inglesa do final do século XIX e início do século XX revela questões que não nos autoriza demarcar de maneira clara uma ruptura de paradigma, por exemplo, nem estabelecer modelos de profissionalização e cientifização histórica nos países europeus.

Palavras-chave: historiografia inglesa; profissionalização histórica; história científica; teoria da história.

ABSTRACT

This work aims to analyze the historiography production of *English Historical Review* from issues placed of history of historiography regarding the debate of establishment the historical thinking as scientific knowledge. We want to understand how some historians of the journal of the late nineteenth periodical, still at Victorian age, make one conception of scientific history in synchrony with the professionalization of history. Joining some concepts central to the history of ideas, such as historicism, we believe that the study may indicate new contributions to current theoretical and methodological discussions from the survey of the major texts and locating debates hitherto unknown. The *English Historical Review* is the result of the development of historical studies in the country and reflected the heterogeneity of the nineteenth century historiography, with its various historical schools. These reflections are rarely referenced the historiography of the nineteenth century, because they consider so misleading and pejorative that it was on the whole positivist, a-theoretical, traditional and political. The approach of the texts was made here considering the context of professionalization and dialogue between European production for the period and the English tradition. One of our references is continuity in respect the guiding question of history, heritage of a Whig historiography. The english historiography of the late nineteenth and early twentieth century reveals issues that do not allow us to clearly demarcate a break in paradigm, for example, or to establish models of professionalization and historical scientificization in European countries.

Keywords: english historiography, professionalization historical, scientific history, theory of history.

Lista de figuras

Gráfico do Recorte espacial dos Artigos 60
Gráfico com os principais países comtemplados pelos Artigos da *TEHR* 61
Gráfico de classificação dos Artigos por períodos históricos 61
Classificação dos Artigos por temas, considerados em sua dimensão atual 63
Principais historiadores das publicações de Artigos e Notas da *English Historical Review*..... 65
Principais textos da sessão Resenhas de Livros da *TEHR* 67

Sumário

Introdução 11

Capítulo I – O problema da historiografia científica do século XIX 20

1.1.O historicismo em Leopold von Ranke 27

1.2.A historiografia vitoriana 38

Capítulo II – A produção historiográfica da *English Historical Review* 52

2.1. A *English Historical Review* 52

2.2. A interpretação da fonte 55

2.3. O perfil da produção historiográfica da *English Historical Review*, de 1886 a 1902 57

2.4. Resenhas 66

Capítulo III – A história científica na *English Historical Review* 80

3. 1 O cenário da profissionalização do historiador: os obituários..... 81

3. 1. 1 Lightfoot e Gregorovius: o apego ao documento ……..... 82

3. 1. 2 Coulanges: a crítica textual e a ênfase no Estado..... 84

3. 1. 3 Freeman: a influência da política na história 87

3. 1. 4 Gindely, Seeley e Treitschke: o diálogo com a tradição alemã e a história científica 89

3. 1. 5 Creighton e Stubbs: empatia e capacidade reconstrutiva da narrativa 93

3. 1. 6 Gardiner e Acton: a profissionalização da dísciplina 98

3. 2 As principais referências intelectuais 101

3. 2. 1 Samuel Rawson Gardiner 101

3. 2. 2 Lord Acton 109

Considerações Finais 124

Referências 127

Anexos..... 132

INTRODUÇÃO

Nosso ponto de partida foi a reflexão da formação da história científica no final do século XIX. O debate em torno da historiografia que inicia uma reflexão teórica e metodológica sobre o conhecimento histórico e que se desenvolve até nossos dias. Robin George Collingwood (1889-1943), uma de nossas primeiras leituras, nos oferece um quadro das questões que enfrentaríamos na pesquisa:

> Na filosofia europeia dos finais do século XIX, houve uma espécie de renovação primaveril, após o inverno que principiara com a morte de Hegel. No seu lado negativo, este novo movimento do pensamento apresentou-se principalmente como uma revolta contra o positivismo. Mas o positivismo, ainda que fosse efetivamente um sistema filosófico, recusou-se a reivindicar esse título. Considerava-se apenas científico. [...] No seu lado positivo, este novo movimento do pensamento consistiu numa tentativa (que se tornou cada vez mais evidente, à medida que o movimento progredia em direção à maturidade) de defender a história como uma forma de conhecimento distinta das ciências da natureza e contudo, legitimamente válida (COLLINGWOOD, 1989, p. 175).

A interpretação de Collingwood é de que essa "renovação" ou essa "revolta" característica desse novo pensamento se deu nem tanto contra o positivismo, entendido como "metodologia universal", mas "contra a filosofia que afirmava ser a ciência a única espécie de conhecimento que existia ou que podia existir sempre" (COLLINGWOOD, 1989, p. 175). A defesa da história a que ele se refere nos inspirou e nos fez indagar sobre como ela se legitima.

Essa discussão acerca da cientificidade da história incide diretamente no debate contemporâneo sobre os problemas resultantes das escolhas que o historiador faz ao interpretar o passado. A discussão científica da história, logo a discussão teórica, feita pelos britânicos ainda é pouco conhecida entre os brasileiros. Boa parte desse desconhecimento se dá devido a influência das tradições francesa e alemã, e também por uma visão preconceituosa, filtrada da historiografia do século XIX. Exceto a obra de Collingwood e da historiografia marxista britânica – que inclusive desenvolvem seus trabalhos já no século XX -, há poucas referências à discussão teórica da história dos britânicos.

Nosso estudo então está voltado para o momento crucial da ciência da história entre os europeus, o século XIX[1], na produção historiográfica do país que era uma das

[1] Considerações sobre o século XIX como o século da história são várias, como G. P. Gooch (1977) ou François Hartog. É ainda o século XIX o berço das grandes revistas acadêmicas de história, como a

maiores potências mundiais e que abrigava grandes nomes da literatura e da chamada "história literária", como Charles Dickens (1812-1870) e Thomas Macaulay (1800-1859).

Diante dessas questões construímos um objeto de pesquisa que pudesse aproximar-nos dessa tradição historiográfica pouco analisada pela historiografia atual. Pela sua relevância nos quadros acadêmicos e pelas possibilidades de interpretação que suas páginas oferecem, os arquivos da *The English Historical Review* poderiam indicar alguns caminhos para nossas perguntas. À primeira vista, a história que se revelava no periódico era uma história factual, política e nacional. Porém, com um olhar mais aprofundado conseguimos encontrar mais problemas em relação ao estudo da história científica, do que supunham as leituras filtradas, generalizadoras e desdenhosas dos historiadores das grandes escolas históricas do século XX, como por exemplo, a crítica feita pelos historiadores dos *Annales* a uma chamada história '*evenementalie'*, história historicizante.

Foi, então, a partir das inquietações decorrentes das inconsistências encontradas nas definições de conceitos e das escolas históricas no interior da historiografia brasileira da segunda metade do século XX, que objetivamos estudar uma fonte. Uma historiografia como a da *English Historical Review* oferece a oportunidade de percebermos a leitura de alguns textos e problemas que ainda são debatidos nos dias de hoje, a partir de uma perspectiva contemporânea do passado.

As visões sobre a historiografia inglesa do final do século XIX e início do século XX, normalmente se reduzem a citação da coletânea *Cambridge Modern History*. Edward Hallet Carr, por exemplo, utiliza o relatório de convocação dos historiadores para tal empresa, de autoria de Lord Acton, para exemplificar uma concepção de conhecimento histórico ultrapassada. Edward Carr considera importante algumas formulações dos historiadores do século XIX, mas em sua interpretação prevalece a crítica a uma ideia de história definitiva de Acton, já que sua tese é da interação entre o fato histórico e o historiador (CARR, 1989, p. 29)[2].

Historische Zeitschrift (1859) na Alemanha, a *Revue Historique* (1876), na França, nosso próprio objeto, a *The English Historical Review* (1886), a *American Historical Review* (1895), dentre outras. Além de grandes obras, como as de Theodor Mommsen, ou mesmo Thomas Buckle.

[2] Isso não significa necessariamente que tal visão esteja equivocada. E sim que é necessário problematiza-la, analisando os arquivos da *Cambridge Modern History* com mais cuidado. O interesse pela coletânea de 1902 se justifica pelo fato de envolver alguns dos principais historiadores que fazem parte da revista que estudamos. Por isso utilizamos a publicação da coletânea como recorte da interpretação que fazemos

A Revista Histórica Inglesa trazia uma nova concepção de história. O "histórico" aqui é a história científica. Veremos que essa expressão carrega apropriações e interpretações diversas. E no cenário do século XIX ela pode ser marcante para entendermos sua contribuição para a história da historiografia. A Revista Inglesa é um objeto de estudo novo dentro de um contexto que, entre outros, foi explicado por Estevão Martins da seguinte forma:

> A importância marcante do século XIX para os fundamentos da disciplina da historiografia em seu estado atual deve-se a um fenômeno único, de desdobramentos complexos: o abandono das concepções relativas à investigação e à escrita da história que formaram a tradição europeia praticamente desde o Renascimento e talvez mesmo desde a Antiguidade clássica. As diversas escolas e correntes historiográficas do século XIX coincidem pelo menos em um ponto: deixam de considerar a história como uma crônica baseada nos testemunhos legados pelas gerações anteriores e entendem-na como uma investigação, pelo que o termo "história" recupera seu sentido originário em grego (MARTINS, 2010, p. 11).

Nosso objetivo não é fazer uma história do periódico, mas um estudo da historiografia no momento de constituição do pensamento histórico-científico inglês. A *English Historical Review* é uma fonte privilegiada para o debate da historiografia de final do século XIX na Europa. Ela pode ser tomada, por exemplo, como inspiração para pesquisas acerca das discussões da história científica. O periódico foi marcante, por exemplo, para a inserção inglesa no debate historiográfico da época. Ele registra as expectativas e objetivos dos então considerados "historiadores profissionais".

A criação da revista, como ocorreu em outros países europeus, era sintoma da profissionalização da disciplina histórica (IGGERS, 1997; BURROW, 2008). Com o material documental de que dispomos queremos conjugar a discussão da ciência histórica com a sua profissionalização. Por profissionalização entendemos a formação de um padrão de pesquisa acadêmica que se contrapõe sobremaneira a "historiografia tradicional". Nas palavras de John Burrow:

> Os resultados da pesquisa deveriam ser caracteristicamente apresentados, pelo menos incialmente, nas revistas acadêmicas recentemente fundadas para aquele propósito, cujos editores estavam em posição de cumprir tais padrões de pesquisa. [...] A longa história da historiografia e pesquisa a partir de Heródoto tinha alcançado seu término: Clio estava revelada e agarrando uma cadeira, provavelmente na Alemanha (BURROW, 2008, p. 427-428).

---

da Revista e da historiografia inglesa. Não queremos afirmar que a produção da *English Historical Review* culmina na criação da *Cambridge Modern History*, como, se sobre a influência de Lord Acton, o periódico leva-se à coletânea. Mas já indica uma hipótese a ser pensada sobre a ligação entre esses dois objetos.

O estabelecimento de um consenso profissional, um modelo único de estabelecimento da historiografia profissional, é motivo de questionamento, como o próprio Burrow propõe. Talvez uma das poucas referências seguras que podemos fazer, como é indicado no final da última citação, é que a influência alemã na produção da revista é marcante.

O grupo dos principais historiadores da revista, que analisaremos no segundo capítulo, pode ter proporcionado a formação de redes, de filiações e instituições que se tornaram o espaço de uma determinada configuração intelectual. Poderia a *English Historical Review* representar inflexões, mutações ou divergências no final do século XIX com os textos que recortamos? Dessa forma, essa discussão pode ser inserida também na perspectiva de história intelectual defendida por Helenice Rodrigues. Segundo a autora:

> Em síntese, a história intelectual tende a se apresentar sob a forma de uma história dos intelectuais e/ou de uma história das ideias. As abordagens oscilam, por um lado, entre análises hermenêuticas de discurso de textos, de obras, e uma propensão à biografia, e, por outro lado, em forma de descrições de redes, de filiações, de instituições, de configurações intelectuais (SILVA, 2002, p. 24).

Por isso nossa abordagem se pautar na escolha dos principais autores e dos textos mais significativos. Daqueles textos que detinham uma reflexão teórica ou uma discussão que foi retomada em outro momento por outro autor, etc. A partir da interação, do diálogo entre esses autores poderemos indicar o que se discutia em torno da prática histórica.

Com a reflexão de Michel de Certeau temos o entendimento dessa discussão no interior de um determinado grupo de intelectuais como uma questão socioepistemológica. Uma "indústria historiográfica", que quer dizer um lugar socioeconômico de produção, com regras científicas e a construção de um relato textual (CERTEAU, 2011, p. XII). Os métodos, os interesses, os documentos e as questões do trabalho histórico são frutos de um determinado lugar social.

A prática histórica é analisada já há algum tempo então com "desconfiança epistêmica". Essa desconfiança quer dizer que toda interpretação histórica depende de um sistema de referência, como afirmou Michel de Certeau (2011). Esse sistema é uma filosofia implícita particular onde:

> Os "fatos históricos" já são constituídos pela introdução de um sentido na "objetividade". Eles enunciam, na linguagem da análise, "escolhas que lhes são anteriores", que não resultam, pois, da observação – e que não são nem

> mesmo "verificáveis", mas apenas "falsificáveis" graças a um exame crítico (CERTEAU, 2011, p. 48).

Além desse "não-dito" da prática histórica há também o peso do lugar de onde fala o historiador. Na analise de Certeau esse lugar é nomeado como uma *instituição histórica*, o "lugar deixado em branco ou escondido pela análise do sujeito sobre o objeto". Com esse conceito uma obra de história que tem valor é aquela que é assim reconhecida pelos pares. "O livro ou o artigo de história é, ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como um laboratório" (CERTEAU, 2002, p. 73). Considero que a explicação do que seria um texto histórico dada pelo autor se aproxima da prática que se encontra na Revista. Segundo Certeau:

> Mais genericamente um texto histórico (quer dizer, uma nova interpretação, o exercício de métodos novos, a elaboração de outras pertinências, um deslocamento da definição e do uso do documento, um modo de organização característico, etc.) enuncia uma operação que se situa num conjunto de práticas. Este aspecto é o primeiro. É o essencial numa pesquisa científica. Um estudo particular será definido pela relação que mantém com outros, contemporâneos, com um "estado da questão", com as problemáticas exploradas pelo grupo e os pontos estratégicos que constituem, com os postos avançados e os vazios determinados como tais ou tornados pertinentes com relação a uma pesquisa em andamento (CERTEAU, 2011, p. 57).

Dessa forma a Revista Histórica Inglesa pode ser pensada como uma instituição histórica. Que pode exercer uma função de orientação por "ser a história o principal estudo entre os estudos humanos, capaz de enriquecer os demais". Essa ideia, do texto histórico ser fruto de um lugar, de um laboratório, pode ser relacionada com um trecho do prefácio da Revista:

> […] nós desejamos, ao perseguir isso por seu próprio bem em um espírito calmo e científico, fazer dessa Revista tanto quanto for possível um interessante meio de homens pensando no estudo histórico, de acostumá-los a seus métodos de investigação e de mostrá-los como apropriar de seus grandes resultados (PREFATORY NOTE, 1886, p. 5-6) [3].

Um estudo sobre o historicismo como momento de fundamentação da ciência da história também se fez necessário em nosso trabalho. As reflexões de Leopold von Ranke, um dos principais representantes desse pensamento, sobre a prática moderna da história e o tema da objetividade e da crítica das fontes, teve forte impacto entre os ingleses não apenas pelo motivo profissional, como analisaremos em breve.

---

[3] [...] we desire, while pursuing it for its own sake in a calm and scientific spirit, to make this Review so far as possible a means of interesting thinking men in historical study, of accustoming them to its methods of inquiry, and of showing them how to appropriate its large results (PREFATORY NOTE, 1886, p. 5-6).

Collingwood não deixa explícita essa influência, na passagem que citamos no início, mas uma de suas fontes de diálogo foi certamente, o historicismo. Não há uma referência explícita no conteúdo da *English Historical Review* ao termo – o historicismo. Referências a alguns dos mestres historicistas sim: Treitschke, Mommsen, Gneist, Droysen e até Karl Lamprecht. Um trecho da Conferência Inaugural de Lord Acton ao assumir a cadeira de História Moderna em Cambridge, em 1895, porém, pode indicar o começo de nossa problematização. Cito o trecho:

> [...] Desde que Cuvier reconhecera pela primeira vez a junção entre o curso da descoberta indutiva e o curso da civilização, a ciência teve sua parcela de responsabilidade em saturar a época com modos históricos de pensamento e em sujeitar todas as coisas a essa influência para a qual os termos deprimentes de historicismo e espírito histórico foram inventados (ACTON, 2010, p. 281).

Essa passagem será melhor trabalhada logo mais. Por agora a consideração pejorativa do historicismo feita por Acton revela um pouco dos problemas da especificidade da historiografia inglesa. Uma vez que o próprio Acton era a fonte de inspiração de muitos historiadores da *Review*. E é dele o seu primeiro artigo. Era Acton ainda um seguidor, mesmo que com ressalvas, de Ranke.[4] E há inúmeras referências ao primeiro artigo de Acton na *EHR*[5] como um dos principais responsáveis pela constituição do profissionalismo e da história científica entre os ingleses seguindo os moldes alemães. Esse trecho de Lord Acton demonstraria uma ambivalência que lhe é própria: por pregar seus princípios morais e patrocinar a nova história científica. O movimento historicista era visto com reservas por Acton, em virtude de sua tarefa primordial de "exposição completa da verdade" (KOCHAN, 1954, p. 40). Principalmente a ideia implícita deste tipo de historicismo, a ausência de qualquer pressuposição por parte do historiador. O historiador deveria agir com "a imparcialidade de um barômetro registrando o estado da atmosfera do que estuda" (KOCHAN, 1954, p. 43). Mas entre as principais características que Acton condenava, está a de que no romantismo, se referindo também ao historicismo, "a história se legitima quando se torna historiografia". Para Lionel Kochan:

---

[4] Um dos que já reconheceram essa posição de Acton e que desenvolveu uma interpretação de Ranke e do Historicismo a partir daí foi Sérgio Buarque de Holanda: "O atual e o inatual em Leopold von Ranke." In: _____. (org.). *Ranke*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Vol.8. São Paulo: Ática, 1979. pp. 10, 11, 18.

[5] A partir deste ponto todas as referências ao título da revista serão grifadas como *EHR*.

> No entanto, essa atitude para Acton era intolerável; ela impunha a negação de certos valores que para ele estavam além da história. Isso reduzia o homem a um mero ser histórico e destitui sua atividade a um nível desprovido de valor. Ele requeria fora da história para restabelecer o equilíbrio da história. Ele não queria, nem desejava, rejeitar inteiramente os ensinamentos do romantismo. Mas ao mesmo tempo, porque isso implicitamente ou explicitamente deixava fora de consideração que o aspecto da experiência humana não é limitado pelo histórico – porque, fundamentalmente, ele (o romantismo) enxergava a história de um ponto de vista da própria e não de um ponto de vista externo – ele era forçado a desenvolver uma atitude que o levou a entrar em conflito com a maior parte de seus contemporâneos (KOCHAN, 1954, p. 44).

A reflexão teórica da *EHR* a partir de seus principais historiadores poderia indicar esse momento que é de transição e manutenção de práticas historiográficas entre a historiografia vitoriana e a historiografia profissional. Algumas posições, como a de Acton, revelam em algum momento considerações que pertencem a tradições historiográficas anteriores.

Perguntamos então, como a reflexão teórica da história se desenvolveu na *EHR*. Esta pergunta está evidentemente relacionada com o processo de cientifização da história. À sua metododização, logo sua profissionalização. Como sugeriu Jörn Rüsen "os resultados reflexivos de uma especialidade como a teoria da história sempre foram produzidos no âmbito da profissionalização dos historiadores" (RÜSEN, 2010, p. 27). Poderíamos dizer que é a partir do momento em que a história assume uma postura de escrita institucional, ligada as cátedras de história nas universidades, e se profissionaliza que se começa a teorizar sobre sua própria prática.

Para Collingwood, mais uma vez, os historiadores ingleses de fins do século XIX tiveram pouco interesse pela teoria do que faziam (COLLINGWOOD, 1989, p. 185-186). Mas estariam todos sob "a sombra do positivismo"? A maneira de Collingwood, tentaremos "distinguir corretamente quais são os elementos progressivos e quais os retrógrados" (COLLINGWOOD, 1989, p. 176) na elaboração da história científica entre os historiadores profissionais ingleses.

É preciso lembrar também que nosso estudo não quer reabilitar ou resgatar historiadores do passado. Nosso objetivo último é tratar dos problemas da prática histórica atual: recuperar debates e buscar a compreensão de textos que foram cobertos por críticas nem sempre fundamentadas da historiografia do século XX. Próximo aos propósitos explicitados por Arrais (2007), em trabalho sobre a escola metódica, o que fazemos é analisar nem tanto uma revolução na historiografia, mas a estrutura interna do

primeiro periódico inglês sobre a história científica, seus limites e contribuições. Nesse sentido nosso olhar se propõe mais compreensivo que aqueles que em alguns momentos deixaram as questões políticas e institucionais impedirem a contribuição daquelas páginas.

Com o desenvolvimento da pesquisa percebemos que uma analise dos textos a partir de elementos que a discussão da história das ideias e a história intelectual recentes classificam como "convenções linguísticas", "contextos históricos", pautada nas referências e intenções, poderia indicar como a profissionalização da história, que temos nos textos da *EHR*, se relaciona com a prática científica da história. Quais os objetivos dos historiadores e como refletiram o debate teórico-metodológico daquele momento. Por isso o contextualismo linguístico de Quentin Skinner foi a metodologia que utilizamos para selecionar e abordar os textos da *EHR*. O contextualismo linguístico se refere a uma compreensão dos significados dos textos a partir de seus motivos. Ele recusa as tendências que predominam a história das ideias, ora contextualista, centrada nos fatores religiosos, políticos e econômicos, ora textualista, onde o texto em si seria suficiente para compreender o seu significado (SKINNER, 1969, p. 3).

A partir da influência das reflexões da filosofia da linguagem, e no interior da "Escola de Cambridge", Skinner desenvolve suas reflexões sobre as intenções e motivações dos autores ao pronunciarem ou escreverem uma palavra, frase ou enunciado. Skinner recupera a "tradição intencionalista da filosofia da história" (SILVA, 2010, p. 305), aplicada para a interpretação de textos. Por isso consideramos que essa poderia ser uma alternativa interessante para trabalharmos a história intelectual da *EHR*.

Para o nosso trabalho realizamos um recorte dos primeiros 17 anos do periódico. O ano de 1902 foi considerado como significativo porque é o ano da morte de Lord Acton, um dos principais inspiradores do início da *EHR*. Além de ser o ano da publicação da coletânea *Cambridge Modern History*, como afirmamos acima, cujo plano de organização era de Acton. A História Moderna de Cambridge revela ainda um texto introdutório escrito por Mandell Creighton, o primeiro editor da revista que trabalhamos.

Nossa abordagem da *EHR* ainda se referencia a uma consideração das revistas históricas onde novas formas de pensamento em reação a formas e práticas tradicionais se apresentam como uma estratégia para romperem paradigmas, por uma determinada

escola histórica (BENTIVOGLIO, 2012, p. 225). Seria a *EHR* um espaço de discussão das escolas históricas inglesas do século XIX?

Nosso texto foi organizado então a partir da reflexão do que seria o debate da cientifização e profissionalização da história juntamente com uma preocupação de analisar o cenário historiográfico inglês no século XIX. Já nesse momento procuramos trabalhar com uma perspectiva de desmistificação, com um contato direto com os textos dos grandes representantes desses momentos históricos e alguns de seus grandes interpretes. Essa escolha não foi aleatória. O historicismo alemão, junto ao nome de Leopold von Ranke será tratado no primeiro momento do Capítulo I graças a "referência empírica" desse autor e de outros nomes do movimento na *EHR* e pela tradição da história da historiografia em considerá-los como grandes nomes do pensamento histórico do XIX. Um segundo momento deste primeiro capítulo tenta abarcar a historiografia vitoriana. Esse primeiro capítulo trata então da referência disponível para os historiadores profissionais da revista.

O Capítulo II constitui-se no espaço de enfrentamento da fonte. Onde procuro descrever e demonstrar a produção histórica feita dentro do periódico juntamente com uma problematização das formas como interpretamos a fonte. O objetivo é traçar um perfil da Revista Histórica Inglesa, parte de sua história. Em um segundo momento do capítulo iniciamos sua interpretação atendendo ao debate da reflexão teórica da história. Isso será feito pela analise das resenhas de livros.

No capítulo III, a interpretação da *English Historical Review* nos quadros que apontamos nos capítulos anteriores – sua ligação com o problema da ciência da história e a produção realizada pelos ingleses, resultado do atrito entre a tradição vitoriana e a nova historiografia profissional – nos conduziu à nomeação de alguns historiadores que podem ser considerados como principais. Historiadores que com seus textos nos oferecem contribuições importantes para o desenvolvimento da consciência histórica científica na Inglaterra do final do século XIX.

Por fim, consideramos que a partir da identificação das principais referências intelectuais, da análise dos principais temas tratados ao longo de nosso recorte temporal e do exame de textos selecionados dos principais historiadores que atuavam no contexto da revista, podemos construir um quadro mais sistemático e propositivo da historiografia inglesa do final do século XIX que as interpretações tópicas até agora produzidas pela historiografia brasileira.

CAPÍTULO I
O PROBLEMA DA HISTORIOGRAFIA CIENTÍFICA DO SÉCULO XIX

Em nossas leituras sobre a história da historiografia a influência de Leopold von Ranke (1795-1886) na formação institucional e profissional da disciplina da História pode ser constatada nos primeiros números da *English Historical Review*. A consideração de Ranke como o "mestre de uma ciência" não aparece explicitamente, mas em alguns trechos encontramos referências ao historiador alemão.[6] Por isso dedicamos um primeiro momento a analisar alguns de seus elementos teórico metodológicos.

O legado rankeano para a historiografia se estabelece como uma exigência de um padrão de pesquisa histórica. Esse padrão que formará a nova historiografia profissional exigia uma posição acadêmica que evitasse os julgamentos de valor e um compromisso da historiografia com os valores políticos e sociais (IGGERS, 1997, p. 28). Assim como pela exigência de objetividade e de um trabalho cuidadoso de crítica das fontes. Pela analise da Revista a pretensão apartidária e o uso das fontes são alguns dos principais elementos encontrados que se referem a reflexão de Ranke.

Na vasta historiografia que trata do historicismo, encontramos leituras sobre esses aspectos que estão relacionados com o processo de cientifização, principalmente na Alemanha. O historicismo seria a época do desenvolvimento da ciência histórica, na qual esta se constituiu, como ciência humana compreensiva, sob a forma de uma especialidade acadêmica (MARTINS, 2002, p. 2). Essa definição que enfatiza o conhecimento histórico acadêmico será uma das principais que seguiremos, uma vez que a pluralidade de interpretações podem nos desviar do tema da constituição de um método. Diante da nossa fonte entendemos que a preocupação maior dos seus

[6] Além das considerações de Lord Acton no artigo *German Schools of History* (1886), há uma resenha de A. W. Ward do livro "História dos franceses e alemães no século XIX" (1888). Podemos ainda contar cerca de outras 40 referências ao historiador alemão. Além de referências explícitas em notas de rodapé e bibliografia, destaca-se a comparação que Samuel R. Gardiner faz entre as concepções de Acton e Ranke na resenha a respeito da *Lecture of the Study of History*, de Lord Acton, em 1896 p. 121-123; e ainda a interpretação de Reginald L. Poole sobre Ranke e Acton no volume 17, de 1902.

historiadores era laboratorial, ou seja, voltada para crítica de documentos e debates interpretativos. Estavam preocupados nesse primeiro momento principalmente com a pesquisa documental. Consideramos então os elementos associados ao método em nossas analises do historicismo e de Ranke.

Tarefa que deve ser tomada com cuidado para não cair em interpretações equívocas sobre o autor. Para Sérgio da Mata, Ranke é "um dos territórios minados da história da historiografia". Ele se tornou para alguns um mito historiográfico, assim como a chamada historiografia positivista do século XIX. Esses mitos são caracterizados por visões equivocadas, enganosas de autores e escolas históricas. Sua origem se deve a ausência de leitura dos textos dos próprios autores, a informações de segunda mão, a interpretações desconectadas do seu contexto textual ou histórico. Segundo Sergio da Mata, onde o olhar questionador e o rigor acadêmico cedem à tradição e ao argumento de autoridade, lá predomina aquilo que Husserl designava como "atitude natural", uma naturalização do dado – ou do imaginado (MATA, 2010, p. 188). É contra essa atitude natural, essa leitura filtrada, que nosso trabalho se ergue.

Gostaríamos de destacar também que o historicismo é uma oportunidade para refletirmos sobre alguns aspectos teórico-metodológicos. O que contrariaria as críticas que o considera a-teórico, empirista e até positivista. Destacaremos na obra de Ranke, e de alguns da *EHR*, conforme demonstremos que suas pesquisas não desconsideram a reflexão sobre seu ofício. Eles praticavam história de maneira refletida.

Este entendimento não é novo. Ele segue posicionamento de Arno Wehling sobre o estudo do historicismo: "o debate sobre o historicismo pode não dar soluções; mas encaminha problemas, possui um dos principais filões teóricos do conhecimento histórico e parte substancial de sua episteme" (WEHLING, 1994, p. 12).

Também Estevão Martins faz uma conclusão nesse sentido:

> Cabe, pois, reconhecer ter sido o próprio historicismo que abriu à teoria da história o caminho a seguir para superar seus limites, para superar seu eventual aprisionamento em formações culturais datadas (MARTINS, 2000, p. 113-125).

O professor Pedro Caldas é outro a refletir de maneira semelhante. Para ele:

> [...] parte deste desprezo descuidado pela teoria é atribuído ao século XIX, mais especificamente ao historicismo, que teria feito o esforço de se libertar de qualquer resquício de sotaque filosófico e naturalista para, finalmente, fazer sua historiografia de maneira independente. Ora, [...] é justamente no historicismo que se encontra essa capacidade reflexiva que perfaz os níveis de abstração existentes na prática historiográfica (CALDAS, 2007, p. 48).

No texto em questão Pedro Caldas desenvolve essas dimensões reflexivas com as analises de Herder, tratando de sua filosofia da história, Droysen, com o método científico e a interpretação de Goethe, pela ideia de vida histórica.[7] Droysen já demonstrava sua preocupação em determinar a especificidade do pensamento histórico com a ideia de que a tarefa da teoria da história era estabelecer as leis da pesquisa histórica (DROYSEN, 2010, p. 46).

Uma obra fundamental para pensarmos o historicismo, e uma das obras responsáveis pela sua divulgação é o livro sobre suas origens, de Friedrich Meinecke (1862-1954). Para Meinecke o historicismo se caracteriza antes de qualquer coisa pela substituição de uma consideração generalizadora por uma consideração individualizadora das forças históricas (MEINECKE, 1982, p. 12). Isso significa afirmar a necessidade de enfatizar a dimensão individualizadora da vida histórico-universal. A oposição aqui é contra o jusnaturalismo. Meinecke se atém nesse trabalho a gênese do historicismo no século XVIII. Para ele o historicismo:

> [...] tem chegado a ser de tal maneira parte integrante do pensar moderno, que suas pegadas são visíveis para um olhar atento em quase todo juízo substancial sobre as formações humanas. Pois quase sempre, clara ou confusa, a representação de que a particularidade destas formações depende, não só de condições externas, se não de condições intimamente individuais (MEINECKE, 1982, p. 14).

Embora seja uma palavra até então recente, o historicismo é para Meinecke o maior grau alcançado para compreensão das coisas humanas. Ele acreditava ser o historicismo capaz de "curar as feridas que tem infligido o relativismo dos valores, supondo que encontre homens que transformem este ismo em vida autêntica" (MEINECKE, 1982, p. 14). A revolução espiritual a que se refere está relacionada com o pensamento evolutivo e individualizador do historicismo. O objetivo principal de Meinecke nessa obra é a "camada profunda da vida psíquica-espiritual da que procedem as variações do pensamento sobre problemas históricos particulares" (MEINECKE, 1982, p. 18).

Outra leitura consagrada é a de Benedetto Croce com a interpretação do historicismo como a afirmação de que "a vida e a realidade são história" (CROCE, 1962, p. 51). Uma afirmação da disciplina e do conhecimento que se contrapõe a universalização, a não consideração da particularidade histórica. A questão

[7] Revista OPSIS, Curso de História, UFG – Catalão, v. 7, n. 9, jul-dez. p. 47-66. 2007.

problemática é que as ideias e os valores não seriam universais. São fatos históricos e particulares. Nesse sentido o historicismo substituiria as ideias pseudo absolutas do iluminismo pelas categorias absolutas e a síntese *a priori* da experiência. Mas o historicismo, ou racionalismo concreto não desconsidera o universal por completo, ele implica "um individual racionalizado e, só graças ao universal, historicamente individuado" (CROCE, 1962, p. 53).

Essas considerações aproximam-se do trabalho de Ranke, embora Croce tivesse reservas em relação ao historiador alemão. O historiador italiano considerava a historiografia de Ranke sem problema histórico e próxima de um tipo de naturalização das determinações ideais ou historicidade natural. Para Croce, Ranke, "parece ter diante de si um cadáver para embalsamar com muita arte" (CROCE, 1962, p. 79). A crítica de Croce, segundo o próprio autor, estava direcionada, portanto à *forma mentis* das reflexões de Ranke, e não aos seus trabalhos e livros, cuja importância documental era indubitável (CROCE, 1962, p. 83).

Sérgio Buarque de Holanda é outro a destacar no historicismo sua dimensão reativa em relação ao naturalismo, que explorava uma estabilidade obrigatória da natureza humana, postulados eternos e universalmente válidos, em favor de uma reflexão individualizante, "tendente a mover-se de acordo com o curso imprevisível da história" (HOLANDA, 1994, p. 8-9). Utilizando o termo historismo e não historicismo – para evitar a confusão com a noção trabalhada por Karl Popper como uma teoria para previsões históricas[8] – Holanda considera o historicismo uma mentalidade difícil de refutar em bloco e que teria como representante Leopold von Ranke. O autor também se refere a uma *forma mentis*, que seria a do historicismo, que é "especificamente alemã" (HOLANDA, 1994, p. 34).

Outro autor que considera o historicismo como uma forma de pensar profundamente alemã é José Carlos Reis (2003). Para ele o historicismo tem como marco a Revolução Francesa, que teria como um de seus desdobramentos uma oposição

[8] A obra de Karl Popper (1980) a que nos referimos é um dos principais textos sobre a questão das ciências humanas. A tese de seu livro é a de que a crença no destino histórico é pura superstição, não há como prever, com os recursos do método científico o caminho da história humana. O "historicismo pobre" a que ele se refere tem por objetivo fazer predição histórica (POPPER, 1980, p. 6). Admitia-se que esse objetivo era alcançado pela descoberta dos ritmos ou dos padrões, das leis subjacentes à evolução da História. Logo, trata-se do historicismo de matriz hegeliana, marxista. Consciente disso, Sérgio Buarque de Holanda escolheu o termo *historismo*, mas optamos pela tradução *historicismo* mesmo quando utilizarmos seu texto.

na percepção do tempo entre os filósofos do século XVIII e os historiadores historicistas do século XIX. A Escola Histórica condenava a Revolução Francesa, buscando no passado, por exemplo, uma justificação das instituições feudais que ainda prevaleciam. Os filósofos legitimavam a Revolução com uma ideia universal e *a priori* da sociedade. Para os historicistas a história foi considerada como "fidelidade aos homens do passado" (REIS, 2003, p. 209).

Essa oposição à doutrina iluminista, resultado de um "contexto de guerra" do século XIX entre franceses e alemães, gerou um posicionamento anti-teórico por parte dos historicistas. Contra aquilo que tinha levado aos excessos da Revolução Francesa, os historicistas defendiam a razão histórica. José Carlos Reis explica da seguinte forma:

> A razão só pode ser histórica, e se manifesta nas formas e criações de cada sociedade, envolvendo profundamente cada um de seus membros. Toda especulação ou teoria sobre a história revela mais os preconceitos dos seus construtores do que as deficiências da realidade. Portanto, a especulação e a teoria prejudicam o conhecimento do passado e deveriam ser banidas da história. O historicismo combatia as teorias iluministas e jusnaturalistas, que legitimavam a ruptura com o passado (REIS, 2003, p. 210).

O autor ainda encontra duas fases do historicismo. A primeira foi denominada de *historicismo filosófico*, que opunha natureza e história, sob duas orientações. A primeira que sistematizava o devir humano a partir de um princípio *a priori*. E a segunda que tendia a relativização, já que a história não oferece certeza, nem verdade (REIS, 2003, p. 219). Há de fato nessa forma de historicismo uma aproximação com o Iluminismo.

A segunda fase seria o *historicismo epistemológico*. Ele se ergue contrapondo ao historicismo filosófico ao recusar uma filosofia da história.[9] Sobre uma influência neokantiana afirmava a especificidade das ciências humanas. A separação entre natureza e história não seria ontológica, mas epistemológica (REIS, 2003, p. 219).

O historicismo tratado por José Carlos Reis é o "historicismo epistemológico com contaminações filosóficas", em sua formulação diltheyniana. Para o autor brasileiro, Dilthey foi um dos grandes representantes do movimento historicista, aquele que combateu Hegel (1770-1831) "afirmando a história, a experiência vivida, a temporalidade humana e viva contra a temporalidade aistórica, universal e divina da razão" (REIS, 2003, p. 230). Dilthey teria realizado uma "revolução copernicana",

[9] Entendemos filosofia da história aqui a partir da definição de Karl Löwith, "uma interpretação sistemática da história universal de acordo com um princípio segundo o qual os acontecimentos e sucessões históricos se unificam e dirigem para um sentido final" (p. 15). LÖWITH, K. *O Sentido da História*. Rio de Janeiro: Edições 70.

concebendo que é a razão que gira em torno da vida e não o contrário, como supunham os naturalistas.

Um dos principais temas da obra de Dilthey indicados por Reis é o problema da compreensão. Ele associou a crítica da razão kantiana com a Escola Histórica, fundando teoricamente as ciências humanas. Na visão de Reis:

> Ele (Dilthey) tenta fundar a razão das ciências do espírito em condições científicas específicas, que respeitam ainda a historicidade e a singularidade. Além de recorrer a tipos, ele valoriza a relação intuitiva do historiador com seu objeto. Ele propõe um tipo de racionalidade concreta, particular e histórica. Ele quer fazer uma ciência específica, sem leis, do mundo humano (REIS, 2003, p. 238).

Dilthey teve uma forte influência nos estudos históricos do século XX, porém sua concepção da compreensão sofreu diversas interpretações, sendo inclusive considerado dono de uma subjetividade falsa. A ideia de apagar a si mesmo para atingir a subjetividade do outro, ou no projetar-se no outro, é um dos principais problemas de sua teoria. "No final, os dois polos se apagam e não há mais relação" (REIS, 2003, p. 241).

Essa é inclusive a crítica que Hans-Georg Gadamer faz ao historicismo, considerado objetivista. Gadamer parte do insucesso do historicismo em Dilthey para encontrar o sentido de uma hermenêutica histórica, considerando que o conhecimento histórico não pode ser descrito como um conhecimento objetivista. Ele é também um acontecimento histórico (GADAMER, 2006, p. 57).

Entre as demais críticas que o autor faz ao historicismo destaca-se a relação com o tempo. O tempo não seria um precipício que devesse ser transposto para recuperarmos o passado. Segundo Gadamer:

> A "distância temporal" não é uma distância no sentido de uma distância que deva ser transposta ou vencida. Esse era o preconceito ingênuo do historicismo, que acreditava poder alcançar o terreno da objetividade histórica através de um esforço para se colocar na perspectiva da época estudada e pensar com os conceitos e representações que lhes eram "próprias" (GADAMER, 2006, p. 67).

Essa consideração esquece que o que há nessa distância é, na verdade, uma "continuidade viva de elementos que se acumulam formando uma tradição". A ingenuidade historicista apareceria novamente, segundo Gadamer, na concepção de verdade definitiva. Onde:

> Isso significa esquecer que a convicção que perde o seu lugar e a "verdade" que a denuncia e se instala no espaço deixado vazio são, cada uma, membros de uma cadeia ininterrupta de acontecimentos. O "antigo" preconceito não é

> simplesmente desqualificado. [...] Qualquer posição "nova" que substitui uma outra segue necessitando da "antiga", já que ela não pode se explicitar enquanto não souber nem *a* que nem *por* que ela opõe (GADAMER, 2006, p. 69).

Por último, uma das principais críticas ao historicismo feitas por Gadamer:

> O historicismo objetivista é ingênuo porque jamais vai até o fim de suas reflexões. Confiando cegamente nas pressuposições de seu método, esquece-se inteiramente da historicidade que também é "sua". Uma consciência histórica, que se pretenda verdadeiramente concreta, deve considerar a *si mesma* já como fenômeno essencialmente histórico (GADAMER, 2006, p. 70).

Para Gadamer esse malogro filosófico de Dilthey também foi cometido por Ranke. Embora tenha proposto ele mesmo o problema, Dilthey não consegue o fundamento epistemológico novo para justificar a objetividade do conhecimento no domínio das ciências humanas. [10]

Uma definição do historicismo que talvez mais se aproxime do nosso trabalho é a de Jörn Rüsen. As considerações do autor a respeito do assunto costumam aparecer quando ele indica uma concepção moderna da história. Em um de seus trabalhos o historicismo é entendido como:

> [...] um ponto de partida para abordar uma dimensão importante do pensamento histórico. Trata-se de uma dimensão em que passado e presente se encontram numa interação que vai muito além de uma mera relação interpretativa *a posteriori* (seja de natureza realista-objetiva, seja de natureza poético-subjetiva); é uma dimensão onde predomina um "nexo interno" (Ranke) peculiar entre passado e presente, no qual ambos são elementos cruciais. Aqui, o passado está vivo por causa do seu significado histórico para os projetos de futuro do presente; e o presente, por sua vez, está vivo porque a apropriação cognitiva do passado resulta numa interpretação histórica da emergência do presente (*Gewordensein*) (RÜSEN, 2011, p. 270).

Posição similar aparece nas considerações de Martins (2008). Entre os aspectos uteis do historicismo que o autor nomeia está o de ser o período de formatação científica do conhecimento histórico. Neste caso, aquilo que é considerado um consenso atualmente, o fato de o caráter científico da história de hoje ser fruto da sistematização de procedimentos de pesquisas que foi consolidado no século XIX. Outra importante contribuição está associada à possibilidade de explicação dos acontecimentos racionalmente, com base em fontes, sem o recurso à especulação metafísica, nem a

[10] A discussão de Hans-Georg Gadamer que nos referimos aqui foi realizada nas Conferências na Universidade de Louvain, no Instituto Superior de Filosofia em 1958. Essas conferências foram organizadas em livro por Pierre Fruchon em 1963. O livro *Verdade e Método* já estava pronto e no referido livro que tratamos aqui Gadamer trata do problema de como interpretarmos a tradição a fim de alcançar uma consciência histórica.

miopia da observação trivial; além do fato de o historicismo ter defendido a ciência histórica contra o positivismo (MARTINS, 2008, p. 30).

Os aspectos negativos desse movimento são assim entendidos por Estevão Martins: a valorização absoluta da fonte; a sua imprecisão conceitual, devido as constantes reiterações e apropriações; e o fato de não explicitar as razões que levam à escolha deste ou daquele quadro de orientação da interpretação histórica (MARTINS, 2008, p. 42).

1.1 O Historicismo em Leopold von Ranke.

É nas obras de Ranke que podemos identificar de modo explícito algumas das principais características do historicismo. Encontraremos, por exemplo, a ideia de particularidade, se contrapondo a perspectiva universalista oriunda de filosofias da história, como a do Iluminismo. Ou a ideia de uma unidade, relacionada com a história cristã. Princípios esses referentes à constituição de um método da ciência histórica. Também encontraremos referências ao estudo dos grandes nomes da história, na área política ou religiosa.

Entre suas obras destaca-se "O conceito de História Universal", de 1831. Este texto pode ser considerado uma referência para a definição do historicismo já que o mesmo elenca alguns dos principais pressupostos de sua concepção de história.[11] Nele, questões centrais que dizem respeito à natureza do conhecimento histórico são tratadas. Destacamos, por exemplo, o tema da especificidade da história, como arte e ciência ao mesmo tempo. Ranke afirma que:

> A História se diferencia das demais ciências porque ela é, simultaneamente, uma arte. Ela é ciência na medida em que recolhe, descobre, analisa em profundidade; e arte na medida em que representa e torna a dar forma ao que é descoberto, ao que é apreendido.
> Outras ciências se contentam simplesmente em registrar o que é descoberto em si mesmo: a isso se soma, na História, a capacidade de recriação (RANKE, 2010, p. 202).

A história sintetiza as forças espirituais atuantes na poesia e na filosofia. Ranke considera necessário estudar os seus conceitos e justifica a história ciência em relação as

[11] O texto de Ranke que utilizamos é a tradução de Sérgio da Mata, no livro *A História Pensada*, organizado por Estevão de Rezende Martins, 2010.

pretensões de domínio da Filosofia. Essas pretensões são indicadas em referência a caracterização que Fichte (1762-1814) [12] teria feito sobre o domínio de uma filosofia especulativa sobre a História. Entre as pretensões estaria um *a priori*, um conceito que receberia os eventos adequados a si (RANKE, 2010, p. 204). Dessa forma desapareceria o interesse pelo particular, logo pelo passado. O conceito filosófico abarcaria a História. O que isso quer dizer é um procedimento que Ranke considerada errôneo. Esse procedimento seria quando

> [...] o filósofo, partindo de um lugar completamente diferente, de uma verdade descoberta de uma maneira que lhe é própria, constrói a totalidade da História – como se ela tivesse de ser deduzida a partir de seu conceito de humanidade. Em seguida, não satisfeito em ter de verificar se seu conceito é verdadeiro ou falso a partir do decurso do que realmente aconteceu, ele passa a adequar os eventos ao conceito (RANKE, 2010, p. 204).

Ranke quer afirmar o princípio ativo da perspectiva histórica que se opõe à perspectiva filosófica. Nesse sentido, a História reconhece o infinito em cada coisa viva, em cada ser; é isso o que chama de princípio vital (RANKE, 2010, p. 206). Se o princípio particular é a principal reivindicação da História, o conhecimento das "exigências da pesquisa histórica" se faz necessário.

Tais exigências seriam:

1. O amor à verdade; que garante que não encontremos no evento estudado nossas teorias e nossa imaginação.

> Na medida em que reconhecemos nosso objetivo mais elevado no evento, no estado momentâneo de algumas cosia ou no individuo que queremos conhecer, adquirimos uma consideração elevada por aquilo que aconteceu, se passou, se manifestou. O primeiro passo é reconhecer isso. Caso quiséssemos, por meio de nossa imaginação, nos antecipar em algum lugar a tal objetivo, estaríamos trabalhando contra ele, estaríamos reconhecendo apenas o reflexo de nossas teorias e de nossa imaginação (RANKE, 2010, p. 207).

O que se deve perceber não é apenas o "quando" e "onde" de algum fenômeno, o que caracteriza o seu conhecimento externo, mas o que o princípio particularizante revela, o que é "interno".

2. A investigação documental;

> Primeiramente dedicada ao próprio fenômeno, suas condições, seu contexto, sobretudo pela razão de que, procedendo de outra forma, não estaríamos capacitados para obter o conhecimento: - e, consequentemente, para o conhecimento de sua essência, de seu conteúdo (RANKE, 2010, p. 208).

[12] Johann Gottlieb Fichte foi um dos principais representantes do idealismo alemão, tendo uma aceitação por parte de Ranke, por isso lhe faz referência concordando.

Nesse momento Ranke parte do princípio de que qualquer formação é uma formação espiritual, e apenas uma percepção espiritual pode apreender tal formação. O sujeito deverá harmonizar "leis que atuam no espírito do observador com aquelas por meio das quais o objeto observado se manifesta" (2010, p. 208). Ranke chega então a terceira exigência:

3. Um interesse universal;

> Há aqueles que se interessam apenas pelo estudo das instituições burguesas ou das constituições, pelos avanços da ciência ou pelas realizações artísticas ou pelos enredos políticos. A maior parte da história escrita tratou até agora da guerra e da paz (2010, p. 208).

Ranke considera que esses campos não estão separados entre si, são articulados, é o que torna-nos capazes de entender "um por meio do outro". Isso é imparcialidade para o autor. Essa pretensão a imparcialidade não seria uma falta de interesse, mas um interesse no conhecimento puro, livre de opiniões preconcebidas.

4. O nexo causal; essa exigência relacionada ao que intitula como função pragmática da história, que deve associar causas e efeitos.

> O precedente condiciona o posterior. Existe uma articulação íntima entre causa e efeito – mesmo que não possamos data-la, o nexo causal não está menos presente. Ele existe, e, pelo fato de existir, devemos procura-lo e conhece-lo. [...] Secas em si são apenas as causas aparentes. Causas verdadeiras são variadas, profundas, passíveis de uma observação viva. Assim, tal como o conhecimento em geral, nosso próprio pragmatismo é documental (2010, p. 209).

A ênfase numa temporalidade linear e na dimensão prática do raciocínio executado pelo historiador em seu processo de pesquisa é evidente nessa citação.

5. O apartidarismo; Ranke considera de maneira positiva o julgamento da história. Para ele o problema é que esse julgamento não é feito de forma apartidária. "Em nós vive um interesse distinto do fugaz interesse de outrora" (RANKE, 2010, p. 210). Ranke não é ingênuo, portanto, em relação a metodologia e ao trabalho com as fontes. O julgamento no ambiente político não tem problema, mas no trato histórico, para Ranke, esse julgamento tem problema. Os historiadores que trabalham em busca da verdade, devem entender tudo por um princípio vital originário, devem se tornar "livres internamente" (RANKE, 2010, p. 210).

6. A compreensão da totalidade;

> Trata-se de algo vivo, e assim apreendemos sua manifestação: nós percebemos a sequência das condições que tornam um fator possível por intermédio do outro. Mas isso não é suficiente, há aí uma totalidade, há um

> vir-a-ser, um ser-eficiente, um fazer-se valer, um desvanecer-se. Essa totalidade é tão certa como cada manifestação em cada fator (2010, p. 212).

Identificamos aqui a noção de conjunto, de um processo de desenvolvimento, muito embora o autor considere que somente Deus teria a capacidade de conhecer a história universal (RANKE, 2010, p. 212). É com essas exigências metodológicas que a História supera a Filosofia, problemática inicial colocada no texto.

É importante ressaltar que em Ranke a história universal está associada à perspectiva ocidental cristã. Essa associação é indicada pela referência ao estado natural da história da China e da Índia, que ele faz no final do texto.

> Finalmente, só podemos dar uma atenção muito limitada aos povos que ainda hoje em dia permanecem numa espécie de estado natural, e permitem supor que desde o início tal estado permanece o mesmo e que o mundo primitivo neles se conservou. A Índia e a China são antiquíssimas e dispõem de uma cronologia muito abrangente. Mas mesmo os mais inteligentes elaboradores de cronologias são incapazes de se livrarem do estado natural (RANKE, 2010, p. 214).

Essa interpretação aproxima-se também da consideração de Iggers (2011, p. XXXII), segundo o qual, Ranke reconhecia apenas a civilização ocidental cristã como histórica. Como assinalou Sergio da Mata, a religiosidade de Ranke foi uma de suas características responsáveis pelo reconhecimento do valor de cada época. Isso porque, apesar de suas crenças, Ranke entende que as verdades religiosas não estão ao alcance do método histórico (MATA, 2010, p. 192).

Em outro texto de Ranke, “As Grandes Potências”, encontramos essa reflexão sobre a história universal. “A História Universal não apresenta apenas o espetáculo de combates fortuitos, ataques recíprocos, Estados e povos que se sucedem, como pode parecer à primeira vista” (RANKE, 1994, p. 179). O segredo dessa História Universal estaria nas forças espirituais. São essas forças particulares que garantem “uma coletividade superior”. O que poderemos conceber como uma declaração historicista. Na comparação de Ranke:

> Se todas as literaturas perdessem suas características próprias para se misturarem e amalgarem, não se poderia ter um resultado mais tedioso. Não! A união de todas há de basear-se na autonomia de cada uma. Nada deve impedir que entrem em contato; o que não se deve querer é o predomínio esmagador de uma sobre as outras. [...]
> A harmonia verdadeira surgirá da separação e da autenticidade (RANKE, 1994, p. 180).

O estatuto documental também é uma preocupação central nas reflexões de Ranke visto que considerava que apenas o que está documentado é o que existe

historicamente. Dessa forma a pré-história não pertenceria a História. Ela não permitiria a pesquisa documental, princípio fundamental da História científica.

Essa ênfase documental pode ser melhor observada em outro texto, publicado originalmente entre 1834 e 1836. Refiro-me ao livro "História dos Papas". No prologo do livro o autor explica o objetivo do trabalho que era descrever a época de domínio romano posterior aos já consagrados períodos da Antiguidade e da Idade Média. O seu progresso e sua decadência.

Ranke faz um relato de suas pesquisas nos arquivos italianos, em Viena, Veneza e Roma. Demonstra ser um grande catalogador, conseguindo acesso inclusive a arquivos privados. Ele chega a considerar que esses arquivos privados foram mais ricos, confiando na organização já realizada, embora não dispense o exame e a analise crítica (RANKE, 1988, p.10). Essa relação com o arquivo é algo constante, que parece se solidificar na historiografia do século XIX.

Nesse texto introdutório da "História dos Papas" aparecem ainda referências à outra característica da obra de Ranke, que é a ênfase dada ao que poderíamos chamar de "grandes nomes" da história. O interesse pelo poder papal se justifica pelo seu desenvolvimento histórico e sua ação sobre a história universal. Ranke enxerga uma continuidade no poder papal. Nesse momento aparece uma referência aos grandes homens e uma referência empírica a história universal cristã. "Se seguirmos séculos sobre tantos nomes ilustres, desde Pio I, e o II, até nossos contemporâneos Pio VII e Pio VIII, teremos a impressão de uma continuidade ininterrupta" (RANKE, 1998, p. 11).

Com frequência o tema da objetividade é destacado nas analises sobre Ranke. Essa ênfase, entretanto, não leva em consideração o caráter retórico inerente a seus textos. Como lembra Rüsen (1990, p. 190), "a obra de Ranke é um bom exemplo do fato de que a retórica e a estética pode ser mediadas com a racionalidade que define o caráter científico ou acadêmico dos estudos históricos". No caso de Ranke, por exemplo, esse apelo poderia ser notado nas referências autorais. Rüsen teria encontrado treze menções ao "eu" em cem páginas. "Esse "eu" é o historiador, perguntando como ele poderia compreender um evento ou uma ação, explicando sua fonte por um determinado caso, reclamando da impossibilidade de descrever a numerosa arte do Renascimento, etc." (RÜSEN, 1990, p. 200).

Essa dimensão também pode ser encontrada em outras passagens que chamam a atenção para o caráter relativizador de algumas de suas reflexões. Assim, quando

considera que se seu trabalho fosse feito por outro autor o assunto seria abordado de outra maneira graças a uma posição de veneração ou de ódio. A passagem a que refiro é a seguinte:

> Um italiano, um romano ou um católico seguramente abordariam o assunto de outra maneira. Sua veneração ou, acaso, do jeito que estão as coisas na atualidade, seu ódio resultaria na exposição, sem dúvida algum, de cores brilhantes e, em muitos passagens, poderia ser mais circunstanciado, mais eclesiástico, mais local (RANKE, 1988, p. 10).

A menção de Ranke as coisas "do jeito que estão na atualidade" pode ser interpretada como algo sugestivo ao contexto da época em que escrevia. Porém, em relação ao relativismo, Ranke não desenvolve o tema a ponto de assumir um destaque maior.

O texto que utilizamos acima para tratar da história universal de Ranke, "As Grandes Potências", também faz a referência a esse tipo de história política, centrada nos "grandes homens". O objetivo de Ranke nesse texto é analisar o progresso das relações externas entre os Estados. Ele quer com esse texto explorar a relação entre a totalidade das relações políticas, associada ao seu interesse na história universal, com as particularidades inerentes às especificidades dos Estados. Isso porque, segundo Ranke, o específico encerra em si o geral, embora permaneça sempre a exigência de encarar o todo, de maneira isenta. E completa: "da diversidade das percepções isoladas irá surgir natural e espontaneamente uma noção de unidade" (RANKE, 1979, p. 146).

Em sua abordagem sobre a situação política da Prússia, Ranke escreve:

> Nessa hora de real perigo para a Alemanha, época sem Estados poderosos, sem homens notáveis pelos seus feitos, sem consciência nacional muito firme, sem literatura, sem arte, sem cultura que pudessem contrapor-se à supremacia do vizinho, surgiu Frederico II. Levantou-se a Prússia (RANKE, 1979, p. 161).

O Estado vizinho a que se refere Ranke é a França. Já, Frederico II é representado como aquele que:

> Pelejou pela libertação do país e, com ele, a cultura germânica se empenhou em igual tarefa. Frederico ignorou esses parceiros, mas eles bem que o conheceram. Os alemães tornaram-se orgulhosos e intrépidos porque um herói nasceu entre eles (RANKE, 1979, p. 168).

A referência ao aspecto da individualidade, que encontramos na nossa leitura, é uma das principais noções que Friedrich Meinecke trabalhou em Leopold von Ranke. Meinecke explica que dois conceitos fundamentais do historicismo, a individualidade e a evolução individual são encontrados na contribuição de Ranke (MEINECKE, 1982, p.

505). A concepção de história de Ranke é explicada a partir de duas sentenças suas. A primeira está no trabalho "A História da Inglaterra", e diz que: Tudo é vida espiritual geral e individual (RANKE, *apud*, MEINECKE, 1982, p. 504). Ranke relaciona as forças vitais que contribuem para formar a marcha dos eventos. Ele teria buscado um sentido comum, um "geral espiritual da história", mas não no sentido de Hegel (MEINECKE, 1982, p. 505).

A segunda sentença de Ranke, a da "relação de toda época imediata a Deus", resume seus pensamentos, pois:

> Por uma exigência crítica de verdade e por uma simpatia universal julgou Ranke que não podia, de maneira alguma, tratar-se de um progresso da humanidade incondicionado e em permanente ascensão, se prescindimos dos interesses materiais, quando justamente se deixam atuar nele os valores morais e espirituais que cada época produz de um modo peculiar e individual. [...] "Mas eu afirmo (Ranke): toda época esta em relação direta com Deus e seu valor reside, não no que resulta dela, mas em sua própria existência, em seu próprio ser" (MEINECKE, 1982, p. 506).

Essa ideia de "progresso incondicionado" que Ranke defende, na interpretação de Meinecke, pode ser considerada como uma ruptura com a teoria iluminista e hegeliana da história. Meinecke destaca aqui a dimensão perspectivista, ao lembrar que para Ranke cada época possui sua individualidade. Ranke teria chegado, nesse sentido, "ao estágio mais adiantado da aliança entre a ideia e a realidade". Problemática colocada por Meinecke no começo do Apêndice de seu livro. "Esta elevada conexão, esta corrente de ouro é geral e, ao mesmo tempo, em cada momento, individual" (MEINECKE, 1982, p. 511).

É importante ressaltar que Ranke não admitia um crescimento retilíneo para as sociedades humanas, como afirma Holanda (1979). Ele "não afirmaria que o progresso se faz numa linha reta, mas [se faz] antes ao modo das torrentes que, por conta própria, vão abrindo o seu caminho" (RANKE, *apud*, HOLANDA, 1979, p. 54-55). Essa renúncia a um fim, ao sentido da história, é, para o interprete brasileiro, a insistência rankeana em querer observar e mostrar o passado com isenção, sem amores ou rancores que são próprios da condição humana (HOLANDA, 1979, p. 55).

Peter Gay considera que a consideração de que "toda época é imediata a Deus", uma das passagens mais características do historicismo, é também de inspiração religiosa. Ele a entende também como uma revolta contra o Iluminismo. O repúdio ao objetivo ético explícito da história. O historiador não louva nem condena; procura

apenas entender – entender por dentro, adotando critérios do período estudado (GAY, 1990, p. 85).

É também Peter Gay quem atribui o adjetivo a Ranke de "dramaturgo". Segundo o autor, Ranke combina "a mão modeladora do artista literário" com o "labor construtivo do historiador" (GAY, 1990, p. 66). E isso não quer dizer que por ser dramaturgo não seja cientista. O fato de proporcionar prazer não compromete, por si, a expressão da verdade (GAY, 1990, p. 69). Ao mesmo tempo, seguindo o raciocínio de Peter Gay, podemos afirmar que Ranke era também um cientista devoto:

> A religiosidade de Ranke era, a um só tempo, cultural e pessoal. Sob muitos aspectos, ele foi um fruto característico de seu tempo e espaço. Como bom protestante alemão, não via conflito entre a ciência e a religião; para ele, a ciência, quando mais não fosse, possuía uma fundamentação religiosa. Portanto, falar de Ranke como cientista devoto é falar não metafórica, mas literalmente. Todavia, a exata natureza de sua religião era, em grande parte, de sua própria lavra. Como já disse, era uma questão de experiência, não tanto teológica e sim, no sentido mais elevado do termo, vocacional. Deus compôs um poema eterno, e é tarefa do historiador lê-lo e traduzi-lo (GAY, 1990, p. 79-80).

Pedro Caldas trata de problema semelhante quando se pergunta sobre a posição do historiador que a obra de Ranke indica. Para ele a posição do intérprete, do estudioso da história não é evidente. Ele questiona os críticos que consideram uma passividade de Ranke quando considera a "unicidade da verdade".[13] Tal consideração aponta que o historiador deve agir de maneira passiva diante do documento histórico, deve anular-se, apagar-se por completo.

Entretanto, Caldas desenvolve uma reflexão onde demonstra que essa noção de unicidade da verdade faz parte de uma concepção luterana da interpretação. Como vimos acima, é do contato com Deus, que as épocas garantem a sua autonomia. O ponto de vista do historiador para Ranke é divino. Não estando submetido ao tempo, abarcando toda a humanidade. Essa característica luterana possui um peso importante porque, segundo Gerald L. Bruns, que Caldas utiliza em sua analise, a interpretação desde Lutero, não é alegórica, "em que o leitor se apropria do texto", ela é "do tipo em que o leitor é exposto ao texto" (CALDAS, 2007, p. 11-12).

Isso não quer dizer que a subjetividade seja negada, ficando o sujeito a mercê de um trabalho de reflexo. A subjetividade que é refutada aqui é aquela que atribui sentido

[13] Essa passividade seria atribuída a Ranke por ter considerado no prólogo do seu livro sobre a Reforma (1840) que "a verdade acerca do tema haveria de permanecer sendo única, mesmo que fossem escritas infinitas obras sobre tal assunto" (CALDAS, 2007, p. 11).

previamente, como a das autoridades interpretativas das Sagradas Escrituras. “A interpretação luterana não dispensa o sujeito, apenas o coloca em uma posição na qual ele é perpassado pelo mesmo” (CALDAS, 2007, p. 12). Essa interpretação luterana esta de acordo com a obra de Ranke. É isso que dá importância às fontes para o trabalho historiográfico. Temos então uma reflexão crítica sobre a posição do intérprete, do historiador. “Ao intérprete cabe somente pegar o touro à unha, e é desta tauromaquia que fala Ranke, e não de um sujeito distante o suficiente da realidade para poder descrevê-la fidedignamente” (CALDAS, 2007, p. 12).

Ranke tem uma postura luterana de interpretação em relação às fontes quando: articula as esferas da vida histórica onde os nexos não são dados, evidentes; por possuir uma estrutura teleológica de explicação histórica, sem *telos* determinado; e quando se refere ao sentido da individualidade dos agentes históricos, oferecendo uma compreensão orgânica e articulada dos eventos. Dessa forma o sentido da individualidade não estaria estabelecido *a priori*. Segundo ainda Pedro Caldas:

> Como dizer que a verdade do documento estaria, portanto, somente na reconstituição de sua autenticidade? O sentido do documento depende, portanto, da percepção do historiador quanto ao valor do sujeito histórico retratado no documento. Com isso, procuro apontar para um ponto fundamental: a Verdade histórica não se apresenta explicitamente nas fontes. Enfim: nem a teleologia subordina o Homem como uma peça dentro de um mecanismo, tampouco o investigador registra a ação dos indivíduos na história, considerando-os absolutamente livres e autônomos, seres independentes de seu contexto. As fontes não são ilustrações de verdades atemporais e de uma filosofia mecânica da história, e muito menos podem ser lidas sem um posicionamento claro do historiador quanto à temporalidade das mesmas. Vislumbra-se que, em Ranke, o historiador há de se equilibrar entre uma dimensão e outra, demarcando a cada narrativa um território que equilibre a autonomia de cada agente, época e povo com a sua fluência e repercussão históricas (CALDAS, 2007, p. 14).

Esse posicionamento opõe-se, como vimos, às leituras que consideram que Ranke não teria refletido sobre o problema da situação do historiador influenciar em seu trabalho de pesquisa, como se depreende da visão de Gadamer.[14] Ou nas críticas do início do século XX.

Outra reflexão sobre a obra de Ranke que leva em consideração a sua narrativa foi feita por Rüsen. Ele a entende o trabalho de Ranke como exemplo da historiografia científica que teria implantado uma virada anti-retórica na historiografia e chega a

[14] Ver Conferência 2, do livro GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 30.

conclusões semelhantes às de Peter Gay e Pedro Caldas sobre o estilo do historiador do século XIX.

Para Rüsen a expressão "mostrar como realmente aconteceu" revela uma pretensão de objetividade, a compreensão do estudo histórico como ciência empírica, com regras metodológicas. Essa postura junto a outros trabalhos que se desenvolvem no século XIX marca um ponto de reviravolta no desenvolvimento da historiografia (RÜSEN, 1990, p. 192). Rüsen chama isso de "virada anti-retórica" considerando que:

> O trabalho de Ranke marca um ponto de virada no desenvolvimento da historiografia: ela muda da literatura para a ciência. Tradicionalmente a habilidade dos historiadores era sua capacidade para alcançar a mente de seu público pela força persuasiva de suas formas linguísticas, onde o passado se tornava vivo, falando a linguagem do censo comum, ensinando a competência prática nos principais problemas do presente. A historiografia era orientada pelas necessidades práticas de seu público. Era guiada pelo princípio de dirigir a um público, a alguém; isso era na verdade retórica. Agora a historiografia se tornou orientada pela pesquisa; ela ganhou uma nova qualidade de evidência empírica. Ela pretendia falar a verdade sem perspectiva de todas as expectativas e preconceitos de seu público. Ela não ensinava competência prática, mas oferecia um conhecimento empírico. Ela simplesmente dizia como isso realmente aconteceu (RÜSEN, 1990, p. 192).

A oposição entre fantasia e verdade que Ranke estabelece, pautada na garantia de que a verdade é alcançada pela pesquisa, diz respeito à "base dos argumentos pelos quais os historiadores profissionais obtêm e defendem sua imagem como especialistas, cujo conhecimento é indispensável para qualquer representação convincente e respeitável do passado" (1990, p. 192). Porém há uma visão limitada que resulta desta concepção. Isso se dá pela desconsideração, por colocar em segundo plano, a escrita da história. Mas Ranke não partilhava dessa visão limitada, afirma Rüsen. A assertiva de Ranke no início do texto de 1831 é uma amostra do fato de que ele considerava que a escrita da história está baseada em outros princípios, que não são aqueles da pesquisa (1990, p. 193). Na medida em que "representa e torna a dar forma ao que é descoberto, ao que é apreendido" (pela heurística, pela crítica e pela interpretação) a história ganha *status* de arte.

Com a virada anti-retórica de Ranke a retórica assume uma nova forma. A retórica não foi simplesmente abolida, ela foi modificada, "ganhando um novo caráter, uma nova forma de falar com a audiência" (1990, p. 195). Ranke expõe essa novidade nos níveis prático e teórico. No nível prático, os trabalhos de Ranke detinham uma qualidade estética inegável, que o colocava entre os grandes nomes do realismo do século XIX. No nível teórico, a arte na história é entendida de forma que pode ser

facilmente compreendida de acordo com a estética clássica, explica Rüsen. A arte aparece como um procedimento precognitivo de produzir uma imagem da vida sem estar submetido a leis. Ainda segundo Rüsen:

> Essa ideia de arte é fundamentalmente anti-retórica, porque a retórica gera regras para procedimentos linguísticos, e as regras representam seu sucesso e efeito. Essa ideia anti-retórica da arte é a razão de Ranke deixar a arte "em si mesma" na história e concentrar seus esforços no conhecimento histórico sobre pesquisa e não sobre sua forma linguística (RÜSEN, 1990, p. 195).

É preciso lembrar que o objetivo de Rüsen nesse texto é criticar a visão unilateral produzida, seja pela historiografia moderna, seja pela pós-moderna e ao mesmo tempo, encontrar uma forma de mediação entre a ciência e a arte. No interior dessa disputa entre "paradigmas", a retórica é negada pela pesquisa científica, existindo apenas um resíduo de retórica que permanece, a estética da historiografia. O autor considera limitada a noção de retórica da teoria da história mais recente, principalmente em Hayden White (1990, p. 196). Justamente por isso, para Rüsen, a retórica é entendida mais do que a inserção de elementos ficcionais no texto historiográfico, ela inclui mais que um conjunto de truques a serem usados como estratégia de persuasão. "Ela deve ser entendida como uma condição necessária para uma compreensão histórica do passado por colocá-lo com a vitalidade da linguagem no curso atual da vida presente" (1990, p. 197).

Posteriormente o autor se pergunta quais as consequências da contribuição anti-retórica da pesquisa na historiografia? E se há algum efeito em assinalar uma qualidade especificamente "moderna" na arte da escrita histórica? A resposta para Ranke, segundo Rüsen, seria a estética (1990, p. 199). A diferença que Rüsen aponta entre a retórica e a estética é que a última insere o elemento da liberdade na restrição das necessidades práticas da historiografia. Enquanto a historiografia retórica compreende uma função prática de orientação da vida de seu público. Ela (a retórica) transforma a necessidade da ação em formas linguísticas de sua orientação temporal pela memória histórica (1990, p. 199).

A qualidade estética de Ranke aparece em seu todo temporal, na forma de sequências temporais dos eventos. Para Ranke esse todo é mais que algo subjetivo construído pelo historiador. Na visão de Rüsen:

> Esse todo é uma corrente temporal real dos acontecimentos humanos, definindo sua ordem histórica. Essa grande corrente temporal dos acontecimentos humanos é predeterminada nas fontes. Ela pode ser

> encontrada lá, mas tem que ser um resultado de pesquisa histórica (RÜSEN, 1990, p. 200).

Mas essa corrente dos acontecimentos predeterminada pela fonte pode ser encontrada, desde que seja resultado de uma pesquisa histórica. Essa concepção empírica é uma nova função para a historiografia, que agora, portanto, pela estética, esta endereçada ao público na forma que torna visível as forças mentais que constituem a identidade das pessoas endereçadas no curso temporal de suas vidas (1990, p. 202). Nesse sentido, seu modelo de analise pode ser sintetizado em estratégias distintas: primeiro, uma síntese narrativa das tendências e estruturas gerais e os eventos, com ênfase nos fatos políticos. Dai parte-se para os níveis artísticos de sua composição, cujo o mais profundo é o princípio do tempo histórico em geral. Depois vem o aparecimento desse princípio resumido na forma de modos de movimentos temporais e o nível das ações dos indivíduos (1990, p. 203).

Quais os elementos da interpretação da obra de Ranke são incorporados pelos historiadores da *EHR*, como leram Leopold von Ranke e a ideia de história científicasão temas a serem tratados nos próximos capítulos. Antes, porém, gostaria de chamar atenção para as discussões historiográficas internas a Grã-Bretanha no século XIX e que vão até certo ponto conjugar com as ideias científicas de outros países.

1.2 A historiografia vitoriana.

A historiografia inglesa do século XIX é marcada não apenas pela influência que recebe de Ranke e do Historicismo alemão. A famosa historiografia *whig* – um tipo de historiografia presentista que se atém a uma perspectiva de ratificação e glorificação do presente como resultado de uma evolução linear dos eventos passados (BUTTERFIELD, 1931) – é outra influência. O período vitoriano, 1837-1902, é palco do desenvolvimento historiográfico, com trabalhos que discutiam a política e a cultura do país, com o discurso que cada vez mais se valorizava na Europa. Com base em uma historiografia sobre o período vamos refletir sobre alguns debates e elementos que estão na Revista Histórica Inglesa e que também fazem parte da historiografia vitoriana.

Nossa pretensão aqui é reconstruir o panorama intelectual a partir do qual a historiografia científica pode ser estruturada, suas principais interpretações e problemas estabelecidos. A exemplo do historicismo, acredito que uma generalização do rótulo "historiografia vitoriana", a partir de um ou dois autores, corre o risco de descartar o debate de fundamentação do próprio paradigma, as oscilações internas da própria interpretação estudada. Se há uma institucionalização com a criação dos cursos de história nas principais universidades inglesas, uma profissionalização da história, tendo a própria *English Historical Review* como um de seus principais exemplos, além da referência e influência de Leopold von Ranke, uma interpretação poderia definir uma divisão da historiografia inglesa do século XIX entre a historiografia "amadora" e a historiografia "profissional". Porém, como queremos indicar no panorama que faremos, os debates e tensões desenvolvidos entre os autores pioneiros da história (historiografia) moderna inglesa, os chamados historiadores literários, e os historiadores profissionais podem revelar que suas concepções de história desacreditam um modelo de historiografia vitoriana. Quer dizer, a historiografia inglesa do século XIX pode revelar permanências, alternâncias e rupturas nas interpretações de seus autores.

É o que nos mostrou o trabalho de Rosemary Jann, o livro *The Art and Science of the Victorian History*, de 1985. Sob a influência whig a historiografia vitoriana teria tomado o passado de acordo com seus fins, com seus interesses. Ao analisar seis eminentes representantes desse período a autora nos oferece um resumo da prática historiográfica consagrada do século XIX na Grã Bretanha. Quando emergem os historiadores profissionais há uma mudança das necessidades de um público geral para as demandas de seus próprios pares (*peers*). A tese de Rosemary é que, na verdade, há uma continuidade se sobrepondo a uma ruptura entre historiadores vitorianos e profissionais, conforme nos apresenta no epílogo do seu livro. Dessa forma a continuidade entre as tradições amadora e profissional foi mais significativa que os conflitos aparentes. "Os ideais da velha crença foram decisivos na formação das responsabilidades da nova" (JANN, 1985, p. 216).

Além dessa querela que está relacionada também com os leitores da história naquele momento e na definição da autoridade de quem escreve, poderemos encontrar outras questões como a de quem seriam os primeiros praticantes da história crítica, científica no século XIX inglês e quais as características da historiografia até o surgimento da *EHR*.

Nesse sentido, uma primeira analise da historiografia inglesa do século XIX aparece no livro de George Peabody Gooch (1873-1953). Segundo o autor o século XIX é o momento em que as características que favoreceriam a ciência histórica se concretizam. O autor defende essa tese na introdução do "História e os Historiadores no século XIX" trabalho publicado primeiramente em 1913.

Gooch destaca aqueles historiadores, ou eruditos que contribuíram para a consolidação dos estudos entre os britânicos. Para o autor, o século XVIII com a historiografia ilustrada tinha alcançado algum progresso, mas diversos obstáculos, não só daquele século, impediram o crescimento da "autêntica ciência histórica". Entre eles destaca-se o espírito desfavorável da Ilustração para o estabelecimento do sentido histórico, em particular com relação ao sentimento religioso da história medieval. O século XVIII ainda era carente no que diz respeito a crítica das "autoridades" (das fontes), assim como do ensino especializado da disciplina (GOOCH, 1977, p. 16). E por último, a dificuldade que se tinha em acessar os documentos e a falta de liberdade para anunciar os resultados da investigação.

> Desse modo as condições que tornavam possível a expressão da verdade sem medo nem parcialidade eram tão raras como o desejo de conhecê-la e o aparato crítico necessário para seu descobrimento. O mundo teve que esperar até o século XIX, a época do Segundo Renascimento, para conseguir a liberdade de pensamento e de expressão, a penetração em distintas épocas e a judiciosa equanimidade de que depende a ciência histórica (GOOCH, 1977, p. 19).

Entre os autores ingleses que George Gooch menciona em seu livro destaco aqueles que contribuíram para a fundação e consolidação da *EHR*. Seja uma participação nos Artigos, nas Notas ou até na editoração do periódico. São eles: Edward Freeman, William Stubbs e Richard Green; Samuel Gardiner e Lecky, Robert Seeley e Creighton; Acton e Maitland.[15]

É importante notar que Gooch não estabelece uma divisão entre história literária e história profissional. Até o final de seu livro ele se refere aos historiadores do período como eruditos. Isso ocorre porque um dos objetivos do autor é encontrar as contribuições mais marcantes para o desenvolvimento do conhecimento histórico, as primeiras obras sistemáticas em cada área da historiografia. Um exemplo disso é a consideração que tece sobre o trabalho de Henry Hallam (1777-1859) de 1818,

[15] A maneira como citei os autores tratados reflete as suas respectivas posições no livro de Gooch, no decorrer de seis capítulos, do XV ao XX. Os outros três capítulos tratam de historiadores que não publicaram na Revista. São cerca de 116 páginas dedicadas aos historiadores ingleses do século XX.

considerado pelo autor como "o começo do estudo sistemático da história na Inglaterra". O que percebemos também na interpretação de Lingard[16], considerado como o dono da obra mais popular até ser sucedido por Richard Green.

Macaulay é por certo o intérprete *whig* mais popular e eloquente, segundo Gooch. Juntamente com os trabalhos de Hallam, Macaulay "modelou a opinião do mundo" ao menos até que Ranke e Gardiner ampliassem os estudos se debruçando sobre o século XVII, "para além da disputa entre *whigs* e *tories*" (GOOCH, 1977, p. 298). Ou seja, Macaulay e Hallam eram os modelos a serem seguidos na historiografia inglesa do período até o momento dos trabalhos de Ranke e Gardiner. Daí porque a impossibilidade de aplicação à obra de Macaulay os mesmos critérios de julgamento aplicado aos historiadores profissionais (GOOCH, 1977, p. 298).

Outros historiadores britânicos tratados por Gooch são Thirlwall (1797-1875), George Grote (1794-1871), T. Arnold, Thomas Carlyle e James A. Froude, até chegar na Escola de Oxford, título de um dos capítulos do livro de George Gooch.[17] Sobre Carlyle, o autor o considera próximo a Michelet, pela força em criar uma atmosfera de horror e esperança, de tensa paixão e de fúria animal (GOOCH, 1977, p. 328). Mas é com a analise de James Froude que Gooch retoma nosso interesse na discussão da historiografia profissional inglesa.

Froude foi o principal discípulo e biógrafo de Carlyle e teria produzido sobre a reforma na Inglaterra. Teria recebido críticas contemporâneas de Pauli[18], Ranke, Stubbs e Freeman. As críticas de Freeman publicadas no periódico *Saturday Review* nos anos 1860 foram endereçadas ao não uso por parte de Froude de um método científico. Freeman considerava que as histórias de Froude eram originárias da imaginação do autor, eram ficções (HESKETH, 2008, p. 380). Para Gooch as críticas de Freeman foram mais prejudiciais a sua própria reputação que a de sua vítima, Froude. Tais críticas são consideradas como marco divisor da história profissional britânica. Segundo Gooch (1977, p. 341) "Froude encerra a época dos amadores, cujos escritos pertencem tanto a literatura como a história".

---

[16] John Lingard (1771-1875) é considerado por Gooch um autor de história medieval e moderna, que teria produzido sobre a Igreja Católica de uma maneira respeitável para os ingleses e um forte relato político (GOOCH, 1977, p. 288).

[17] Thirlwall escreveu a primeira história erudita da Grécia e traduziu o ensaio de Schleimacher, sobre São Lucas e Grote foi um especialista em história antiga grega.

[18] Reinhold Pauli, historiador católico, publica na Revista Histórica alemã, considerado por Peter Wende (2006) o principal resenhador alemão de livros ingleses do século XIX.

O surgimento da Escola de Oxford, que engloba os nomes de Freeman, Stubbs e Green, parece indicar uma ruptura na prática historiográfica do século XIX. Enquanto Macaulay, Carlyle e Froude estavam no auge de suas carreiras, métodos de trabalho mais exatos passaram a ser usados, e William Stubbs foi um dos responsáveis pelo novo uso. Stubbs foi um historiador medievalista, sendo nomeado para a cátedra de História Moderna de Oxford, em 1866. O que Waitz era para a Alemanha, Stubbs era para Inglaterra, lembra Gooch (1977, p. 344). Para Gooch ele acompanhava os historiadores mais novos, mas não assimilava os resultados, as alterações nas reedições de seus livros, por exemplo, eram muito poucas. Um exemplo é a discussão sobre os estudos de John Horace Round (1854-1928), a respeito da Cavalaria medieval, que encontramos na *EHR* nos volumes de 1891 e 1892. Gooch chama atenção para esse exemplo como mais um que demonstra que Stubbs estava consciente do debate então contemporâneo, o que não resultava em modificações em seus trabalhos. Porém foi Stubbs um dos responsáveis por aclimatar ali os métodos da erudição alemã.

Sobre Edward Augustus Freeman, Gooch o considera "o Giesebrecht da Inglaterra" [19], em mais uma referência comparativa com os historiadores historicistas alemães. A doutrina central da obra de Freeman é a unidade da História. Freeman era um historiador prático, o mundo das ideias não existia para ele. Gooch declara que (1977, p. 354) "considerando apenas a história como um registro de acontecimentos, reconhecia sua continuidade, mas não a evolução orgânica".

Mas, entre os historiadores da chamada Escola de Oxford, Richard Green era, na opinião de Gooch, o mais original, em virtude de seu interesse pela população mais pobre. A publicação da *Breve História do povo inglês*, em 1874, assinala uma época na historiografia, onde o herói do livro dessa vez era o povo (1977, p. 356). Duas características que destacadas são a ruptura com a tradição de dividir os períodos de acordo com os reinados ou as dinastias e a característica de substituição de um breve esquema sobre a narração de guerras, as batalhas, a gloria militar pela ênfase nos homens, nos livros, nas ideias e ideais que revelavam ou influenciavam a vida nacional (1977, p. 356). A *Breve História do Povo Inglês* foi a obra que menos tinha

[19] Giesebrecht (1814-1889), aluno de Ranke, publicou a primeira história geral da Alemanha medieval baseada em métodos críticos da história moderna. Publica na *Historische Zeitschrift* de 1859 um artigo intitulado "O desenvolvimento da historiografia", segundo Bentivoglio (2011).

possibilidade de ser superada entre aquelas da Escola de Oxford, e pode ser considerada um berço da história social no país.

Outros nomes da historiografia vitoriana e diretamente relacionados a *English Historical Review* merecem destaque. Entre eles Gardiner e Lecky. Sobre Samuel Gardiner Gooch afirma que "com apenas uma exceção, Gardiner possuía todos os instrumentos necessários a seu ofício: um espírito exato, perfeita imparcialidade, penetração nos personagens, simpatia para ideias distintas às suas e opostas entre si. A exceção era o estilo" (1977, p. 366).

Samuel Gardiner se notabilizara por ter feito a primeira obra com um estudo exaustivo da grande massa de documentos dos arquivos públicos e privados. Estudioso dos séculos XVI e XVII inglês, Gardiner queria "apresentar o historiador não só como juiz, mas também como pacificador" (1977, p. 364). Foi também um competente historiador militar, que pelo compromisso com sua pesquisa, notadamente história política, rejeitou o cargo de professor em Oxford, para suceder Froude. Além de ter sido diretor da *Sociedad Camden* e editor da *EHR* (GOOCH, 1977, p. 366).

William Edward Harpole Lecky (1838-1903) foi um historiador irlandês que estudou o racionalismo e a moral europeia, cujos estudos sobre a Inglaterra de George entre os anos de 1870 e 1890 se tornaram um clássico.[20] O destaque entre suas obras é a *História da moral europeia de Augusto a Carlos Magno* (1869), considerado a época um marco dos estudos sobre a evolução psicológica da humanidade. Lecky foi um dos primeiros a tratar da história além da ação, além das narrativas de batalhas e reinados tradicionais. Gooch cita um trecho de uma carta onde Lecky revela seu propósito em dois livros seus. Provavelmente um deles é o que faz referência a moral europeia na Idade Média, que citamos acima, e o outro seria a *História do Racionalismo* (1865), que segundo então Lecky:

> "Ambos os livros estão inteiramente relacionados. São um ensaio para examinar os méritos de certas opiniões teológicas de acordo com o método histórico. O primeiro é uma história da imposição dessas opiniões no mundo; o segundo, uma história de sua decadência. Pertencem a uma escola muito reduzida de escritos históricos que começou com Vico, foi continuada por Condorcet, Herder, Hegel, Comte, e encontrou em Buckle seu último grande representante" (LECKY, *apud* GOOCH, 1977, p. 368).

[20] "William Edward Hartpole Lecky." *Encyclopædia Britannica. Encyclopædia Britannica Online Academic Edition*. Encyclopædia Britannica Inc., 2012. Web. 27 Dec. 2012. <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/334357/William-Edward-Hartpole-Lecky>.

Posteriormente Lecky parte para a história política moderna e faz um estudo sobre o século XVIII inglês, que aparece em uma grande obra de oito volumes intitulada *Inglaterra no século XVIII*, publicados entre 1878 e 1890:

> O exame do desenvolvimento do partido *whig* desde a Revolução possui um interesse considerável; mas como história de grande estilo, a obra só abrange os primeiros trinta e três anos do reinado de Jorge III. Tem algo da aptidão de Gardiner para simpatizar com ambos os lados. A narração da guerra americana é um triunfo de imparcialidade. Sobre esses capítulos Acton escreveu que estavam mais cheios de ensinamentos políticos que qualquer outra obra que se tem notícia a muito tempo. Se tem nele um herói, não é Chatham, nem Pitt, mas Burke (GOOCH, 1977, p. 368-369).

Outro importante historiador vitoriano é John Robert Seeley (1834-1895), que publica na *EHR*[21], e a partir de 1870 assume a cátedra de História Moderna em Cambridge. Em sua conferência inaugural ele já expressa sua concepção política de história: "Por que se deve estudar a história?", perguntava o professor. "Porque é a escola dos estadistas, respondia" (GOOCH, 1977, p. 371).

Encontramos em seus escritos um interesse pela era napoleônica onde busca estudar a história de Napoleão a partir de um novo ângulo. Não se atem a adoração aos heróis e nem aos detalhes biográficos, mas "não oculta sua admiração diante do valor decisivo e a infalível sensatez do grande estadista cujo nome significa por sua vez a independência nacional e a reforma interna" (GOOCH, 1977, p. 372). E ainda:

> Seeley se fez obcecado por um ódio de por vida contra Napoleão e ao conceito de um estado universal. Encarna a luta entre o princípio do bem e o princípio do mal – nacionalidade contra domínio universal – em Stein e Napoleão.

Robert Seeley fez estudos também sobre o Imperialismo inglês. Com o livro "Expansão da Inglaterra" o historiador marcou a historiografia naquele momento. Um sentimento insular tinha deixado os historiadores ocupados preferencialmente das "brigas parlamentares do século XVIII", sendo que a história inglesa estaria na verdade na América e na Ásia (GOOCH, 1977, p. 373). Mas não exaltava o poder do Império. "Rechaça a ideia de que a amplitude do Império seja prova de algum heroísmo invencível ou de algum gênio sobrenatural para o governo da nação inglesa" (1977, p. 373).

George Gooch afirma que Seeley queria fazer a contrapartida inglesa de Droysen na Inglaterra e que tinha conseguido mostrar ao leitor uma unidade diplomática da Europa que só se equipara a de Ranke (1977, p. 374). Seeley acreditava também no

[21] Ver *The House of Bourbon*, EHR. Volume I, de 1886, p. 86-104.

papel da história guiar e influenciar o presente. Essa influência seria a relação com a prática política. Como conclui Gooch que "sua insistência sobre a maior utilidade do estudo de épocas recentes trai a grande verdade que afirma que o hoje não é só o filho do ontem, mas o herdeiro de todas as idades" (1977, p. 375).

Mandell Creighton era outro seguidor de Ranke. Isso porque, segundo Gooch, interessava-se mais pelas ações, como as relações entre os estados e a diplomacia, que pelas ideias. Ao mesmo tempo apresentava uma tendência de pesquisa que privilegiava a história política e eclesiástica. Essa tendência justificava sua ambição em reunir material para um trabalho sobre a Reforma do século XVI. Para Gooch a principal obra de Creighton foi o estudo dos primeiros papas do Renascimento. "É raro alguém se aproximar da história eclesiástica com esse espírito, e o livro realiza o ideal do autor de iluminar sem inflamar" (1977, p. 376).

A História da Reforma (1882) teria recebido críticas de Lord Acton, que ironicamente ressaltou sua "imparcialidade soberana". Embora parceiros no diz respeito ao processo de constituição da *EHR*, Acton opunha-se à concepção história de Creighton. Segundo a crítica de Acton,

> "A missão da ciência histórica consiste em suspender a moralidade como único critério imparcial sobre os homens e as coisas, e o único sobre o qual podem por-se de acordo os homens honrados. [...] Não posso aceitar sua norma [de Creighton], segundo a qual devemos julgar o papa e o rei de modo distinto que aos demais homens, partindo da suposição favorável de que não fizeram o mal. Se existe alguma suposição, ela é inversa, contra os que possuem o poder, e que aumenta a medida que o poder cresce" (ACTON, *apud*, GOOCH, 1977, p. 377).

Creighton discorda dessa postura que poderia transformar a história em um ramo da ciência moral. Sua réplica caminha no seguinte sentido:

> "A história me oferece poucos heróis e registra poucas ações boas; mas seus personagens eram homens como eu, intensamente tentados pela posse do poder. Quem sou eu para condená-los? Seguramente não sabiam o que faziam" (GOOCH, 1977, p. 377).

Acton é apresentado como o historiador "custódio da moral" e Maitland como "o mais brilhante e original dos historiadores das instituições inglesas" [22].

Frederic Maitland, na interpretação de George Gooch, teria se destacado por contribuir para a história do direito. Maitland fez vários discípulos, entre eles Mary Bateson (1865-1906), que também faz parte dos sumários da *EHR*. Ele partilhava uma

[22] A obra de Lord Acton será discutida com mais profundidade no Capítulo III.

concepção de história que englobava "tudo aquilo que os homens tem feito e dito, sobretudo o que tem pensado. A história do direito era a história das ideias, não como abstrações, mas como forças atuantes através dos homens vivos" (1977, p. 399).

Num panorama geral, entre os principais historiadores vitorianos que poderíamos destacar estão Thomas Arnold, Thomas Carlyle, Thomas Babington Macaulay, James Froude, Richard Green e Edward A. Freeman. Esses autores tiveram uma grande popularidade na época e uma significativa dimensão imaginativa de suas propostas didáticas. Para Rosemary Jann (1985, p. XIV) a dimensão imaginativa, juntamente com uma autoconsciência de suas relações com seu público, são as principais características da história vitoriana. O historiador "literário", vitoriano, com responsabilidade para formar, julgar e justificar era incompatível com o tipo de destacamento, imparcialidade e restrição obrigatórios da história profissional, logo, podemos inferir que a historiografia vitoriana possuía princípios opostos à historiografia historicista germânica. Sua responsabilidade não era com os fatos, mas com os deveres como professor (JANN, 1985, p. XXVIII).

Algumas críticas à história literária são recordadas considerando a imaginação artística e a narrativa eloquente incompatível com a objetividade acadêmica, como argumenta Herbert A. L. Fisher [23], que o

> artista era levado facilmente além das fronteiras da sua evidência, adicionando algo aqui ou ali, ignorando os pequenos fatos inconvenientes, e traduzindo as pequenas pessoas inconvenientes, até suas telas cessarem de representar o original, embora podendo isso ser repleto de força e beleza e percepção psicológica.

Ou a consideração de Mandell Creighton de que essa história superficial (a literária) era uma visão puramente externa do curso dos fatos. E a declaração de John R. Seeley de que a história só interessava ao público geral ao ser corrompida, adulterada docemente, para agradar o paladar popular (JANN, 1985, p. 220).

Assim a autora considera que não é de se admirar que nesse campo de batalha, dentre outras publicações, a *EHR* proclame em seu primeiro número que "nenhum estilo encantador será introduzido para um aquecimento popular dos fatos já conhecidos ou ideias já sugeridas" (EHR, 1886, vol. 1, p. 5). Haveria uma expectativa para que a revista se tornasse popular. Mandell Creighton, entretanto, descarta essa expectativa. É o que o estudo de Doris Goldstein (1986) nos demonstra,

[23] *EHR* (1890), artigo sobre Fustel de Coulanges, p. 1-6.

> By 1889, Creighton had concluded that the insertion of 'popular' articles was not the solution to the financial problems of the Review. Criticizing some recent articles by Reginald Palgrave, he remarked to Bryce: 'Yet he [Palgrave] aimed at being popular; but my readers did not care for it' (GOLDSTEIN, 1986, p. 13).

Rosemary Jann indica que embora os primeiros volumes confirmem uma afirmação do próprio prefácio da Revista, que dizia respeito ao público endereçado do periódico[24], com alguns materiais de interesse a um homem letrado, não especialmente versado em história, "fiel a profecia de Green, Creighton decidiu que a Revista não poderia ser popularizada sem mudar totalmente sua característica, se tornando inútil aos estudantes" (JANN, 1985, p. 220). A autora chama atenção para um exagero retórico desse debate que desenvolveu distinções mais dramáticas entre os estilos profissional e popular. Ela menciona os casos do profissionalismo de Edward Freeman que escondia um "poeta épico frustrado" e da afirmação direta de John B. Bury de que "a história é uma ciência, nem mais e nem menos". [25]

Ainda em sua tese, a autora afirma que há uma continuidade da visão *whig* da história, na medida em que persiste nessa nova geração de historiadores a prática de usar a evidência do passado e da tradição para explicar e assim legitimar um presente ou ordem política desejada (JANN, 1985, p. 229). A referida continuidade é da historiografia *whig*, que é considerada como uma concepção anacrônica de história, relacionada por muitos aos historiadores vitorianos, que a faziam em nome de uma justificativa moral com uma função cultural. Nesse sentido, o historiador *whig* poderia venerar as instituições mais que os indivíduos, mas sua fé alternativa tinha propostas similares (ao culto dos heróis de Carlyle e Froude, por exemplo): "localizar uma ordem teleológica no passado e criar uma tradição que demandasse e inspirasse emulação no presente" (JANN, 1985, p. 208). Nesse sentido, Rosemary Jann discorda então da noção de que a profissionalização derrubou o paradigma *whig* no início do século XX.

O novo padrão acadêmico, que tinha na profissionalização uma de suas principais características, foi se contrapondo à historiografia vitoriana, tendo como uma de suas principais influências o historicismo alemão do século XIX. A *EHR* teve papel fundamental nesse processo na medida em que se tornou responsável por expressar a

---

[24] *EHR* (1886, vol. 1, p. 5).

[25] We have seen that beneath Freeman's crusty professionalism lurked the epic poet manqué. J. B. Bury's pronouncement that "history is a science, no less and no more," did not preclude a significant role for literary art and imagination (JANN, 1985, p. 220).

noção de uma comunidade de historiadores unidos com objetivos e atitudes acadêmicas comuns. Isso teria favorecido o estabelecimento dos historiadores profissionais como uma força significativa na sociedade britânica (GOLDSTEIN, 1986, p. 18-19). Esse aspecto é reforçado pelos trabalhos de Eckhardt Fuchs e Peter Wende. O trabalho desses dois autores se refere aos estudos do Instituto Histórico Alemão de Londres. O que poderia tornar evidente a ligação das tradições historiográficas entre os países. Mas a leitura de seus textos demostram que as apropriações, correções e interpretações entre os alemães e ingleses no século XIX foram diversas.

Peter Wende encontrou no diálogo estabelecido na *EHR* o que ele chama de percepções mutuas. Diante da evolução da ciência histórica moderna ele analisa um processo de interação intelectual entre os dois principais órgãos de discurso acadêmico da Alemanha e da Inglaterra no final do século XIX: a *Historische Zeitschrift* e a *English Historical Review*. Pode-se afirmar, portanto, que os ingleses seguiam e tinham como exemplo de historiografia os alemães. Segundo Wende (2006, p. 182), "os críticos alemães não tinham dúvida que eles estabeleceram os moldes da historiografia moderna, e que monitoravam isso".

O interesse inglês pela historiografia alemã é reforçado pelo fato de que muitos eruditos daquele país tiveram um forte interesse no campo da história britânica. Além de Ranke, Lappenberg, Pauli e Gneist eram historiadores alemães que tinham um reconhecimento por parte dos ingleses devido a seus estudos sobre a história da Inglaterra. Segundo o autor, essa relação para os dois lados era uma relação entre mestres e pupilos. O que pode ser exemplificado com a leitura de Freeman na *Historische Zeitschrift* (1873) feita por Reinhold Pauli, considerando o historiador próximo da arte histórica alemã, mas com severas críticas por ter ignorado a preferência a que Droysen chamou de "fontes não intencionais" em detrimento das "fontes intencionais" (WENDE, 2006, p. 181-182). Essa proximidade entre as duas historiografias também foi destacada por Gooch (1977), ao enfatizar a insistente comparação entre historiadores dos dois países, como por exemplo, entre William Stubbs a Waitz e Edward Freeman a Giesebrecht.

A resenha de J. P. Whitney sobre o livro de Paul Joachimsem constitui-se em outro indicador precioso dessa relação, na medida em que o autor conclui seu julgamento afirmando que: "É esse tipo de publicação alemã que sempre causa inspiração para o estudo da história na Inglaterra".

Já Eckhardt Fuchs trata das visões teóricas de história que coexistiram com a ideia fundamental de desenvolvimento da disciplina, em relação ao debate do positivismo inglês e do historicismo alemão. O que Fuchs interpreta é um "cientificismo positivista" que englobaria os movimentos que se originaram de uma compreensão nomológica da ciência, a suposição de que todo fenômeno na natureza e na sociedade esta baseado em leis gerais, que são reveladas pelos cientistas (FUCHS, 2006, p. 231).

A recepção das ideias de Auguste Comte entre os ingleses teria sido favorecida por uma crença no progresso e uma fé na ciência. A popularização desse sistema além das ciências naturais se dá pelo trabalho de George Lewes, um historiador da filosofia, entre 1850 e 1870. Na Alemanha e na Inglaterra a ligação principal entre a filosofia positivista de Comte e a historiografia foi estabelecida pela *History of Civilization in England*, de Henry Thomas Buckle, entre 1857 e 1861. Buckle foge da historiografia tradicional, que consistiria no relato dos acontecimentos, em sua descrição (FUCHS, 2006, p. 232).

A oposição ao tipo de historiografia produzida por Buckle, não tardou a surgir. Mas o papel de Buckle revela-se fundamental para interpretarmos o ambiente do pensamento científico e histórico do século XIX entre esses dois países. Na reflexão de Eckhardt Fuchs:

> No começo dos anos 1860 o trabalho de Buckle era o catalisador que alcançou a discussão da natureza científica do conhecimento nas ciências naturais e nas humanidades ao incluir a historiografia em ambos os países ao mesmo tempo. O processo pelo qual a historiografia foi considerada como uma ciência, entretanto, não resultou o mesmo passo nos dois países. Na Inglaterra, esse processo de cientifização pode parecer como um avanço da disciplina; na Alemanha, isso foi colocado como um desafio a disciplina (FUCHS, 2006, p. 245).

É que na analise do autor, os ingleses foram confrontados com o positivismo em um momento que a historiografia estava se estabelecendo como disciplina acadêmica. Enquanto que a Alemanha já tinha uma herança historicista com os nomes de Humboldt, Niebuhr e Ranke.

Daí a característica hibrida da obra de Buckle e sua recepção. Segundo Valdei Araújo, Buckle foi um dos grandes críticos do culto aos heróis, sua obra foi considerada uma das pioneiras das ciências sociais, mas se tonou um mártir da "religião da ciência", o que revelaria as tensões entre ele e seus contemporâneos (ARAUJO, 2010, p. 218). A história da Inglaterra representaria o "curso civilizacional mais próximo ao ideal". Por

isso é preciso tomar cuidado com o senso comum historiográfico inglês vitoriano, do qual Buckle fazia parte, nos alerta Valdei Araujo. Para o autor:

> Suas grandes teorias apenas confirmam os preconceitos de uma era e uma nação orgulhosa de suas realizações. Nesse ponto não havia muita diferença entre sua historiografia e a daqueles que criticava, ele era apenas mais ambicioso e dogmático na busca das causas e leis (ARAUJO, 2010, p. 219).

O autor ainda caracteriza a história de Buckle como de uma linguagem cientificista, determinista. O historiador inglês assimilava a história às ciências de leis gerais. A História é entendida como ciência social. Podemos observar o que Buckle criticava pela exposição de Araujo:

> Deplora-se uma historiografia empiricista, por demais apegada ao fato individual, incapaz de dialogar com os avanços das ciências naturais e mesmo com alguns campos de vanguarda como a Ciência Política e a Estatística. Essa última é celebrada como a grande reveladora das leis gerais. Podemos apenas imaginar o entusiasmo de alguns, e o assombre de outros, frente à descoberta das grandes regularidades humanas, das curvas regulares que prometiam novas possibilidades de controle e planejamento social. Essa tradição de linguagem, central no discurso das ciências sociais, retornaria de tempos em tempos em ondas de otimismo renovado, não sem deixar, nos momentos de maré vazante, importantes contribuições para nossa compreensão da história (ARAUJO, 2010, p. 219-220).

Outra característica da obra de Buckle, e que nos interessa por revelar uma característica da consciência histórica inglesa, seria que assim como outros historiadores de seu tempo, ele possuía "uma crença excessiva no progresso e no papel modelar da história inglesa" (ARAUJO, 2010, p. 221). Buckle tendia "a ler o passado como uma grande e linear evolução até os estágios mais desenvolvidos do presente" (p. 221). Concepção essa que se aproxima da definição de historiografia *whig*.

William Stubbs (1825-1901), um dos autores importantes para a historiografia profissional da Inglaterra, também bispo anglicano, foi um dos principais críticos de Buckle. Ele entendia que as transformações históricas eram frutos da liberdade de ação individual, o que descartava o uso de métodos estatísticos na escrita da história (ARAUJO, 2010, p. 222).

É interessante notarmos que algumas interpretações da historiografia vitoriana são recorrentes, como por exemplo, a ideia de um evolucionismo progressista, que pode ser associado com a noção *whig* da história, como nos demonstraram Rosemary Jann e Valdei Araujo. Essa poderia ser uma primeira característica geral da consciência histórica inglesa. E ainda um moralismo, como nos indicam as resistências das ideias dos historiadores aqui brevemente relatados.

Ao final é inegável a influência e predomínio do pensamento histórico alemão na historiografia inglesa. Principalmente em seu caráter laboratorial, de pesquisa. Essa influência receberá maior atenção no próximo capítulo. Essas questões demonstram que no interior da historiografia vitoriana havia debates, tensões, apropriações que impedem uma rotulação imediata, precisa. É tomando por base esse contexto de profissionalização que podemos partir para a descrição e interpretação da *English Historical Review*, entendendo que não haveria um único modelo, uma única doutrina, mas leituras, apropriações e empenho de produzir conhecimento histórico por parte desses autores.

CAPÍTULO II
A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA *ENGLISH HISTORICAL REVIEW*

2.1 A *English Historical Review*

A nossa fonte de pesquisa, a *EHR*, tem seu primeiro número publicado em janeiro de 1886, pela editora Longmans, tendo como editor o Professor de História Eclesiástica de Cambridge, Mandell Creighton (1843-1901). Segundo alguns autores, como Doris Goldstein (1986), vinte anos de discussões e tentativas frustradas de criar um jornal histórico teriam precedido esse primeiro número. Como na tentativa de James Bryce e A. W. Ward entre 1867 e 1870 com a editora Macmillan, tendo como provável editor o historiador Richard Green. Entre seus principais fundadores estão além de James Bryce, Adolphus Ward e Mandell Creighton, Frederic York Powell, Reginald L. Poole e Lord Acton, que publicou um artigo no primeiro número da revista.

A *EHR* foi criada para reunir a produção historiográfica do país, e contribuir para a profissionalização da disciplina, seguindo o exemplo de outras publicações do gênero, existentes em outros países.

Eric Hobsbawm sustenta que a *English Historical Review* era uma das principais revistas científicas do final do século XIX, ao lado da *Revue Historique*, a *Historische Zeitschrift* e a *American Historical Review* (HOBSBAWM, 1998, p. 72).

George Iggers também entende que essas revistas possuíam uma concepção semelhante, sendo a *EHR* uma das publicações que partilhavam das concepções metodológicas de Leopold Von Ranke. Segundo Iggers:

> No pós 1848 na Alemanha, e no pós 1870 na maioria dos países europeus, nos Estados Unidos e no Japão – e bem mais tarde na Grã Bretanha e na Holanda – os estudos históricos iniciaram sua profissionalização. O modelo seguido era geralmente o alemão: nos Estados Unidos com a introdução do programa de Ph.D. na *Johns Hopkins University* em 1872, na França já em 1868 com a fundação da *Ecole Pratique des Hautes Etudes* em Paris com seu foco na pesquisa. [...] Periódicos foram fundados para propagar os novos métodos da pesquisa científica (*scientific scholarship*). Assim a fundação da *Historische Zeitschrift* (1859) foi seguida pela *Revue Historique* (1876), a *Revista Storica Italiana* (1884), a *English Historical Review* (1886), a *American Historical Review* (1895) e periódicos similares em outros países. Significativamente o primeiro número da *English Historical Review* é aberto

> com um artigo de Lord Acton sobre "As Escolas Alemãs de História" (IGGERS, 1997, p. 27-28).

A fundação dessas revistas seria, nesse sentido, um fenômeno associado ao próprio historicismo. Isso porque, tais publicações partilhavam de uma concepção de que a tarefa do historiador era ir aos arquivos para "encontrar evidências que sustentariam suas preconcepções nacionalistas e de classe, lhes dando uma áurea de autoridade científica", ainda segundo Iggers (1997, p. 28).

Nesse sentido, a *EHR* não pode ser interpretada como detentora de uma novidade no cenário acadêmico inglês. Eric Hobsbawm, por exemplo, se refere aos estudos da década de 1890, sintetizando-os por meio da irônica menção a "*1066 and All That"* [26]. Para o autor, a historiografia do final do século XIX abordava a história política moderna, principalmente a dos Estados-nações e suas relações externas. Tinha uma seleção estreita, parcial. E ainda rejeitava uma relação estrutural sistemática ou causal entre os eventos passados. Ou seja, a historiografia do final do oitocentos era o oposto da concepção de Eric Hobsbawm, em que a história tem por dever estabelecer as regularidades gerais da organização social e da mudança social, relacioná-las com as instituições e eventos políticos, e ainda considerar a singularidade dos eventos e as peculiaridades da decisão humana consciente (HOBSBAWM, 1998, p. 73).

Com o não reconhecimento e rápidas menções a Ranke e Lord Acton - sem um estudo mais elaborado, sistemático que citasse as fontes de onde são inferidas as afirmações citadas - Hobsbawm entende que a historiografia inglesa progrediu desde o século XIX na medida em que ela "se afastou da descrição e da narrativa e se voltou para a análise e a explicação", do individual e singular para as regularidades e a generalização (HOBSBAWM, 1998, p. 75). Enfim, a aproximação da história com as ciências sócias desde a década de 1950, teria resultado num progresso autêntico, superior a "qualquer coisa realizada" por parte daqueles historiadores do século XIX[27].

Essa afirmação é confirmada também por R. G. Collingwood que considerava que em termos epistemológicos, nada havia sido produzido que fosse digno de nota,

---

[26] O ano de 1066 é o ano da famosa batalha de Hastings, que marca a derrota de Harold II da Inglaterra para William, duque da Normandia, iniciando o domínio normando sobre os ingleses. Nesse caso, a ironia está em indicar a expressiva concentração dos estudos históricos dessa época nos eventos considerados formadores da Nação.

[27] Eric Hobsbawm afirma que a partir dos anos 1950, com a revista *Annales* e a *Past and Present*, a "ortodoxia histórica" teria sido minada por dentro, pelo trabalho dos próprios historiadores (1998, p. 74). Possibilitando um entendimento superior ao de Ranke e Lord Acton (1998, p. 76).

desde o final do século XIX até a primeira metade do século XX na Inglaterra (COLLINGWOOD, 1989, p. 186). É preciso lembrar, entretanto, que Collingwood escreve a partir de uma concepção muito particular sobre o que seria filosofia da história[28], dentro do debate com as concepções tradicionais que dominavam o cenário britânico, em especial o empirismo. Com exceção de Edward Freemam e John B. Bury, apesar de ainda atuarem com resquícios do empirismo inglês, Collingwood entende que os historiadores desprezavam a filosofia - uma espécie de convenção profissional, afirma Collingwood - e em consequência, desprezavam também a filosofia da história (COLLINGWOOD, 1989, p. 186). Observa-se nos artigos pesquisados no nosso recorte temporal, que essa produção historiográfica possuía poucas preocupações teóricas em termos de reflexão sobre o conhecimento produzido. Mesmo Freeman e John B. Bury, que mais avançaram nesse aspecto, pelo que pode ser observado em seus artigos publicados na *EHR*, pouco avançam em termos de discussão teórico-metodológica[29].

De fato, a sátira utilizada por Hobsbawm não é desmentida ao passarmos os olhos, mesmo que de modo superficial, pelos artigos publicados na *EHR*. Nos sete primeiros volumes da revista encontraremos cerca de 40 textos entre artigos e notas que tratam, direta ou indiretamente, seja sobre eventos como a Batalha de Hastings, seja de outros eventos fundadores da Nação, como batalhas do período medieval ou informes de documentos históricos dos primeiros reinados ingleses, em um universo de 288 artigos e notas publicados[30]. Numa amostra referente aos textos de história medieval. Em relação a história moderna os textos sobre reinados, batalhas e o papel da igreja são ainda mais numerosos. Isso não implica, entretanto, a constatação de um vácuo teórico. Pelo contrário, a análise das fontes nos conduzirá à construção do perfil teórico e político da revista.

---

[28] A filosofia da história de Collingwood é importante por defender a autonomia da história frente ao paradigma das ciências da natureza. É uma oposição ao positivismo do século XIX. Entre os conceitos centrais desenvolvidos por sua teoria está o de imaginação histórica: a capacidade que o historiador tem de acessar o passado, através da interpolação entre as afirmações encontradas nas fontes com outras, deduzidas das mesmas. Cf. ARRAIS, Cristiano. *A filosofia da História de R. G. Collingwood: duas contribuições* (2010).

[29] John B. Bury publicou 5 artigos entre 1886 e 1902 na *EHR*. Podemos destacar os artigos: *Euboia Before the Lelantine War* (1886, vol. 1); *Roman Emperors from Basil II to Isaac Kmonenos* (1889, vol. 4) e *The Relantionship of the Patriarch Photius to the Empress Theodora* (1890, vol. 5). Edward A. Freeman publicou nesse mesmo período 3 artigos: *The Tyrants of Britain, Gaul, and Spain*, A.D. 406-411 (1886, vol. 1); *Aetius and Boniface* (1887, vol. 2) e *The Patriciate of Pippin* (1889, vol. 4).

[30] Cf. *English Historical Review*, volumes 1 ao 7.

2.2 A interpretação da fonte.

> A primeira tarefa do historiador das ideias é usar relíquias do passado para reconstruir como objetos históricos as frágeis intenções que constituem os significados hermenêuticos de enunciados feitos no passado.
>
> Mark Bevir, 2008.

Durante a pesquisa, a busca por textos da *EHR* que refletissem o ambiente de fundamentação da história foi um de nossos desafios. Qual, onde e como, era a referência feita aos temas da história científica.

Nosso recorte obedece ao entendimento ao estudar os princípios da pesquisa histórica, as teorias históricas apesar de receberem o veto da regulação metódica da pesquisa, devem preceder a discussão sobre os métodos. Pois as informações das fontes só são incorporadas nas conexões que dão o sentido à história com a ajuda do modelo de interpretação, que por sua vez não é encontrado nas fontes (RÜSEN, 2010, p. 25). É também o que Raymond Aron lembra ao afirmar que a compreensão é prioritária as outras etapas do conhecimento histórico. Essa compreensão poderia ser entendida em sua dimensão teórica, sem a qual "o historiador mutila ou ignora a realidade espiritual constitutiva do passado" (ARON, 2006, p. 122). Nesse sentido, a teoria "precede a história", na medida em que determina o valor de certo tipo de interpretação (ARON, 2006, p. 123). Em outras palavras, significa dizer que "a decisão sobre quais fatores contam e quais não contam só pode ser tomada no campo da teoria, que estabelece as condições para a história possível", conforme Koselleck (2006, p. 187).

É, portanto, a partir desse posicionamento que dirigimos nossa atenção à *EHR*. Já a maneira como conduzimos a pesquisa está associada ao debate no interior da tradição da história intelectual e da história das ideias. Nosso olhar dirigiu-se para a questão sobre como apareciam os enunciados que davam valor, que credenciavam ou que criticavam as interpretações do passado? Como compreender os textos selecionados da Revista? Como descobrir os significados dos textos?

Foi nesse sentido que surgiu o interesse pela metodologia de Quentin Skinner, a partir do momento que iniciei uma tentativa de enquadramento de nossa pesquisa na história intelectual. O circuito restrito dos historiadores, a exclusão de alguns, e o diálogo intertextual, intersubjetivo presente nos textos nos indicaria a formação de um "campo" intelectual. Assim, percebemos a necessidade de interpretar "o que um

determinado autor estava fazendo ao dizer algo", a intenção de um determinado historiador em uma passagem de seu texto.

A obra de Skinner insere-se nas reflexões da linguagem e concebe três elementos que acredito serem também essenciais para pensar o histórico da *EHR*: texto, autor e contexto[31]. Por se tratar de textos publicados em periódicos considero que uma abordagem que se pautasse nas formas tradicionais da história das ideias - ou textualista apenas ou contextualista apenas - cairia no risco de perder a "intertextualidade". É certo que, os principais historiadores do período não publicaram seus trabalhos mais significativos na *EHR*. Muito embora esta constatação possa parecer a primeira vista um impeditivo para este estudo, não desdenhamos os textos da Revista em nome dos "grandes textos" uma vez que, entre outras coisas, buscamos privilegiar uma leitura da fonte, não de comentadores apenas. É essa opção que nos possibilitará mapear o contexto profissional científico da História na Inglaterra. Esse contexto profissional é notório no seguinte trecho do prefácio da *EHR* de 1886:

> Tem sido um objeto de observação e lamento que na Inglaterra, sendo o único entre os grandes países da Europa, onde não existe qualquer periódico dedicado ao estudo da história. Embora o número de pessoas engajadas nesse estudo seja amplo e em constante crescimento; embora o trabalho feito seja tão profundo em qualidade como os de alemães, e provavelmente maior em quantidade que os de franceses ou italianos; embora as escolas históricas mais promissoras tenham sido desenvolvidas tardiamente em nossas universidades, os historiadores ingleses ainda não têm como aqueles dos outros países, associações deles mesmos em um estabelecimento de alguma academia ou outra organização, nem fundaram nenhum jornal para promover seu objetivo comum (PREFÁCIO, 1886, p. 1).

Mais que uma posição, o entendimento do contexto linguístico é um caminho significativo para compreender a produção da *EHR*. O que boa parte de seus textos nos oferece são diálogos, referências, debates. E acredito que esse foi um dos caminhos da construção da história científica. Isso significa pensar as intenções conscientes na relação do "escritor com a linguagem e a experiência sócio-histórica". Não apenas o sentido das histórias que está nas estruturas do texto escrito.

[31] Alguns comentadores da obra de Skinner que me iniciaram nessa reflexão precisam ser lembrados: SOUZA, Vanderlei S. "Autor, texto e contexto: A história intelectual e o "contextualismo linguístico" na perspectiva de Quentin Skinner", em *Revista de História e Estudos Culturais, Fênix*. Vol. 5, ano V, n° 4, dezembro de 2008; SILVA, Ricardo. "O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo", em *Dados, Revista de Ciências Sociais*. Vol. 53, n° 2, 2010. Universidade Candido Mendes, RJ.

Apesar da escolha do método de referência, asseguramos não nos limitar a ele. O filosofo inglês Mark Bevir, chama atenção para o legado da Escola de Cambridge, especialmente em Skinner e John Pocock. Para ele:

> Skinner e Pocock visam em primeiro lugar definir um método para a história das ideias. Tentam descrever a maneira correta de recuperar o significado de um texto. São, pois, seus métodos particulares que os habilitam a descartar outros recursos, sobretudo aqueles que negam a autonomia da história das ideias, enfatizam a coerência dos textos ou levam em conta a pertinência contemporânea desses mesmos textos. Eu, ao contrário, conclui que nenhum método pode constituir uma forma de justificação. Um método pode desempenhar papel heurístico útil, mas nunca dar-nos uma garantia lógica da objetividade da compreensão de uma obra (BEVIR, 2008, p. 10).

Bevir não nega o interesse e as contribuições do método convencionalista – como ele se refere ao contextualismo de Skinner. Entretanto, o autor considera que a escolha de um método predileto não é garantia de boa história. "Não pode haver uma lógica da descoberta para a história das ideias" (BEVIR, 2008, 110). A maneira como usamos esse método aqui quer sustentar apenas "indícios valiosos", e não descartamos a utilização de outros métodos para o trabalho.

2.3 O perfil da produção historiográfica da *English Historical Review*, de 1886 a 1902.

A Revista Histórica Inglesa possui publicação quadrimestral. Ela se compõe de uma sessão de Artigos, uma sessão de Notas e documentos e a sessão das Resenhas de Livros. Além disso, ela traz em seus números, informativos a respeito de Livros Históricos recentemente publicados, Notas Diversas (*Miscellaneous Notes*, no volume I apenas), com notícias de congressos, associações, encontros de história. A partir de 1887 tem-se acesso através da revista, aos Conteúdos das Publicações de Periódico, como por exemplo, da *Revue Historique*, ou a *Historische Zeitschrift* de Sybel, ou a *Quarterly Review*, que é também inglesa. Sendo alguns conteúdos desses periódicos brevemente comentados.

Para um estudo que privilegie a história da ciência histórica, o prefácio de 1886 e alguns textos, entre artigos, notas e resenhas oferecem pistas da concepção histórica do periódico e de seus autores. Ao partirmos para analise de seu prefácio perceberemos

que seu objetivo era justificar a criação da *EHR* e esclarecer alguns princípios de seus promotores sobre a história e seu uso. O autor do texto, James Bryce (1838-1922), elabora três questões: uma relacionada a concepção de história de seus autores; outra sobre a "suspeita de partidarismo" em relação a questões políticas, eclesiásticas; e qual seria o público-alvo da revista.

Para a primeira pergunta o autor afirma que existiriam duas concepções naquele momento sobre o âmbito da história, uma que trata da "história como passado político" e a outra que a entende como "um quadro de todo passado", ou "tudo que o homem tem pensado ou feito" (PREFATORY NOTE, 1886, p. 2). Considerando essas duas noções frágeis, o autor considera melhor "considerar a história como o registro da ação humana, e do pensamento apenas em sua influência direta sobre a ação". Mesmo diante dessa ampliação do objeto da história, o objeto estruturante do periódico será o papel do Estado e a dimensão política. Essa última se revelaria, segundo a revista, mais importante que a história dos cidadãos comuns. Exceto quando a história encontra "homens que influenciaram outros de seu tempo, como Sócrates, São Paulo, Erasmo ou Charles Darwin" (PREFATORY NOTE, 1886, p. 3). Mas a Revista não se limitaria a história política, ela pretendia "receber de cada área específica a luz que eles podem lançar sobre a vida do homem no passado" (PREFATORY NOTE, 1886, p. 3).

Quanto a segunda questão, o autor afirmava que os artigos que indicassem uma perspectiva partidária, estes seriam recusados. A principal preferência, ou dependência, dos promotores da revista, era com o "espírito científico", que esperavam que seus contribuidores trouxessem. E quanto ao público-alvo (estudantes profissionais de história ou o leitor geral), a *EHR* se propunha a atender ambos os públicos, embora fosse o grupo dos profissionais o interesse principal (PREFATORY NOTE, 1886, p. 5), como se percebe nos debates que se desenvolveram desde os primeiros números. Segundo Jann (1985), o leitor vitoriano, acostumado à história literária, ao estilo de Macaulay ou Carlyle estranharia essa nova prática, com textos carregados de notas e marcações de arquivos.

O que não quer dizer que os fundadores do periódico não estivessem preocupados com a forma do conhecimento histórico. Uma demonstração da preocupação e de um posicionamento diante da questão dos leitores da revista é encontrada no seguinte trecho do prefácio:

> Na medida em que sustentam que a verdadeira história é monótona, nós acreditamos que a história monótona é geralmente uma história ruim e devemos valorizar aqueles contribuintes que mais amplamente puderem apresentar suas pesquisas em uma forma lúcida e efetiva. Mais que em outros países, existe um público na Inglaterra e na América que, sem possuir um conhecimento específico de história, cordialmente aprecia e deseja se situar no caminho de compreensão de seu processo crítico (PREFATORY NOTE, 1886, p. 5) [32].

O primeiro editor da Revista Inglesa foi o Professor de História Eclesiástica em Cambridge e também Bispo de Londres, Mandell Creighton (1843-1901). Creighton foi editor da publicação até 1891, quando deixou o cargo nas mãos de Samuel Rawson Gardiner (1829-1902) e Reginald Lane Poole. Samuel Gardiner permaneceu como editor até 1901 (volume 16). [33]

Diante da documentação disponível realizamos um trabalho de identificação da produção historiográfica da revista. A maneira como realizamos esse trabalho é inspirada e segue os princípios e recortes que Júlio Bentivoglio utilizou em seu estudo da *Historische Zeitschrift* [34]. Para esse objetivo iniciamos uma descrição dos textos digitalizados. Todos os textos de cada volume foram catalogados em uma ficha onde registramos: o ano e volume dos números publicados durante o ano – por isso nos referimos aos arquivos da revista por volume anual (volume 2, por exemplo), uma vez que os arquivos foram assim encontrados; o local de publicação; o editor ou editores de cada volume; o nome do autor; o título do artigo daquele referido autor. A maneira como construímos a ficha de catalogação acompanha a disposição dos títulos dos artigos no sumário de cada volume e a sequência dos textos das Notas (Anexo 1).

Diante de um estranhamento inicial com a fonte que se revelou na constatação de não haver artigos que expressem de maneira direta os temas da reflexão teórica da história, estabelecemos uma classificação dos textos. Os textos da sessão de artigos foram classificados primeiramente em relação ao seu conteúdo empírico, o recorte espacial que aparecem nos artigos.

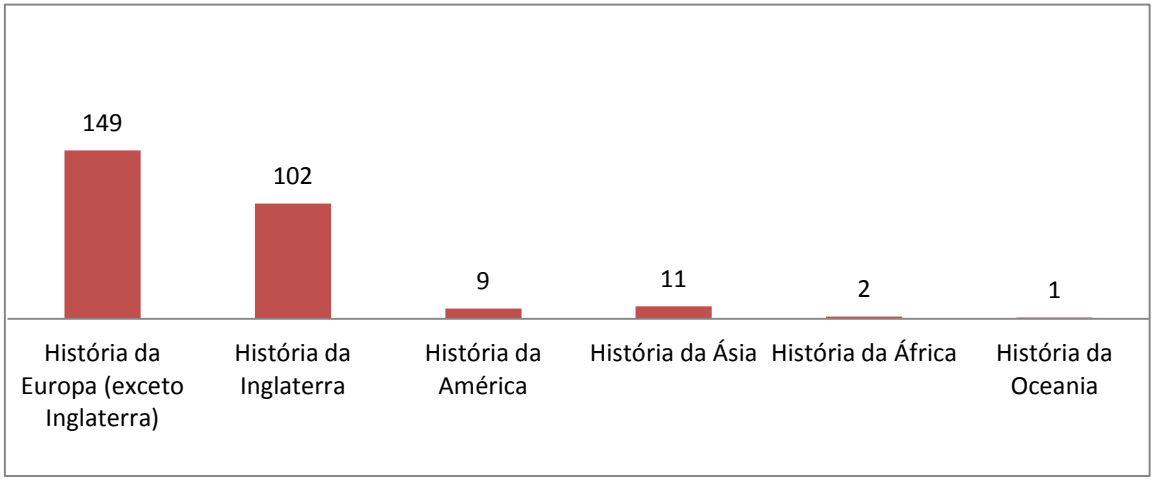
---

[32] So far from holding that true history is dull, we believe that dull history is usually bad history, and shall value those contributors most highly who can present their researches in a lucid and effective form. More than in any other countries there is a public in England and America which, without possessing an exact knowledge of history, heartily enjoys it and desires to be set in the way of understanding its critical processes (PREFATORY NOTE, 1886, p. 5).

[33] A partir do volume 11, de 1896, o periódico é publicado também em Bombaim, Índia.

[34] Cf. "A Historische Zeitschrift e a historiografia alemã do século XIX", na *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto: n° 6, março de 2011. p. 81-101.

Figura 1. Gráfico do Recorte espacial dos Artigos.



Fonte: *The English Historical Review*, 1886-1902.

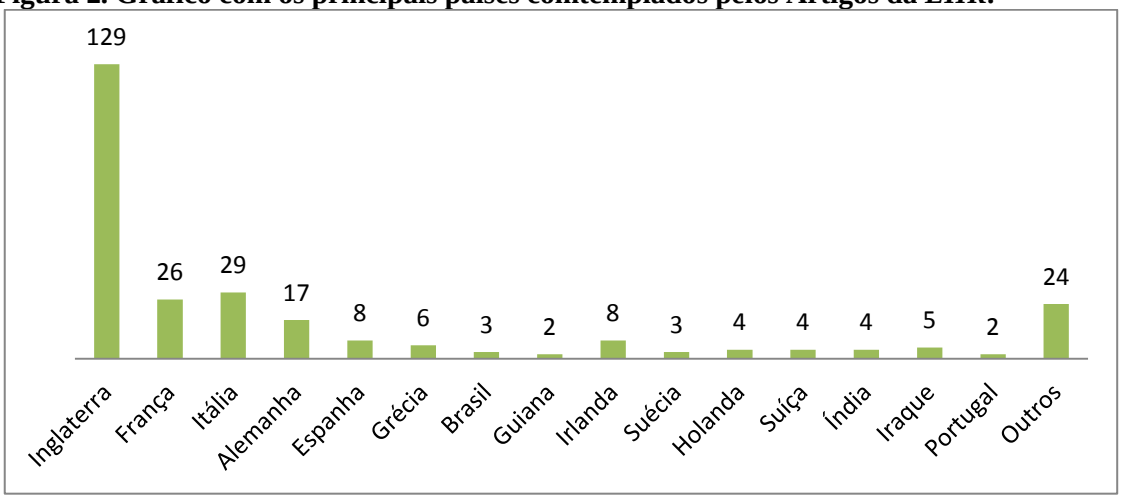
A figura 1 demonstra claramente a ênfase nos estudos da história da Europa. Em boa parte essa preferência se justificaria pela formação desses autores, e pela disponibilidade de arquivos. Além de atenderem aos questionamentos de seus respectivos locais de enunciação. Os artigos que tratam da trajetória dos principais historiadores profissionais foram considerados também nessa analise, a partir da referência a nacionalidade. Podemos afirmar que todos são europeus.

Esse dado não significa que a *EHR* fosse fechada a produção e aos objetos dos demais continentes. Porém, parte do interesse por outras regiões pode ter como um de seus motivos o envolvimento direto de ingleses e europeus naquelas histórias. Como pode ser observado pela atenção dispensada ao continente asiático, no momento em que o Imperialismo europeu se organizava e mantinha seus domínios comerciais naquela região. Nesse grupo dois estudos são sobre a Índia: *François Joseph Dupleix*, volume I e *Benoît de Boigne*, volume III, ambos os textos escritos por Sidney James Owen.

Existem ainda artigos sobre história dos Estados Unidos (02) e para a história do Brasil (03). Os estudos sobre a história da África são dois: um sobre a história antiga do Egito e o outro sobre "As missões do Coronel Cradock", no volume XV da revista, além de um estudo sobre a colonização da Austrália.

A identificação dos objetos de interesse de cada um dos artigos resultou, então, numa escala de interesses da revista:

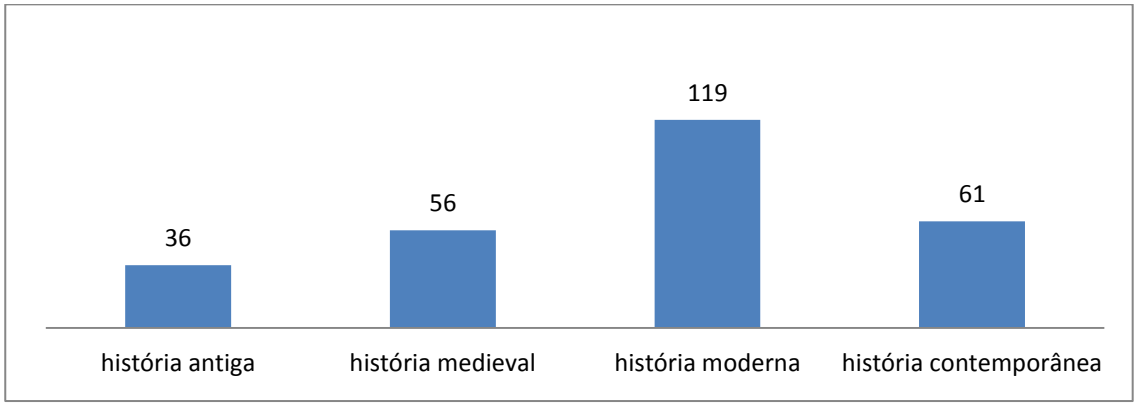
Figura 2. Gráfico com os principais países comtemplados pelos Artigos da *EHR*.



Fonte: *The English Historical Review*, 1886-1902.

A figura 2 oferece um dado que pode ser considerado fácil de explicar. A predominância de textos que tratam da história de seu próprio país. Como afirmou Júlio Bentivoglio (2011, p. 85) as revistas de história do século XIX possuíam em boa medida, uma dimensão nacionalista. A história do país também é evidenciada nos estudos de outras nações, como França, Alemanha, Itália, em momento que dialogam com a história local (inglesa).

Figura 3. Gráfico de classificação dos Artigos por períodos históricos.



Fonte: *The English Historical Review*, 1886-1902.

Podemos notar na Figura 3 a predominância de estudos na área de história moderna. Desde temas que remetem aos séculos XV, XVII da história inglesa até mesmo a história da América como os artigos de A. R. Ropes "As primeiras

explorações da América, o real e o imaginário" (1887, vol. 2), os textos de Rev. George Edmundson como "O Poder Holandês no Brasil I. A luta pela Bahia, 1624-1657" no (1896, vol. 11).

A segunda ênfase dada na revista, a história contemporânea, diz respeito aos textos que tratam de temas que datam a partir da Revolução Francesa. Englobei nessa área também os textos referentes a autores, por associá-los a uma perspectiva biográfica. Nesse recorte se inserem textos como o de Lord Acton "As escolas alemãs de história" (1886, vol. 1), ou o artigo de James Bryce (1892, vol. 7), intitulado "Edward Augustus Freeman", ou ainda o artigo de Richard Garnett (1901, vol. 16), "Mandell Creighton, Bispo de Londres". No conjunto desses textos inclui-se também notas obituárias que foram compiladas, boa parte, quando da morte do referido autor.

As áreas da história tem como destaque a produção de John H. Round e Frederic W. Maitland sobre o mundo medieval e a produção de Edward Freeman e John Bury sobre a história antiga. John Horace Round (1854-1928) tem uma participação ativa nos números da *EHR* e é considerado referência para a historiografia medieval inglesa à época. Segundo Richard Cosgrove, John Round possuía um interesse tão intenso nos estudos das fontes que suas publicações concentravam-se em pequenos textos de notas de pesquisa (COSGROVE, 2008, p. 38).[35]

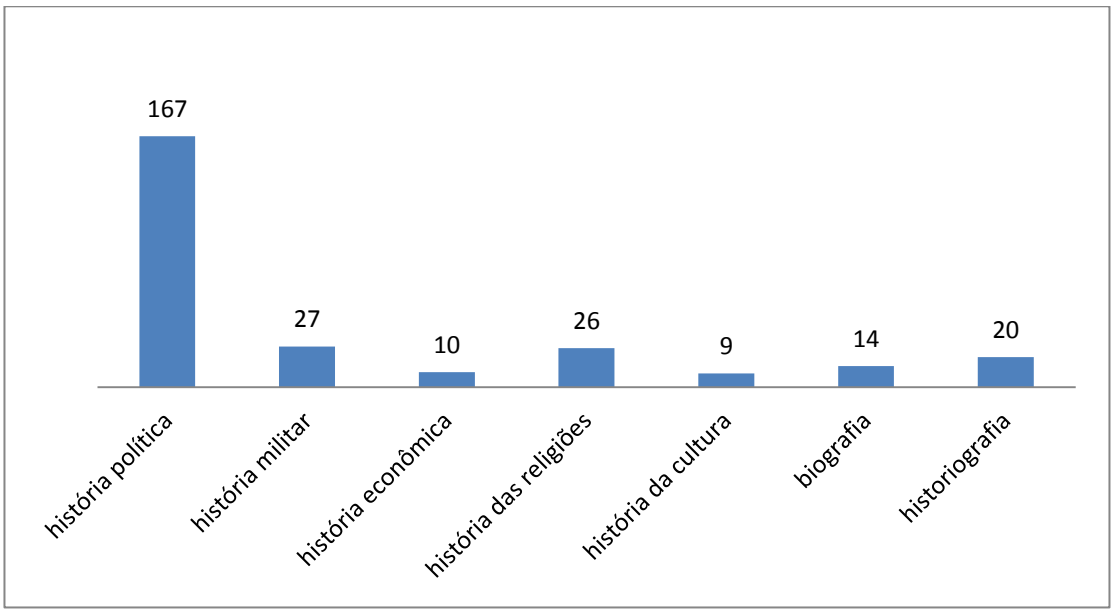
A classificação seguinte foi pautada nos temas dos artigos catalogados. Esse tipo de classificação procura problematizar a interpretação historiográfica generalizada de que o século XIX é, sobretudo, o século da história política. Interpretação essa feita normalmente para indicar uma nova história produzida no século XX (BURKE, 1992; BARROS, 2004). A história política, como podemos perceber, é o tema dominante entre os artigos publicados na *EHR*, mas não se restringe a ele totalmente.

A escolha dos temas foi feita de acordo com o horizonte temático que conhecemos hoje e as referências tiradas dos próprios textos da revista. Uma referência que utilizamos para inspirar nossa identificação desses temas foi o trabalho de José D'Assunção Barros, a partir do momento que nos concentramos no que foi tomado em primeiro plano nos textos, os enfoques, e na observação dos sujeitos ou objetos

[35] Ainda Segundo Cosgrove (2008), em um determinado momento, Reginald Poole, editor da *EHR*, escreve a John Round: "Espero que você considere que os artigos são normalmente a coisa menos importante na Revista. [...] A sessão realmente importante é a de Notas e Documentos, e é esta quero estender" (COSGROVE, 2008, p. 38).

específicos que receberam a atenção do historiador (BARROS, 2004, p. 20). Essas definições, portanto, são nossas, não podemos definir com exatidão essas temáticas dentro da *EHR*, até porque nem mesmo para os historiadores de então isso já estava definido.

Figura 4. Classificação dos Artigos por temas, considerados em sua dimensão atual.



Fonte: *The English Historical Review*, 1886-1902.

Conforme demonstra a figura 4 a história política é em sua maioria sobre a história europeia, com as situações da França, Irlanda, os reinados ingleses de Elizabeth, Henrique III, Henrique VIII, Cromwell. Mas também história colonial, com referências ao Brasil, à expansão napoleônica, o imperialismo inglês do final do final do XIX, entre outros. Essa representação da história política reflete um dos princípios da *EHR* e de um dos principais historiadores ingleses da época. No prefácio de 1886, como mencionamos acima, é afirmado que embora seja uma visão limitada, os estudos relacionados aos Estados e à política serão a parte principal de seus assuntos. Consideravam inclusive uma certa hierarquia entre os o que era entendido como "fatos privados" e os fatos das "nações" [36]. Essa perspectiva política tinha em Edward Freeman (1823-1892) um de seus principais expoentes. Freemam é o autor do lema: "a

[36] States and politics will therefore be the chief part of its subject, because the acts of nations and of the individuals who have played a great part in the affairs of nations have usually been more important than the acts of private citizens (PREFATORY NOTE, 1886, p. 3).

história é o passado político e a política é a história presente". Segundo Rosemary Jann, mais uma vez:

> The prestige of his historical doctrines was confirmed in 1881, when in a lecture tour of the United States, he had the satisfaction of finding his favorite motto, "History is past politics, politics are present history," adopted as the epigraph for the new *Johns Hopkins University Studies in Historical and Political Science.* (JANN, 1985, p. 172).

A fatia história militar se refere a narrativa de batalhas, com analises de documentos, decobertas. Muito embora esse tema esteja associado à história política, a história militar teve um papel de destaque no periódico. Podem ser exemplificados os textos de Andrew Mac F. Davis "The employment of Indian Auxiliares in the American War", (1887, vol. 2). Ou "A campanha de Sedan", de W. Connor Morris (1888, vol. 3) ou o debate sobre a "Batalha de Hasting" com T. A. Archer, e John H. Round que faz referência ao trabalho de Freeman sobre esse assunto, (1894, vol. 9).

Chama atenção a presença expressiva de artigos relacionados com a história das religiões, que nesse sentido são absolutamente cristãs. Por exemplo, o texto do autor norte-americano, Henry Charles Lea, "O confisco das heresias na Idade Média", no volume de 1887. Ou o artigo do Rev. A. C. Headlam intitulado "Métodos do início da história da Igreja" (1899, vol. 14), no qual o autor faz uma revisão historiogáfica das origens da cristianidade ou do cristianismo. Outro exemplo é o artigo de William Shaw sobre "O Presbiteranismo Elizabetano", de 1888.

Outro grupo que chama atenção é o denominado história econômica. No bloco da história econômica que contabilizamos 10 artigos destaca-se o trabalho de William Cunningham "A repressão da fábrica de lã na Irlanda", artigo publicado no volume de 1886. Este artigo aborda o desenvolvimento industrial inglês e a atuação da legislação britânica para impedir o desenvolvimento de fábricas irlandesas. Outro exemplo são os artigos de M. Oppenheim. Suas histórias são centradas na analise da marinha real britãnica. No volume 6 (1891), aparece o artigo "A Marinha Real e Mercantil na época de Elizabeth" que trata do desenvolvimento da construção naval britânica, relacionando quantidade de navios e os seus valores. Outros artigos de Oppenheim são: "A Marinha Real na época de Charles I", (1894, vol. 9), "A Marinha da República, 1649-1660", (1896, vol. 11).

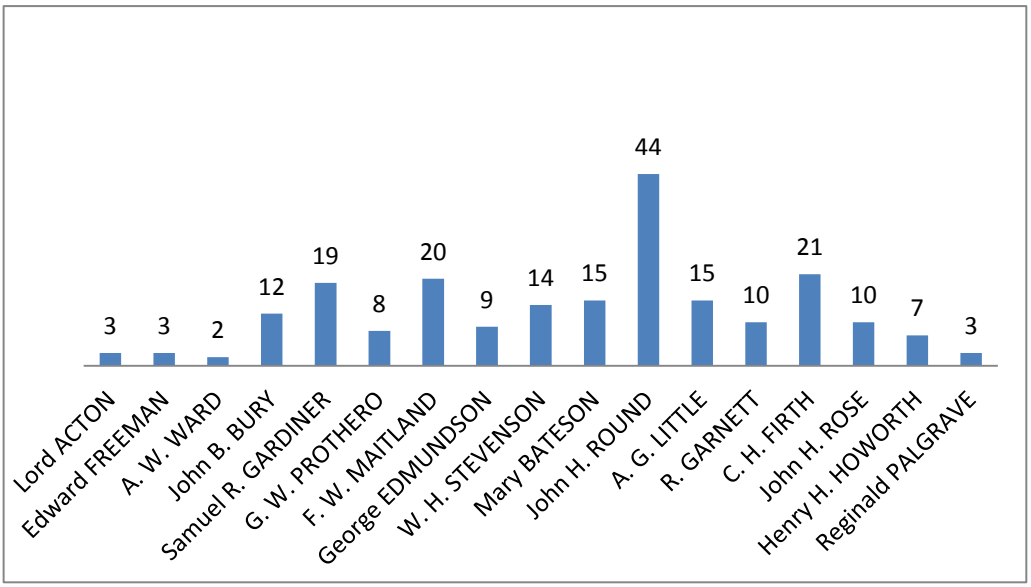
A classificação "história da cultura" seguiu a descrição das fontes que encontramos em alguns artigos, como o de H. Parker no volume 5 (1890) "As sete artes

liberais” - que seriam a gramática, a retórica, a lógica, a aritmética, geometria, astronomia e música. Ou o artigo de Hales “Shaskespeare e os Judeus”, (1894, vol. 9) e ainda Edward Tarham com o texto “Erasmo na Itália”, (1895, vol. 10). Os artigos catalogados na categoria de “biografia” seriam aqueles que tratam de personagens históricos da história européia, como Thomas Wolsey, Richard Church, Sir Richard Bulstrode, que Charles Firth escreve sobre suas memórias no volume de 1895.

Os artigos assinalados como “historiografia” são aqueles que referem-se como espécies de notas obituárias. Mas que também indicam leituras e críticas dentro do debate historiográfico. Eles analisam a trejetória intelectual dos autores, as principais obras e suas contribuições para os estudos históricos naquele momento. Poderiam indicar de maneira mais explícita as considerações sobre a prática histórica, a forma como os historidores ingleses interpretavam essa questão. Destacam-se, por exemplo, os obituários de Gneist, escrito por Prothero (1888, vol. 3); Döellinger, de autoria de Acton (1890, vol. 5); Fustel de Coulanges, feito por Edward Jenks (1897, vol. 12); Heinrich Von Treitschke, escrito por J. W. Headlam (1897, vol. 12).

O próximo quadro, a figura 5, traz um levantamento de alguns dos principais historiadores da *English Historical Review* dos anos de 1886 a 1902.

Figura 5. Principais historiadores das publicações de Artigos e Notas da English Historical Review.



Fonte: *The English Historical Review*, 1886-1902.

Nesse perfil foram considerados também os textos publicados na sessão de Notas e Documentos. Chamo atenção para os nomes de Adolphus W. Ward e G. W. Prothero que participaram como editores do plano de Lord Acton, concebido em 1902, a *Cambridge Modern History*. Também chama a atenção a presença feminina de Mary Bateson, que possui artigos sobre história das religiões, como "A visitação do Arcebispo Warham nos monastérios, 1511" (1891, vol. 6).

2.4 Resenhas.

Nas resenhas catalogadas encontramos um local privilegiado para conhecer as "percepções mútuas" [37] dos autores. É algo que Skinner chama atenção, a compreensão das intenções de um autor ao atacar ou defender um argumento, ao criticar ou contribuir com uma tradição de discurso. Skinner trata de sua dimensão ilocucionária, termo herdado de J. L. Austin. Ou seja, "conhecer os motivos e intenções do autor é conhecer a relação que ele mantém com o que escreveu" (SKINNER, 1972, p. 400). Segundo Ricardo Silva, Quentin Skinner reforça a dimensão ilocucionária dos atos de fala porque a mesma foi negligenciada pelas teorias convencionais do significado. Como já esboçamos acima, essas teriam se concentrado na dimensão do texto em si e da recepção do público. Compreender o *significado* de um texto histórico seria o mesmo que revelar o que o autor do texto *estava fazendo* ao escrevê-lo (SILVA, 2010, p. 308). Para isso, dever-se-ia estudar o modo como a intenção do autor se inscreve no contexto de convenções linguísticas em que o texto foi produzido (SKINNER, 1969, *apud*, SILVA, 2010).

Procuramos nas Resenhas selecionadas aqueles momentos em que o autor enfatiza estratégias como a crítica, a comparação, a interpretação do livro resenhado. Através de trechos dos textos podemos encontrar a opinião do autor sobre determinado assunto, interpretações que em muitos momentos extrapolam a mera crítica de um livro e indica concepções histórico-científicas e até posicionamentos políticos.

[37] Expressão utilizada por Peter Wende (2006).

As resenhas da *English Historical Review* aparecem em cada número da revista e nos oferece a oportunidade de mais uma vez encontrarmos quem era lido pelos autores do periódico. As resenhas atenderiam, portanto, à nossa expectativa de localizar em um periódico do final do século XIX aquelas discussões que são tradicionalmente relacionadas a tal período. Encontramos nessa sessão alguns nomes já conhecidos nas discussões da história da historiografia. Por isso, nosso recorte foi estabelecido naqueles textos que poderiam, por referências a nomes já consagrados, oferecer uma determinada reflexão metodológica.

Entre os textos que podem ser encontrados na sessão de resenhas, dos cerca de 50 trabalhos selecionados entre 1886 e 1895 (Anexo 2), gostaria de citar os seguintes:

Tabela 1. Principais textos da sessão Resenhas de Livros da *TEHR*.

Identificação		Resenhas	
TÍTULO DA REVISTA	**ANO/ VOLUME**	**AUTOR E LIVROS RESENHADOS**	**RESENHADOR, PAGINAÇÃO**
The English Historical Review (TEHR)	1886, vol. I	TREITSCHKE (H. von) *Deutsche Geschichte im neunzehnten Jahrhundert, III*	Adolphus W. Ward, 809-815.
TEHR	1887, vol. II	FREEMAN (E. A.) *Methods of historical study*	Adolphus W. Ward, 358-360
		GARDINER (S. R.) *History of the great civil war [1642-1649], I*	Adolphus W. Ward, 381-385.
		CREIGHTON (M.) *History of the papacy* , III.	Lord Acton, 571-581.
		SEELEY (J. R.) *Short history of Napoleon the First* e John Codman ROPES, *The First Napoleon: a Sketch, Political and Military*	Lord Acton, 593-603
TEHR	1888, vol. III	RANKE (L. von) *Zur Geschichte Deutschlands und Frankreichs im neunzehnten Jahrhundert*	Adolphus W. Ward, 184-186
		LEA (H. C.) *History of the inquisition of the middle ages*	Lord Acton, 773-788
		BROGLIE. *Mabillon et la Société de l'Abbaye de Saint-Gennain-des-Prés à la fin du XVII siècle.*	Lord Acton, 585-592
TEHR	1892, vol. VII	GARDINER (S. R.) *History of the great civil war, III. [1647-1649] & A Student's History of England*	Adolphus W. Ward, 573-578.
		H. M. STEPHENS, *History of the French Revolution, II* .	Lord Acton, 382-384
TEHR	1893, vol. VIII	FREEMAN, (E. A.) *Historical essays.*	G. W. Prothero, 384-389.
TEHR	1895, vol. X	FLINT (R.) *Historical philosophy in France and French Belgium and Switzerland*	Lord Acton, 108-113.

Fonte: *The English Historical Review*, 1886-1902.

Podemos observar, pela seleção, que o quadro nos traz nomes de autores consagrados, como, por exemplo, Ranke, Langlois, Seignobos, Henry Lea, entre os

estrangeiros à *EHR*. Entre os britânicos, Freeman, Gardiner, Lecky e Acton fazem parte dessa seleção. Esses textos refletem a sua maneira, em determinados momentos, algumas questões que fazem parte da reflexão do historiador sobre o seu ofício. Entre essas questões destaca-se a pretensão de objetividade no trato com as fontes; a forma de exposição narrativa da história, diferente da narrativa literária; a relação do historiador com o seu presente – lembrando que estamos em um ambiente de consolidação dos Estados nacionais europeus; a função moral da história (aspecto fundamental nas interpretações de Acton).

Pelo conjunto do nosso trabalho os textos que analisaremos se enquadram entre aqueles que discutiram num primeiro momento aspectos que eram e seriam cada vez mais importantes para o conhecimento histórico, como a questão da objetividade, dos grandes nomes do passado e a forma de exposição narrativa dos resultados da pesquisa.

O primeiro texto que analisamos é a resenha publicada em 1887 por Adolphus William Ward (1837-1924), que analisa o trabalho de Edward Augustus Freeman, "Os métodos do estudo histórico". Essa resenha demarcará nossa primeira parte dessa sessão. Depois analisaremos mais quatro resenhas assinadas por Adolphus Ward que revelam no seu conjunto os interesses e reflexões do autor[38].

Segundo seu resenhista o livro de Freeman reúne oito Conferências apresentadas na Universidade de Oxford no primeiro semestre acadêmico "*Michaelmas Term*", de 1884, além da Conferência Inaugural sobre o Ofício do Professor de História. É interessante o fato de Ward resenhar Freeman, entre outros motivos, porque normalmente suas resenhas são sobre autores alemães, como se observa a resenha da obra "História dos alemães e franceses no século XIX" (1888, vol. 3), de Leopold von Ranke. Peter Wende confirma essa informação de que Ward era um dos principais resenhadores dos alemães na *EHR* (WENDE, 2006, p. 176), assim como o quadro geral de resenhas publicado pelo periódico a partir da nossa analise (Anexo 2).

Ward, à época, também diretor da revista, inicia sua resenha chamando atenção para a ascensão recente de Freeman no meio acadêmico. Mas é a terceira conferência que Ward chama atenção ao leitor. Ele encontra ali uma boa definição da história de Freeman como "a ciência do homem em sua característica como ser político". É pela ação do homem na comunidade, ou nas relações com a comunidade, que se torna um

[38] Além das resenhas que analisaremos aqui, Ward publicou na *EHR* entre 1886 e 1924, cerca de 130 resenhas. Sendo a maioria delas relacionadas com temas políticos, história da Alemanha etc.

sujeito próprio do estudo histórico, reflete Ward. Isso faz lembrar a famosa assertiva que é de sua autoria de que "a história é o passado político e que a política é a história presente". Essa sentença é mencionada no Prefácio da *EHR*, conforme já salientamos, e considerada como uma das concepções de história então prevalecentes, e que, em contraposição a uma visão da história como "um quadro de todo o passado", a primeira, de Freeman, aparece limitada (*narrow*), enganosa (*misleading*) [39].

O autor da resenha elogia o capítulo sobre o tratamento das fontes, que ofereceria uma revisão sistemática dos testes comuns de autenticidade e correção/certeza (*genuineness* e *correctness*). Estabelecendo o método, e não os métodos do estudo histórico como chama atenção Ward. Nesse momento ele parece aproximar Freeman de Droysen, considerando que se assemelham no poder de narrativa e na amplitude da visão histórica (WARD, 1887, p. 360).

Para Adolphus Ward o "que deveria impressionar o candidato a leitor desse livro, e que, eu penso, justifica o desejo que tenho de me aventurar nele para produzir uma visão mais ampla do assunto, é a firmeza extraordinária de controle mantida sobre todo o tema" (WARD, 1887, p. 360).

A ênfase que Ward dá as características das fontes oficiais, que Freeman desenvolve na terceira conferência, é um dos indícios dessa leitura profissional da história que então se estabelecia. Não é sem razão que na mesma resenha, Ward refere-se à obra de Carlyle como "ficção frívola".[40] Já a terceira conferência trata dos "materiais da 'história moderna' e da forma correta de usar esses materiais". A conferência, direcionada aos "estudantes interessados nos estágios mais avançados da atividade histórica" [41]. Isto está associado, nesse caso, à oposição a prática historiográfica até então predominante.

Outras duas resenhas de Ward tem como objeto dois livros de Samuel Rawson Gardiner, que fazem parte de suas pesquisas sobre a Guerra Civil inglesa do século XVII. O primeiro texto aparece no mesmo volume da primeira resenha, e analisa o

---

[39] *EHR* (1886), *Prefatory Note*, pag. 2.
[40] On the other hand, no argument in the world will convince the man who derives a virtuous satisfaction from reading history, real history, in his leisure hours instead of mere frivolous fiction, and who is even ready to sit down to Carlyle's 'Frederick' with a map, that history, and modern history in particular, is not an easy study (WARD, 1887, p. 359).
[41] *EHR* (1887), pág. 359.

primeiro livro de Gardiner sobre o assunto: *History of the Great Civil War, [1642-1649]*, Londres, Longmans & Co., 1886.

No texto é importante indicar de início uma avaliação do autor que aprova o trabalho de Gardiner como um tipo de historiografia que deveria ser valorizada: "Pelo sucesso [...] do trabalho já realizado por ele, é um dos mais esperançosos sinais quanto ao futuro que aguarda o melhor tipo de literatura histórica neste país" (WARD, 1887, p. 381). Logo após ele menciona uma preocupação com o leitor da história militar de Gardiner:

> Embora o volume de Mr. Gardiner, agora diante de nós, nos leva muito perto da campanha crítica de 1645, não seria o momento de tentar estimar suas qualificações para essa tarefa, as dificuldades que não são restritas aquelas de tornar as batalhas e outros assuntos militares inteligíveis para leitores desprovidos de treinamento militar (WARD, 1887, p. 381).

O que se torna mais interessante quando Ward afirma que Gardiner

> [...] não pode, ele afirma, descrever batalhas que ele não viu, como se ele tivesse visto; de modo que, no que diz respeito a isto, ele afirma apenas ter dado um relato do que lhe parece ter acontecido, após um inquérito que ele tem sido capaz de fazer. Em um número recente desta Revista Sr. Thomas Arnold expressa o desejo de que alguma autoridade militar competente iria "dar-nos relatos precisos e racionais do que foi feito" nas campanhas da Guerra Civil (WARD, 1887, p. 381).

O autor da resenha não considera essa solução possível, alegando que esse tipo de conhecimento não é acessível. O autor cita o exemplo, que é uma novidade até então, de Sr. Kinglake que produzia uma obra voltada para mostrar "na frase de Ranke, como a coisa realmente aconteceu" (1887, p. 381). O que demonstra que a máxima de Ranke era conhecida, e pela citação rápida, sem notas de rodapé, ou mais indicações da origem da sentença ou do autor, fazia parte (a máxima de Ranke) do vocabulário historiográfico desses historiadores[42].

Em outro momento a referência a narrativa parece querer indicar Cromwell como herói: "O papel desempenhado por Cromwell na preparação da mudança é claramente marcado pela narrativa de Gardiner" (1887, p. 385). O que consideramos elementos de uma reflexão sobre narrativa é essa preocupação de Ward com os sentidos e a ênfase da narrativa de Gardiner. No final ele aprova o trabalho de Gardiner que

[42] O texto mencionado de Thomas Arnold se encontra na sessão de Notas e Documentos intitulado "Battle of Edgehill". T. Arnold afirma que "It is much to be desired that some competent military man, acquainted with the tactics and means of attack and defence which were in fashion at the time of the Thirty Years' war, would take in hand the campaigns of our English civil war, and give us accurate and rational accounts of what was done. […] but by carefully comparing and weighing different accounts, he would generally be able to arrive at something pretty near the truth" (ARNOLD, 1887, p. 137).

mesmo sendo ainda um fragmento, mostra "como e porque a vitória era de pertencer a Cromwell e os santos" (1887, p. 385).

Adolphus Ward volta a analisar a escrita de Samuel Gardiner, expressa na obra História da Grande Guerra civil (1891), e em outro trabalho voltado para o público mais jovem intitulado "A Student's History of England from the Earliest Times to 1885" (1892), (1892, vol. 7). Dessa vez o texto de Ward sobre o livro da Guerra Civil esta mais preocupado com os aspectos fatuais e políticos do trabalho de Gardiner. Quanto ao segundo livro resenhado, Ward percebe um tipo de escrita diferente da primeira obra, de modo mais claro e cauteloso. O resenhador parece considerar duas possíveis formas de escrita:

> Aqui e ali, sem dúvida, um pouco mais de vigor poderia ter sido infundido em seu estilo, e aqui e ali, como no relato de Calvino ou sobre os Jesuítas, um pouco mais de cor não teria feito mal algum. Mas eu prefiro abster de quaisquer pequenos sofismas, como numa obra desse tipo inevitavelmente se insinua. O tempo dirá se Sr. Gardiner atingiu o centro de sua meta entre *Lesebuch* e *Lehrbuch*, e se qualquer sucesso permanente dessa combinação entre esses dois modelos é possível (WARD, 1892, p. 578).

As outras duas resenhas que destacaremos de Ward são sobre Treitschke e Ranke. Em relação ao historiador alemão conhecido pela sua defesa do nacionalismo, Treitschke, Ward faz uma analise dos temas que o autor teria discutido para formar o terceiro volume de sua "História alemã no século XIX" (1885), se interessando mais pelas implicações políticas. Heinrich von Treitschke foi um historicista da mesma escola de história de Gervinus e Droysen, por exemplo, responsáveis por desenvolver para a ciência da história um argumento metódico, demonstrativo e explicativo (MARTINS, 2008, p. 21). Ele foi à opinião de Acton superior a Droysen em relação ao domínio dos documentos [43].

Um trecho do texto de Ward que nos chama atenção está associado a comparação entre Treitschke e Macaulay. Por ser Macaulay uma figura de destaque na historiografia do século XIX, perguntamos se essa comparação de Ward revelaria mais

[43] Ver trecho do artigo de Acton no volume 1: The one writer of history who is more brilliant and powerful than Droysen is Treitschke. Droysen's grasp of his materials began to relax when he came to Frederic; but Treitschke never flags, and is always vehement, certain, and overwhelming. As a political essayist, long ago he broke the spell of superiority which, until the death of Stahl, belonged to the religious and the strict conservative world. He was predestined for Berlin by his first conspicuous act; for he had attacked, and it was thought had refuted, the notion of a separate science of society, as the sphere of religion, morality, economy, and knowledge, as a vast immunity, organically distinct from the state, and able to control it (ACTON, 1886, p. 33).

um indício da história que eles queriam estabelecer naquele momento. O trecho mencionado é o seguinte:

> Tendo o historiador da Alemanha moderna, se ele me perdoará da imputação, um melhor treinamento do *Zunft-Professor* do que era acessível ao seu protótipo inglês, e tendo levado adiante de uma escola de historiadores o segredo daqueles êxitos que ele próprio encontrou corretamente no seu domínio dos materiais, em minha opinião, supera Macaulay onde Macaulay era mais forte (WARD, 1886, p. 813) [44].

O resenhista não nos informe onde Macaulay era mais forte, mas poderíamos imaginar que ele se referia a sua habilidade retórica. Isso pode significar que Ward considerava mais importante a habilidade investigativa de estudo com as fontes, que foi algo que Treitschke teria estudo na sua formação alemã, do que o estilo retórico da escrita de Macaulay. Esse domínio das fontes, uma das principais exigências da historiografia científica, Macaulay não podia oferecer.

A resenha de Ward sobre Ranke está associada a obra "História dos alemães e franceses no século XIX" (1887). O que podemos destacar desse texto é a passagem que Ward considera que Ranke:

> Pertencia a uma geração menos ansiosa, talvez, do que a nossa própria para provar o valor da formação científica no senado e do fórum, mas incapaz de dissimular o sentido de responsabilidade que impede cada verdadeiro patriota de ser um mero crítico dos assuntos públicos (WARD, 1888, p. 184).

Outro texto é a resenha de G. W. Prothero também sobre o trabalho de Edward Freeman, o livro "Ensaios Históricos", de 1892. Prothero foi um dos editores da *Cambridge Modern History*, de 1902, junto com Adolphus Ward. Seu texto traz uma análise do autor que já nos referimos como um dos representantes mais interessantes da transição da história vitoriana para a história profissional. A resenha tem lugar no volume 8 da *EHR*, número 30, de abril de 1893, pp. 384-389.

Prothero encontra nesse livro algumas das principais características de Freeman, como sua demonstração da doutrina da continuidade histórica e sua teoria de que a história deve ser estudada e ensinada como um todo. Em relação a essa última teoria o autor afirma que Ranke foi o único historiador do século a compreender e sustentar essa doutrina (PROTHERO, 1893, p. 384).

---

[44] The historian of modern Germany having, if he will pardon the imputation, more in him of the training of the *Zunft*- Professor than was accessible to his English prototype, and having issued forth from a school of historians the secret of whose triumph he rightly himself finds in their complete command of their materials, in my opinion surpasses Macaulay where Macaulay is strongest (WARD, 1886, p. 813).

A resenha segue um roteiro de identificação dos artigos mais relevantes e importantes que tratam de temas como a guerra civil inglesa, a história romana, a Reforma, as cidades inglesas e francesas, entre outros. Para Prothero os sete primeiros ensaios são os mais importantes, por demonstrar o poder de conexão de Freeman entre a geografia e a história e a ligação da "estória" de uma cidade em particular com a vida nacional (1893, p. 385). Freeman teria uma capacidade de descrição topográfica digna da herança de um "romancista pitoresco".

É identificado um conservadorismo histórico da parte de Freeman no artigo "Alter Orbis", sobre a insalubridade da Bretanha. Entre outros artigos analisados o autor chega ao texto que diz respeito a referida doutrina da continuidade histórica. De acordo com a reflexão de Prothero os artigos mais importantes seriam o "Nobility" e "House of Lords" (p. 387). No primeiro, segundo Prothero, ele esclarece a confusão do significado de "nobreza" nos termos *nobility*, *aristocracy* e *peerage* e demonstra como e quais os efeitos de uma nobreza conquistada ou transmitida por sangue. Considerando uma aristocracia de sangue mais permanente e opressiva do que a que resulta de uma conquista, estaria antecipando o artigo sobre a casa dos lordes. Posteriormente é esclarecido que a coroa, *the crown*, a casa dos comuns, devem seguir a regra da hereditariedade. Segundo Prothero, Freeman estaria preocupado com o debate sobre a *upper house*, a Câmara dos Lords. Os ataques que eram feitos e as defesas. Como o próprio Prothero ressaltou, essa é uma boa ilustração da teoria de que a história é o passado político e que a política é a história presente. A resenha de Prothero percebeu que a concepção política de Freeman influencia sua prática histórica profissional.

Nas resenhas de Lord Acton encontramos a afirmação de seus princípios, associados a temas como a moral, a ética e a prática científica da história. A reputação de Acton entre os seus pares era visível. Reginald Poole certa vez escreveu: "Em força e estímulo suas resenhas são únicas e completas. As vezes sua erudição é quase opressiva, mas isso não é o efeito menor" (1902, p. 695).

A primeira resenha de Acton que temos notícia é do livro de Mandell Creighton, seu amigo e editor da *EHR*. Em 1887 Creighton publicou pela mesma editora da Revista o livro "História do Papado durante o período da Reforma. Volumes III e IV – Os príncipes italianos, 1464-1518".

Creighton desenvolve um trabalho com a pretensão de imparcialidade, segundo Acton. Algumas características do livro sugeriam, pela analise de Acton, como era o trabalho do seu autor e qual o público endereçado. Como na seguinte passagem:

> [...] a sua primeira característica é a economia de provas [*evidence*], e a severidade com que a matéria-prima é reprimida e assim mantida fora da vista para não desviar a atenção do leitor ou transformar o seu prazer em labuta. O autor prefere o grande público que toma a história na forma de literatura, a estudiosos cujas almas estão perturbadas com a insolubilidade de problemas e que tomam suas refeições na cozinha (ACTON, 1887, p. 571-572).

Ainda sobre essa questão Acton faz uma referência a Ranke:

> Existe algum risco em tentar uma narrativa suave de transações que pertencem a uma idade tão rica em disputas importantes e materiais dispersos, e ser rápido com as causas da reforma. Como o autor raramente faz um balanço ou mostra os limites do seu trabalho, o estudante grato, cujas provas não são impostas, não pode dizer se elas são significativas, e pode ser levado erroneamente ou injustamente a duvidar se as fontes de informação e sugestão tinham sido totalmente exploradas. Ninguém deveria ficar melhor com Creighton do que Ranke. O falecido John Richard Green costumava reclamar que era com ele que ele tinha aprendido a ser tão imparcial e desatento a tudo menos a cadeia de fato incolor (1887, p. 572).

Esse trecho revela a preocupação de Acton com a exposição mais metódica, científica, do historiador. Podemos entender por isso a pretensão da escrita histórica que se considera capaz de alcançar objetividade no relato daquilo que foi encontrado nas fontes.

Sobre o método de Creighton Acton afirma:

> Seu cinzel é necessariamente cego, e ele não pode trabalhar em alto relevo. Isso tem custado a Creighton senão aceitar pouco essa desvantagem em seu método. Ele não se esforça para provar um caso, ou cavando através de uma conclusão, mas deseja passar pelas cenas de uma controvérsia violenta e uma paixão com uma curiosidade serena, um julgamento suspenso, um júri dividido, e um par de luvas brancas. Evitando ambas as alternativas da missão do profeta, ele não vai nem abençoar nem amaldiçoar, e raramente convida seus leitores a execrar ou admirar. Sua tintura é às vezes pálida, e sua tonalidade indecisa (188, p. 573).

Nesse sentido o posicionamento de Creighton é condenado por Acton. Para ele o historiador deveria julgar um evento histórico a partir da sua contribuição para a moralidade. O historiador não consegue se identificar completamente com o processo histórico o qual estuda, ele segue as suas concepções no presente. O que para Acton não é um problema.

Esse é um dos motivos de Acton refletir sobre o tema da ética no ofício da ciência histórica. Sobre isso no texto sobre o livro de Creighton Acton declara:

> Creighton percebe a pedra submersa do ceticismo moral, e promete que ele não vai abaixar o padrão do julgamento moral. Nesse estágio de transição de luta e dispersão da ciência ética, a tendência familiar de empregar a mesologia na história, julgar um homem por sua causa e sua causa pelo seu resultado, para evitar críticas ao assumir a unidade e a totalidade do caráter, para evocar com grandes nomes e restaurar as reputações danificadas, não serve apenas para rebaixar o padrão moral, mas pretende excluí-lo. E é o ofício da ciência histórica manter a moralidade como o único critério imparcial dos homens e das coisas, e o único apenas sobre o qual a mente honesta pode ser feita de acordo (ACTON, 1887, p. 578).

Portanto, na analise que Acton faz de Creighton podemos encontrar uma referência sua a maneira como deve ser escrita a história. Acima do processo de investigação da pesquisa e da escrita da história estaria um princípio maior para Acton. É o resultado de sua filosofia da história. Acton é dessa forma um ante romântico, ou um ante historicista. Como afirmou Lionel Kochan a ideia historicista de que haveria um número infinito de mundos, sendo cada um deles exclusivos, sem nenhum contorno externo, é o que faz Acton considerar "historicismo" e "mundo histórico" termos deprimentes (KOCHAN, 1954, p. 65). Essa relativização impede os julgamentos de Acton.

Na segunda resenha Acton critica dois livros que tratam da figura de Napoleão: John R. Seeley, *A Short History of Napoleon the First*, e John Codman Ropes, *The First Napoleon: a Sketch, Political and Military*. Para Acton caberia ao que ele chama de "literatura profana" escrever a melhor biografia de Napoleão. Os franceses teriam dificuldades devido ao fato de estarem próximos de seu objeto. Talvez Acton se referia a um patriotismo que corromperia o estudo.

Localizamos nessa resenha mais um momento em que Acton faz referência a moralidade, dessa vez indicando como deve ser avaliado um sujeito histórico, nesse caso, Napoleão: "Se nós devemos julgar o intelecto de um homem para nível maior que ele alcança, e sua moralidade pelo mais baixo, esse é o teste decisivo do caráter de Napoleão, e fixa seu local no sétimo círculo" (1887, p. 601).

Na resenha sobre Henry Charles Lea, do livro *A History of the Inquisition of the Middle Ages* (1888), que aparece no volume 3, Acton inicia se referindo ao trabalho de estudo da Inquisição feito pelo autor. Ele considera que o livro é a melhor contribuição do novo mundo para a história das religiões da Europa. O que Acton avaliará é assim indicado:

> Outros livros tem demonstrado o autor como um investigador pensativo na região remunerativa, mas perigosa, onde religião e política entram em conflito, onde as ideias e instituições são tão consideradas como as pessoas e

> os eventos, e a história é acusada com todos os elementos da firmeza, desenvolvimento e mudança. É pouco dizer, agora, que ele iguala Buckle em grau, e o supera na escolha inteligente e regulação de sua leitura. Ele esta armado em todos os pontos. Sua informação é compreensiva, minuciosa, exata, e suficiente em todo parte, se não completo. Nessa imprensa assombrosa de fatos resumidos mal existe espaço para discutir as ideias que eles exibem e a lei que eles obedecem (ACTON, 1888, p. 774).

Acton faz um resumo para explicar a origem da Inquisição afirmando que Henry Lea teria dispensado algumas fontes. É o que ele indica com a afirmação de que "a versão dominicana como um todo é repudiada por Lea com desdém" (1888, p. 775).

Acton chega a por em dúvida a inferência e o que estava em evidência na análise de Lea e afirma sua posição na escrita histórica:

> Lea empreende não discutir qualquer doutrina e nem propor moral. Ele inicia com um desejo declarado de não dizer o que pode ser construído injuriosamente para o caráter ou sentimentos dos homens. Ele escreve uma história pura, e é metodicamente inconsciente da história aplicada. O terreno amplo e suficiente do fato é dividido pela fronteira científica do mundo externo do argumento interessado. Além da fronteira ele não tem conhecimento, e nem aspira a inflamar paixão nem compor o grande *eirenikon* (1888, p. 784) [45].

A questão da moral, que anteriormente vimos pela constatação de Acton de que Henry Lea não teria demonstrado a lei que os seus fatos reunidos obedecem, aparece mais uma vez:

> De uma distinção que ele faz entre despotismo e seus abusos, e de uma expressão, depreciativo para eleições, sobre rios que não podem surgir sobre o nível de sua fonte, isso pareceria que Lea não está sobre compulsão para o liberalismo rígido que, por reprimir o tempo de ensaio e aplicando as principais regras da moralidade em geral, converte a história em um terrível monumento do pecado. Ainda, na sequência das passagens que prossegue os elogios da autoridade para a beira da ironia, as denúncias terríveis continuam. Quando o autor olha para trás sobre seu trabalho, ele discerne 'uma cena de quase escuridão não dedutível'. Ele assevera que 'a deliberada queima de seres humanos vivos simplesmente pela diferença de crença é uma atrocidade', e fala de uma 'diabólica legislação', 'uma curiosidade infernal', uma 'ferocidade aparentemente sem motivo que aparece para perseguir pelo mero prazer da perseguição'. A Inquisição é 'energética apenas no mal'; isso é 'uma zombaria constante da justiça, talvez a mais injusta que a crueldade arbitrária do homem jamais havia idealizado (1888, p. 784).

Anos mais tarde Henry Charles Lea escreveu na *American Historical Review* uma crítica a postura de Acton e sua exigência de julgamento no ofício de historiador.

[45] A palavra *eirenikon* que Acton usa no final desse trecho quer dizer uma reconciliação entre escolas políticas ou teológicas opostas.

Henry Lea faz referência às passagens de Acton na Conferência Inaugural de 1895, onde o autor inglês teria afirmado que o historiador é "o político que olha para trás" [46].

Voltando a resenha de Acton em relação aos juízos de valor ele afirma o seguinte:

> Nós não exigimos que os historiadores vão compor nossas opiniões ou nos aliviar das dores purificadas do pensamento. É melhor que eles descartam o dogmatismo, se eles acatarem o julgamento, ou julgar, com o filósofo, pelos preceitos adequados de serem um guia para todos. Nós devemos nos contentar se eles negarem a si próprios, e reprimir seus sentimentos e desejos. Quando eles são contraditórios, ou, por exemplo, obviamente a tingir o meio, uma curiosidade não santa é engendrada a aprender distintivamente não apenas o que o autor sabe, mas o que ele pensa. Henry Lea teve um prazer malicioso que confunde a investigação no princípio dos seus julgamentos (1888, p. 786).

A importância atribuída por Acton em suas resenhas à moral, tanto no texto sobre Creighton, como no texto sobre Henry Lea e outros que ainda veremos, é o reflexo de um primeiro momento em sua escrita. Segundo Herbert Butterfield os julgamentos morais na história seriam o resultado natural das percepções e atitude do historiador *whig* (BUTTERFIELD, 1931, p. 59). Segundo esse autor, Acton é o maior exemplo desse paradigma, a história moralizante *whig*.

> É correto dizer que em Lord Acton, o historiador whig alcançou sua maior consciência; e é verdade, e ao mesmo tempo não é uma mera coincidência, que em seus escritos os julgamentos morais aparecem "em trincheiras" e de forma intransigente, enquanto em toda estimativa do sujeito a função moral da história era mais grandemente aumentada (BUTTERFIELD, 1931, p. 60).

Mais uma referência de Acton em relação a questão da história científica aparece na resenha do livro de Emmanuel de Broglie, *Mabillon et la Société de l' Abbaye de Saint-Germain-des-Prés à la fin du XVIIe siècle.* Acton considera Mabillon uma figura importante para o desenvolvimento do método no século XVII, tendo sido um dos pioneiros, junto com Valla, por exemplo, que teriam contribuído para a formação da história como ciência (ACTON, 1888, p. 585). Uma passagem que demonstra a interpretação de Acton a respeito:

> A história, como ele a encontrou, estava encoberta na fábula. [...] A crítica histórica estava reduzida a uma arte para o bem e honra dos Beneditinos. O primeiro cuidado de Mabillon foram os títulos de domínio (*title-deeds*) de sua ordem. Ninguém antes dele tinha mostrado que é possível provar além da controvérsia que um documento recente é genuíno; e a incerteza da história era um aliado para aqueles que resistiram aos testes da verdade que foram ensinados pelos filósofos cartesianos e indutivos (ACTON, 1888, p. 586).

[46] LEA, Henry Charles. A Lecture on the Study of History. *The American Historical Review*, Vol. 1. No. 3. The University of Chicago Press, 1896. p. 517-518.

A próxima resenha de Acton é sobre o livro *A History of French Revolution*, de Morse Stephens, 1891. A revolução é um tema muito caro a Acton. Na sua Conferência Inaugural de 1895, por exemplo, ele afirmava que ela demarcaria uma transição entre uma história conservadora, da escola romântica, e uma escola liberal, principalmente nos meados do século XIX. Mas nesta resenha Acton trata mais uma vez de suas preocupações em relação ao conhecimento histórico. Primeiramente a pesquisa do autor lhe chama atenção.

Morse foi dono de uma *"unpretentious narrative"*, denominação que Acton usa no início de sua resenha. Seria uma referência ao *scientific zero*, condição necessária para o conhecimento científico como afirmará o próprio Acton no final da mesma. Morse teria sido um dos primeiros ingleses a consultar toda literatura e fontes da França.

> Se ele deixou em uma negligência comparativa as cópias empoeiradas e manchadas do próprio tempo, ele deve ser de confiança como um mestre do novo conhecimento e dos fatos como eles estão agora. Sua clareza, franqueza, a narrativa não pretensiosa raramente surge acima de um mesmo nível, mantido pela perspectiva ou reflexão e o leitor, que nunca é despertado, deslumbrado ou distraído [...]. A reserva e moderação da linguagem, a franqueza do apelo a razão, constitui um verdadeiro avanço (ACTON, 1892, p. 382).

Na visão de Acton esse livro de Morse é fundamental para a história:

> É acordado que um critico fala muito menos do que ele quer dizer, e com essa provisão contra a má interpretação e os perigos da compreensão eu posso seguramente dizer que os métodos desse livro seria fatal para a história. Nosso julgamento dos homens, partidos e dos sistemas esta determinado pelo menor ponto que eles toquem. Assassino, como a maré-baixa convencional, é inestimável como nossa de medição. Esse é o interesse do historiador, que ele não se envolva com isso. Se nós não tivermos um zero científico de onde partir, é inútil censurar a corrupção, mentira, ou a traição ao próprio país ou ao próprio partido, e a moralidade e a história se separam (1892, p. 384) [47].

Ao resenhar Robert Flint no volume 10, de 1895, Acton volta a se referir a questão da moral e aponta para a nossa problematização com o autor, dessa vez por se referir ao objeto de pesquisa. Como o que parece estar implícito na seguinte passagem:

[47] It is agreed that a critic says very much less than he means, and with this provision against misconstruction and the perils of understatement I may safely say that the methods of this book would be fatal to history. Our judgment of men, and parties, and systems, is determined by the lowest point they touch. Murder, as the conventional low-water mark, is invaluable as our basis of measurement. It is the historian's interest that it shall never be tampered with. If we have no scientific zero to start from, it is idle to censure corruption, mendacity, or treason to one's country or one's party, and morality and history go asunder (1892, p. 384).

> O autor não agarra o seu principal tópico, e, como ele insiste que a ciência esta esboçando o florescer sobre o estudo dos fatos apenas, e não sobre ideias especulativas, ele confere uma atenção desnecessária aos historiadores que não professam filosofia, ou que, como Daniel e Velly, não foram o melhor do seu tipo (ACTON, 1895, p. 108).

No final há uma passagem em Acton afirma sua posição de historiador, de maneira enfática:

> No futuro eu não vou ampliar (a visão?), porque eu estou escrevendo em uma revista histórica, e não numa revista profética. Mas algumas coisas não foram tão claras na França em 1679 como elas são agora em Edimburgo. O predomínio do poder protestante não foi previsto, exceto por aqueles que discutiram se Roma pereceria em 1710 ou 1720. O poder destinado da ciência a agir sobre a religião não tem sido provado por Newton ou Simon. Nenhum homem era capaz de prognosticar a experiência futura da América, ou a acertar que as observações feitas sobre o reino da autoridade confirmariam o reino da liberdade (1895, p. 112) [48].

As resenhas de Lord Acton nos serviram, portanto, como objeto de compreensão de sua concepção de história, vinculada tanto à sua preocupação com a moral na história quanto com a disciplina científica. Esses textos são frutos também de sua erudição, uma das poucas unanimidades a seu respeito. Não só no sentido de Acton conhecer os grandes autores da modernidade, mas pela sua capacidade de pesquisa, e por deter fontes históricas [49].

Mas ainda não ficou claro o que é essa concepção de moral na história de Acton. O que significa sua ética e até que ponto ele é um historicista. Quer dizer, como ele defende a ciência histórica, como ele a concebe. Visualizamos uma influência de Ranke, mas até que ponto?

Essas e outras questões serão o nosso alvo no capítulo 3. Estendendo-as aos outros autores da revista que em determinados momentos pensaram a especificidade do conhecimento histórico. Um deles é Samuel Rawson Gardiner, que juntamente com Acton serão os dois principais historiadores da *English Historical Review* dentro da nossa interpretação.

---

[48] On the future I will not enlarge, because I am writing at present in the HISTORICAL, not the PROPHETICAL, REVIEW. But some things were not so clear in France in 1679 as they are now at Edinburgh. The predominance of protestant power was not foreseen, except by those who disputed whether Rome would perish in 1710 or about 1720. The destined power of science to act upon religion had not been proved by Newton or Simon. No man was able to forecast the future experience of America, or to be sure that observations made under the reign of authority would be confirmed by the reign of freedom (1895, p. 112).

[49] Ainda na resenha de Broglie (1888, p. 586 e 587) Acton faz uso de suas próprias cópias dos manuscritos que o autor utiliza e encontra alguns problemas. O que se repete na resenha da História da Inglaterra de Franck Bright no mesmo volume (1888, p. 803).

CAPITULO III
A HISTÓRIA CIENTÍFICA NA *ENGLISH HISTORICAL REVIEW*

> nós ficaremos muito surpresos se o estudante nos próximos anos não achar, ao olhar pra atrás, que um grande abismo divide os historiadores do século XX [...] de seus predecessores do XIX.
>
> Edward Jenks, 1897

Em 2012 foi publicada na *English Historical Review* uma resenha de autoria de Ciaran Brady sobre duas obras de historiografia inglesa do século XIX. Os dois livros tratam de historiadores daquele século que refletiram sobre a natureza científica e não artística da disciplina[50]. Brady reclama o esquecimento de Thomas Carlyle, "o mais importante pensador britânico em relação a questão da natureza e proposta da escrita da história na primeira metade do século XIX". Por isso seu texto se inicia com a pergunta: *What has happened to* Carlyle?

Essa pergunta indica uma parte das problematizações da nossa pesquisa neste capítulo. Se tomarmos essa pergunta emprestada para um exercício de reflexão podemos perceber o que está em jogo em um trabalho de analise historiográfica. Se a ausência de Carlyle nos livros que acabaram de ser publicados hoje é algo que chama atenção, é porque esse autor não é significativo apenas para seu tempo. Se a sua obra já foi superada ou se o autor britânico não é mais leitura obrigatória nos cursos de História, por que a pergunta revela um estranhamento diante do esquecimento de Carlyle? Por que os pesquisadores de história da historiografia estão escolhendo alguns sujeitos e outros não?

Ciaran Brady conclui utilizando a afirmação de Michael Bentley de que a "dificuldade moderna com Carlyle" se deve ao fato de que as preocupações e obsessões do historiador do oitocentos não se enquadram nos modelos de analise historiográfica

[50] Os livros a que Ciaran Drady se refere são: *The Science of History in Victorian Britain: Making the Past Speak*, by Ian Hesketh (London: Pickering & Chatto, 2011) e *Samuel Rawson Gardiner and the Idea of History*, by Mark Nixon (Woodbridge: The Boydell P., for the Royal Historical Society, 2010).

que tem sido mais favorecidos recentemente, ficando o historiador vitoriano excluído dos estudos da academia (BRADY, 2012, p. 1551).

Na produção do período estudado da *EHR* também notamos certa exclusão de Carlyle, que morreu em 1881. Assim como outro grande nome da historiografia inglesa do século XIX, Thomas Babington Macaulay. Eles não figurariam claro, como autores, mas as referências que lhes são feitas são esparsas, e às vezes, como algo a ser evitado[51]. A primeira palavra do primeiro artigo da *EHR*, o texto de Acton, é Macaulay, mas funciona mais como recurso intertextual pra falar da historiografia alemã do que exaltação aos grandes homens de letras do país. Constatamos essa comparação entre a historiografia mais recente e a historiografia de meados do século, prevalecendo uma visão positiva da última em relação a primeira em algumas resenhas.

Trata-se naquele caso, do debate da transição de uma história *whig* para uma história profissional, conforme vimos anteriormente. Mas acredito que agora podemos aproveitar essa pergunta "do que aconteceu com Carlyle" para iniciar nosso terceiro capítulo.

Nesse momento o esforço de investigação sobre os arquivos da *EHR* focaliza o que consideramos ser um debate teórico acerca da história no final do século XIX na Inglaterra, através das páginas da *EHR*. Esse capítulo procurará identificar os principais historiadores do periódico e qual sua contribuição para a discussão historiográfica do período.

3. 1. O cenário da profissionalização do historiador: os obituários.

Escolhemos estudar os obituários – artigos escritos em homenagem a vida de um importante estudioso da história próximo ao círculo dos historiadores da Revista – por oferecerem uma avaliação do ofício de historiador no interior do periódico. Consideramos que nosso objetivo inicial de encontrar textos que tivessem uma discussão sobre os tópicos da prática do conhecimento histórico poderia ser mais bem atendido com esses artigos já que o perfil geral da *EHR* é mais laboratorial, como já

[51] Por exemplo, na resenha de Adolphus Ward de 1887, descrita no capítulo anterior.

afirmamos antes. Teremos a oportunidade aqui de perceber quais eram alguns dos tipos de historiadores e de história escrita naquela época.

Assim a homenagem desses obituários, que no interior dos artigos foi feita através da analise do estilo do autor, o uso das fontes e por comparação com outras gerações de historiadores – que já entendemos haver uma transição – em determinado momento faz referência ao debate teórico. É necessário que repensemos nossa expectativa diante da leitura desses textos do final do século XIX, uma vez que, o seu entendimento do que seja teoria da história ou filosofia da história não é o mesmo de grupos de historiadores como os da *History and Theory* de hoje, por exemplo. Mesmo assim, nosso objetivo aqui não deixa de ser, mais uma vez, o de perceber o momento em que se fez uma reflexão sobre a prática histórica e sobre a maneira de produzir conhecimento histórico.

Esses obituários são importantes também por se referirem a nomes importantes da historiografia do século XIX, como, por exemplo, Fustel de Coulanges ou Edward Freeman. Mas nem todos os historiadores da Inglaterra receberam essa homenagem na *EHR*. É o caso de James Anthony Froude, falecido em 1894.[52] Enquanto isso, nomes desconhecidos, talvez até para os leitores da revista, uma vez que não publicavam nela, como o Bispo Lightfoot ou Ferdinand Gregorovius, receberam uma nota em forma de artigo sobre a sua produção e seu trabalho como historiador. O que nos indica também o que deveria ser atendido para ser considerado relevante para a historiografia segundo editores da *EHR*. Quais são as características mais importantes dos historiadores homenageados que os autores afirmam? Quais são as principais críticas?

3. 1. 1 Lightfoot e Gregorovius: o apego ao documento.

Em relação ao bispo Lightfoot (1828-1889), um teólogo responsável pela Escola de Cambridge, que se opôs a Escola de Tübingen[53], W. Sanday considera que apesar de

[52] By not marking his death in 1894, the *EHR* was silently voicing its opinion about Froude's career; even in death Froude was excluded from the ranks of historians (HESKETH, 2008, p. 390). Ian Hesketh entende que James Froude foi excluído do círculo dos historiadores profissionais por não atender a exigências do método que então se impunha.

[53] A escola de Tübingen foi fundada no século XIX por F. C. Baur, responsável por desenvolver uma nova interpretação do Novo Testamento. Lord Acton se refere a essa escola no *German Schools of History* (*EHR*, 1886). Para Acton essa escola teria sofrido influência de Hegel e afirmava que a origem da fé cristã está na ação gradual de causas antecedentes, que tem sido substancialmente fiel a si mesma na

a prática histórica estar em segundo plano em sua obra, tinha um interesse em escrever história, aproximando-a da erudição. O autor utiliza uma palavra, um termo específico para caracterizar esse interesse de Lightfoot: *Quellenkritik*, que significa o estudo das fontes, a investigação meticulosa (SANDAY, 1890, p. 210). O interesse de Lightfoot associado à exegese no Novo Testamente assim como a história da Igreja e de estudos relacionados. Seu trabalho era marcado, segundo Sanday, por uma "admirável senso de proporção entre a dimensão narrativa, por um lado e a investigação crítica, do outro" [54].

Outro obituário importante é aquele feito em homenagem a Ferdinand Gregorovius (1821-1891) por Sigmund Münz. O artigo que presta homenagem a Gregorovius está no volume 7, de 1892. Gregorovius era um historiador prussiano especialista nos estudos de Roma e Atenas medievais. Entre suas características estaria a defesa da liberdade e do humanismo e uma percepção artística inspirada nos gregos. Como continuador da obra de Gibbon, Gregorovius era considerado um pesquisador minucioso, tendo visitado todos os locais históricos das pesquisas que realizava, mesmo os mais insignificantes, "percebendo nas características da arquitetura de cada cidade o espírito de sua história" (MÜNZ, 1892, p. 698). A caracterização de sua obra aparece na seguinte passagem:

> Seu trabalho é considerado menos como um todo consecutivo que como uma sucessão de instintivas pinturas históricas com poder depreciativo, e uma série de retratos de papas, heróis e mulheres. Eles são desenhados com vigor e entusiasmo pelo escritor que esta em casa nas relações históricas entre papas e imperadores, mas cujas simpatias são especialmente recrutadas nos efeitos cênicos da história, e que toma pouco cuidado com os aspectos ordinários da vida, seus princípios da administração e da economia doméstica. A imaginação vívida de Gregorovius projeta-o para além do texto seco de documentos; seus fatos e personagens estão aptos a ser impregnados fortemente com seu próprio temperamento energético. Ele escreve *con amore*, mas o amor é normalmente cego. [...] Certamente ele julgou mal seu próprio caráter quando considerou o elemento científico mais desenvolvido que o artístico (MÜNZ, 1892, p. 699).

Segundo a análise de Sigmund Münz, Gregorovius teve um reconhecimento tardio na Alemanha, e sofreu muitas críticas de seus contemporâneos. Parte dessas críticas seria resultado de sua recusa a um cargo de professor universitário. Gregorovius considerava que era melhor ser livre, sem comprometimentos de um cargo na academia.

---

formação de dogma, e tem cumprido a sua missão de fornecer combustível para a chama de uma filosofia superior (ACTON, 1886, p. 21).

[54] Segundo outro autor da revista, Reginald Poole, Lord Acton teria considerado Lightfoot juntamente com Maine, entre os grandes historiadores de Cambridge (POOLE, 1902, 695).

“A pesquisa por si só era sua paixão e deleite” (1892, p. 701). O que nos revela mais um tipo de historiador do século que se prendia ainda a uma postura mais arquivista ou antiquaria. A comparação entre Gregorovius e Theodor Mommsen é outro importante elemento desse obituário. Na analise do autor,

> Mommsen direciona seus estudos primeiramente do lado prático das instituições do estado, sua organização política e administrativa; Gregorovius, por outro lado, dedica-se preferencialmente para a consideração da cultura mental de uma raça e suas atitudes artísticas e religiosas. A crítica mordaz de Mommsen é as vezes destrutiva; Gregorovius com seu sentimento mais refinado e seu entusiasmo está sempre reconstruindo. Gregorovius como um escritor é devedor do pintor, devido ao pincel, como um interprete da natureza, é necessariamente superior a caneta; mas o historiador alemão, que em sua subjetividade absorveu tanto a coloração da vida real, era ele próprio um grande pintor entre os escritores, embora sua forma de expressão não fosse o ideal da arte do historiador (1892, p. 702) [55].

3. 1. 2 Coulanges: a crítica textual e a ênfase no Estado

No volume de número 5, do ano de 1890, Herbert A. L. Fisher escreve um obituário sobre Fustel de Coulanges. Herbert Fisher foi historiador, ministro de gabinete e Diretor do New College de Oxford. Como de costume nesses artigos o autor classifica como uma grande perda para o “ranking dos historiadores” a morte do historiador francês. Seu texto descreve a obra de Coulanges como um objetivista, preocupado com o trabalho de interpretação das fontes. Segundo Fisher:

> Ele possuía qualificações importantes para a tarefa [a crítica dos textos], uma compreensão lógica entusiasmada, um sentido sutil das boas distinções de ambas, a linguagem e a lei, e indústria incansável. A única virtude sobre a qual ele se orgulhava, a de absoluta imparcialidade científica, é a única virtude que a experiência não nos permite designar aqueles historiadores que deram a questões intensas, respostas intensas. O fato é que Fustel de Coulanges era primeiramente um lógico, depois um historiador (FISHER, 1890, p. 2).

Mas Fustel não atentaria para a complexidade dos eventos e pluralidade das causas. Fisher dá destaque à habilidade do historiador com a analise dos textos, na

[55] Mommsen directs his studies primarily to the practical side of state institutions, to political organisation and administration; Gregorovius, on the other hand, devotes himself by preference to the consideration of the mental culture of a race and its artistic and religious attitudes. Mommsen’s scathing criticism is sometimes destructive; Gregorovius with his finer feeling and enthusiasm is always reconstructing. Gregorovius as a writer is envious of the painter, because the brush, as an interpreter of nature, is necessarily superior to the pen; but the German historian, who in his subjectivity absorbed so much of the colouring of real life, was himself a very painter among writers, though his manner of expression may not be the ideal of the historian’s art (MÜNZ, 1892, p. 702).

“revelação do resultado em todas suas consequências lógicas”, sem descuidar da forma escrita. O autor francês teria tido um papel muito importante para a pesquisa histórica [56].

Fustel de Coulanges, na interpretação de Fisher, teria assumido uma postura crítica diante da “escola Teutônica”. Porque:

> A escola Teutônica tinha em primeiro lugar desconsiderado a evidência romana, e tinha em segundo lugar lido os documentos teutônicos a luz de preposições nacionais e filosóficas. Com fermento de Jean-Jacques ainda fermentando em suas cabeças, ele confundiram um problema histórico positivo com uma hipótese especulativa etnológica. Eles chegaram, também, aos excessos fáceis iniciados pelo novo método comparativo (1890, p. 4) [57].

Dando continuidade a crítica da escolar Teutônica Fisher indica sua noção de investigação histórica:

> Eles confiaram nas velhas palavras, *mark*, *allmend*, *communia*, mas nunca examinaram sua história ou testaram o seu significado. Isso ficou claro antes que qualquer resultado sólido pudesse ser alcançado, o problema deveria ser despojado dos respectivos acessórios, e submetido aos testes críticos em uma área limitada. A questão para o historiador não é ‘qual era a forma primitiva do estado do homem?’ mas ‘o que os nossos conhecimentos relatam da antiguidade germânica?’ (1890, p. 5) [58].

O que Fisher parece querer indicar com sua interpretação da obra de Coulanges é a proximidade com o paradigma rankeano já que teria “não somente escrito história de uma forma adequada, mas se esforçado para mostrar como os acontecimentos ocorreram”, ressaltando seu empenho em construir uma história calcada nos princípios da imparcialidade e nos trabalho com as fontes (FISHER, 1890, p. 6).

Fustel de Coulanges não foi tomado como objeto de estudo para os historiadores da *EHR* apenas quando de sua morte. Sete anos depois, Edward Jenks (1861-1939), um historiador que estudava história jurídica e política [59], escreveu um artigo intitulado “Fustel de Coulanges as an Historian”. Mais uma vez o que chama atenção da

---

[56] He [Fustel] boasted that he was the only scholar who had studied, pen in hand, all the Latin texts from the sixth century B.C. to the tenth century A.D., and certainly there is no higher authority on the social history of the later Roman empire (1890, p. 3).

[57] The Teutonic school had in the first place overlooked the Roman evidence, and had in the second place read the Teutonic documents in the light of national or philosophical prepossessions. With the leaven of Jean-Jacques still fermenting in their brains, they had confused a positive historical problem with a speculative ethnological hypothesis. They had run, too, into the easy excesses opened out by the new comparative method (1890, p. 4).

[58] They relied upon the words ager, mark, allmend, communia, but had never examined their history or tested their meaning. It was clear that before any sound result could be attained, the problem must be divested of its dauting accessories, and submitted to critical tests in a narrowed area. The question for the historian is not, ‘what was the primitive state of man? ‘but,’ what do our documents relate of the early German ? '(1890, p. 5).

[59] Além desse artigo sobre Fustel de Coulanges, Edward Jenks publicou mais três textos na revista, dentro do período que estudamos. São textos que tratam da história legal na Idade Média, da Inglaterra.

interpretação é a questão das fontes, da imparcialidade e a abordagem histórica. Nesse caso, Edward Jenks afirma que Coulanges foi historiador de uma história política. Mas já no início temos uma demonstração do objetivo da analise do historiador inglês, que é perceber como as mudanças políticas de 1870 afetaram os escritos de Fustel e os seus valores (JENKS, 1897, p. 212). Fustel é chamado *controversialist*, um polemista.

> Quando um polemista empreende escrever história, ele incorre no rico de dois perigos particulares. Tendo de tratar com assuntos controversos, ele deveria tentar tratar somente com assuntos controversos. Tendo de decifrar evidências, ele deveria tentar ler no interior de suas próprias pressuposições. Como Fustel sucumbiu a essas tentações (1897, p. 212)? [60]

Os historiadores da revista, ou pelo menos Jenks, tinham reservas quanto ao tipo de história associada ao Estado. No caso de Coulanges o autor afirma que:

> Se ele ocasionalmente usa expressões que nos levariam a acreditar que, no seu entendimento, o âmbito do historiador inclui todo campo da vida social, Fustel praticamente aceita a doutrina moderna corrente de que a história é o registro dos estados. [...] Ele não pretende descrever o desenvolvimento das crenças religiosas, as variações dos costumes, o crescimento e declínio da literatura ou de outras artes, ou mesmo aqueles processos de desenvolvimento comercial e industrial que são tanto órgãos políticos e institucionais. Ele apenas faz alusão de forma incidental a batalhas, sítios e relações internacionais. Os indivíduos parecem ter pouco interesse para ele, a menos que eles aparecem como os autores de documentos (JENKS, 1897, p. 212-213) [61].

A crítica de Jenks está relacionada ao fato de que em Coulanges:

> [...] os indivíduos são meramente essenciais lamentáveis dos desenvolvimentos históricos. Ele chega quase esquecer de que as sociedades, mesmo as sociedades políticas, são compostas, acima de tudo, por seres humanos e que, em sociedades rudimentares, a influência de indivíduos é frequentemente muito grande (1897, p. 213) [62].

O segundo risco em que um historiador pode cair, "devemos nos limitar às evidências encontradas nos textos", Jenks afirma que "a história não é uma questão de observação, ela é indutiva, não dedutiva". E continua,

---

[60] When a controversialist undertakes to write history, he incurs the risk of two special dangers. Having to deal with controversial subjects, he may be tempted to deal only with controversial subjects. Having to decipher evidence, he may be tempted to read into it his own prepossessions. How far did Fustel succumb to these temptations (1897, p. 212)?

[61] If he occasionally uses expressions which would lead us to believe that, to his thinking, the province of the historian includes the whole field of social life, Fustel practically accepts the current modern doctrine that history is the record of states. […] He does not profess to describe the development of religious beliefs, the variations of manners, the growth and decline of literature and other arts, or even those processes of commercial and industrial development which are as much institutions as are political organs. He only alludes in an incidental way to battles, sieges, and international relations. Individuals appear to interest him little, unless they happen to be authors of documents (JENKS, 1897, p. 212-213).

[62] With him individuals are merely regrettable essentials of historical developments. He seems almost to forget that societies, even political societies, are composed, after all, of human beings, and that, in rudimentary societies, the influence of individuals is often very great (1897, p. 213).

> Nós devemos admitir imediatamente que o estudo dos documentos é, como afirma Fustel, não apenas a citação de trechos ao acaso, mas um questionamento pensado e minucioso, que compare, e uma interpretação de uma imensa massa de evidência escrita. A questão permanece – Essa confiança tomada de um depoimento escrito é justificada? E essa questão é, em efeito, a questão do valor comparativo da evidência direta e indireta (1897, p. 215) [63].

No final, Coulanges foi, sobretudo, um historiador científico em oposição a um historiador épico. Após considerar que Fustel de Coulanges foi um *controversialist* incapaz de subterfúgios, que depositava sua atenção aos documentos e um analista de vários assuntos e períodos, Edward Jenks se pergunta pelo valor do trabalho do historiador francês. Sua resposta revela uma concepção própria de história:

> Pode parecer natural afirmar que isso é o material para a história, em vez de história mesmo. A distinção é importante, e deve ser tomada em grande parte qualificando o famoso dogma de Fustel, de que a história não é uma arte, mas uma ciência. A tarefa de coletar, organizar e ponderar a evidência, de traçar daquela evidência conclusões justas, é uma tarefa científica. Mas a preparação do registro que fielmente reproduzirá a vida a qual aquele material morto fala é enfaticamente um trabalho da arte. A história é necessariamente subjetiva; ela é conhecimento, não os materiais dos quais o conhecimento é derivado (1897, p. 222) [64].

Fustel de Coulanges é enfim, na opinião de Edward Jenks, uma ponte entre o século XIX e o século XX, que cobriria as diferenças na prática histórica. Para ele um estudante no futuro facilmente consideraria que há um abismo entre os historiadores desses dois séculos, mas Fustel seria dono de uma interpretação original, pelo menos nos estudos medievais (1897, p. 224).

3.1.3 Freeman: a influência da política na história

A analise de James Bryce sobre o trabalho histórico de Edward Freeman pode ser um momento interessante onde existiria uma reflexão sobre a prática moderna,

---

[63] We may admit at once that the study of documents is, with Fustel, no mere quotation of haphazard extracts, but a reasoned and minute questioning, comparison, and interpretation of an immense mass of written evidence. The question still remains – Is this touching confidence in written testimony warranted? And this question is, in effect, the question of the comparative value of direct and indirect evidence (1897, p. 215).

[64] It would seem natural to say that it is material for history, rather than history itself. The distinction is important, and must be taken as largely qualifying Fustel's famous dogma, that history is not an art, but a science. The task of collecting, arranging, and weighing evidence, of drawing from that evidence just conclusions, is a scientific task. But the building up of a record which shall faithfully reproduce the life of which these dead materials speak is emphatically a work of art. History is necessarily subjective; it is knowledge, not the materials from which knowledge is derived (1897, p. 222).

profissional, da história. Consideramos esse texto obituário sobre Edward Freeman importante por se tratar de um historiador de transição na prática historiográfica do final do século XIX inglês.

Para James Bryce a concepção de história de Freeman pertencia mais àquela do século XVIII que propriamente a do século XIX. E isso estaria associado a ideia de história como história política. Para Bryce esse tipo de história política era entendida quase exclusivamente como:

> [...] um registro dos acontecimentos políticos, ou seja, da ação do poder de decisão dos acontecimentos na esfera da guerra e do governo. Ele [Freeman] expressou essa visão de maneira concisa no ditado bem conhecido, "A história é o passado político, e a política é a história do presente"; [...] (BRYCE, 1892, p. 499) [65].

Além dessa abordagem política de Freeman o autor do artigo destaca também o seu interesse pela arquitetura. Freeman realizou diversas viagens de exploração em sítios arqueológicos – ele morreu durante uma viagem exploratória a Alicante, em 1892, no sul da Espanha. Apesar do interesse pela arquitetura Freeman teria tido pouco interesse com as pinturas e as esculturas (1892, p. 497-498).

Outro ponto marcante desse texto é quando Bryce compara Freeman a Macaulay no que diz respeito a visão histórica sobre as instituições por exemplo: Macaulay utilizava um padrão de comparação do presente em suas explicações, enquanto que Freeman buscava as origens e acompanhava os seus desenvolvimentos.

James Bryce também enumera em seis pontos os méritos de Freeman como historiador: amor pela verdade, pela justiça, diligência, senso comum, o alcance da visão e o poder de compreender o passado. Dessa caracterização Bryce destaca que:

> Entre o maior desses méritos - que o estudante profissional tem ainda mais razão de apreciar que o leitor em geral, porque ele discerne com maior frequência as causas perturbadoras - estão duas qualidades morais. Um é a paixão pela verdade, com disposição para se comprometer na busca por ela, um trabalho árduo pelo qual nenhum crédito jamais será obtido. A outra é uma visão clara e uma adesão fiel aos padrões morais permanentes. Em ambos esses pontos Freeman se mantém na linha de frente (1892, p. 502-503) [66].

---

[65] It was to him not only primarily but almost exclusively a record of political events that is to say, of the action of the ruling power of events in the sphere of war and of government. He expressed this view with concise vigour in the well-known dictum, "History is past politics, and politics is present history;" […] (BRYCE, 1892, p. 499).

[66] Among the highest of such merits merits which the professional student has even more reason to appreciate than the general reader, because he more frequently discerns the disturbing causes are two moral qualities. One is the zeal for truth, with the willingness to undertake, in a search for it, a toil by which no credit will ever be gained. The other is a clear view of and loyal adherence to the permanent moral standards. In both these points Freeman stood in the front rank (1892, p. 502-503).

A conclusão do autor do texto, James Bryce, é que os escritos de Freeman foram os mais claros, amplos e convincentes naquela época. Para Bryce as gerações futuras de historiadores teriam que reconhecer o valor de Freeman, da mesma maneira que ele e outros historiadores naquele momento estavam fazendo.

3.1.4 Gindely, Seeley e Treitschke: o diálogo com a tradição alemã e a história científica.

O próximo obituário que analisaremos foi escrito por um autor que nos é um pouco mais conhecido agora, por termos nos referido a ele quando do estudo das resenhas. Adolphus W. Ward escreve em 1893 um texto sobre a obra do historiador tcheco Anton Gindely (1829-1892), o historiador da Guerra dos Trinta Anos. Esse artigo nos chama atenção primeiramente pelo alcance geográfico que teria chegado a intenção dos historiadores da *EHR*, ou pelo menos de algum deles, de avaliar a nova prática histórica. Já sabemos que Ward era um dos principais leitores dos alemães do interior da *EHR*.

Ao se referir a primeira obra de Gindely, Ward considera que ele "não corresponde totalmente ao estágio presente do conhecimento histórico" (WARD, 1893, p. 503). O autor não explica essa sua comparação, mas é uma indicação do ambiente histórico então estabelecido.

Ao longo do texto o autor demonstra seu domínio a respeito da história da Boemia e as contribuições de Gindely. Até chegarmos a referência a Ranke como "o mestre", para os dois historiadores (Ward e Gindely), mas que após uma viagem de estudos nos arquivos europeus para localizar material da primeira parte do século XVII da história boemia, Gindely teria encontrado Bergenroth. Bergenroth teria feito algumas críticas hostis a Ranke e Ward reproduz da seguinte forma:

> As críticas hostis de Bergenroth sobre Ranke são bem conhecidas; e se eu as retomo aqui, não é em ordem de ajudar a perpetuar a detração de um grande nome, mas um tanto devido aos suas advertências, isso é claro, foram seriamente oferecidas, embora elas ocorram no curso de uma carta particular (1893, p. 506) [67].

[67] Bergenroth's hostile criticisms of Ranke are well known; and if I here reprint Gindely's, it is not in order to help to perpetuate detraction from a great name, but rather because his caveats, it is clear, were seriously offered, although they occur in the course of a familiar letter (1893, p. 506).

Para Gindely, Ranke foi magnífico nas descobertas em arquivos estrangeiros, principalmente na Itália. Se resumirmos o trecho transcrito por Ward:

> Enquanto ele é familiarizado nem com os arquivos franceses e ingleses, ele espera que nós acreditemos que a chave dos eventos mais importantes é encontrada em Veneza. Mas isso é um axioma histórico, que ninguém pode compreender bem e usar os arquivos estrangeiros, até que ele propriamente conheça os arquivos locais – nesse caso, o francês e o inglês. [...] e, além disso, Ranke ficou poucas semanas em Veneza, e dificilmente encontrou tempo para realizar um início real com todo o período no interior de tudo o que ele desejava investigar. [...] A soma de toda minha queixa com Ranke é essa: sua "História da França" e sua História dos Papas" agora esta fora da literatura histórica que é conhecida na França e na Itália; suas citações dos arquivos são meras migalhas juntas em forma por acaso, de modo a produzir o aspecto de serem os resultados do estudo sistemático (1893, p. 506-507) [68].

Para Adolphus Ward o ano de 1862 foi o principal para a vida de Anton Gindely por ter sido o momento em que ele consegue prestígio profissional ao ser nomeado professor de história na universidade de Praga. O historiador inglês aprova o trabalho de Gindely: "Este é a obra que em sua tradução Americana representa, eu suponho, o trabalho histórico de Gindely aos olhos da maioria dos leitores ingleses" (1893, p. 511) [69].

Em 1895 John Robert Seeley, historiador que já nos referimos rapidamente acima, morreu e recebeu uma homenagem na *EHR* de J. R. Tanner. Tanner publicou outros três artigos no periódico e mais dois na sessão de Notas e Documentos [70].

No artigo de Tanner o objetivo é demarcar o trabalho de Seeley como um dos mais estimulantes e inspiradores dos professores de Cambridge. O próprio John Seeley foi professor de "história moderna" em Cambridge. Ao descrever o método de seu ex-

---

[68] Inasmuch as he is acquainted with neither the French nor the English archives, he wishes us to believe that the key to the most important events is to be found at Venice. But it is an historical axiom, that nobody can well understand and use foreign archives, till he properly knows the home archives - in this case the French or the English. […] And, furthermore, Ranke stayed only a few weeks in Venice, and can hardly have found time for making a real beginning with the long period into the whole of which he wished to inquire. […] The sum of my entire quarrel with Ranke is this: his 'French History' and his 'History of the Popes' nowhere go outside the historical literature which is known in France and in Italy; his citations from archives are mere crumbs stuck together in a chance fashion, in order to produce the appearance of being the results of systematic study (1893, p. 506-507).

[69] This is the work which in its handsome (American) translation represents, I suppose, Gindely's historical labours in the eyes of most English readers.

[70] Os artigos são: Pepys and the popish plot (vol. 7); Naval preparations of James II in 1688 (vol. 8); The administration of the Navy from the Restoration to the Revolution (vol. 12). As notas são as seguintes: The relations between "The compleat Statesman" and "Rawleight Redivivus" (vol. 5); The flight of princes Anne (vol. 8). São textos relativos a história moderna, com uma abordagem política da história naval inglesa. John Robert Seeley publicou na Revista um artigo no primeiro volume sobre a monarquia de Bourbon e no ano de 1888 um texto publicado na sessão de notas intitulado "Paul Edwald and Pope Gregory I". Seeley também teria escrito uma Introdução a Ciência Política, publicada em 1896, editada por Henry Sidgwick.

professor, Tanner afirma que ele tinha o hábito de insistir na necessária clareza dos pensamentos e expressão. Segundo o autor:

> Nunca nos foi permitido embrulhar falácias em frases finas, ou usar termos pomposos que tivessem sido definidos. Não existia nada que o professor gostasse mais do que a exposição desse tipo de impostura e com ele isso era raramente tentado. Ele odiava, sobretudo, os aspectos pitorescos na história. "Isso é coisa do diretor de palco e do pintor de cena", ele diria, "e não do historiador". O negócio da história estava nas coisas sérias, com grandes causas e grandes resultados (TANNER, 1895, p. 508) [71].

Como historiador profissional, Seeley rejeitava o que fosse considerado pitoresco. E em relação à discussão do conhecimento científico, a predisposição de Seeley de considerar mais as grandes questões que a investigação minuciosa, como afirma Tanner (1895, p. 510), levou ao desenvolvimento da reflexão em torno da ciência política, a "ciência dos estados", nas palavras do autor. Para Seeley:

> [...] a história tem um lugar entre as ciências, e é justo que ela própria se torne uma ciência exata. Às vezes, ele dizia que a história é o resíduo deixado pelas ciências quando tomaram posse, um a um dos vários segmentos de fenômenos. [...] enquanto os primeiros historiadores dispenderam pouco trabalho para obter observações confiáveis, os historiadores modernos tem imensa dificuldade sobre a autenticação dos fatos, e se aplicam a testar as informações registradas, que não são necessários em qualquer outra ciência (1895, p. 512-513) [72].

Nesse sentido, para John Seeley, o tratamento científico da história é possível. Tanner também faz uma comparação entre Seeley e Freeman:

> Assim sua atitude com as controvérsias políticas eram naturalmente aquelas de um homem da ciência. "Alguns historiadores", ele diria, "não classificam os governantes corruptos ou os estados de civilização baixa. Isso é como se um cientista devesse recusar a classificar uma centopeia pela razão de que ele tem uma má opinião das criaturas que tem mais de quatro pernas". Dessa forma ele pensou com Freeman que não existem distinções reais para o historiador entre a história antiga e a moderna, embora, diferente de Freeman, ele considerou isso conveniente para certas propostas. E a mesma atitude de pensamento levou-o a recusar distinguir, de outro lado, entre história e política. De acordo com ele todos os fenômenos dos Estados são os assuntos

[71] It was never permitted to us to wrap up fallacies in fine phrases, or to use high-sounding terms that had not been defined. There was nothing that the professor enjoyed more than exposing this kind of imposture, and with him it was rarely attempted. He hated above all things the picturesque in history. "That is the business of the stage-manager and scene-painter," he would say, "and not of the historian." The business of history was with serious things, with great causes and great results (TANNER, 1895, p. 508).

[72] […] history has an allotted place among the sciences, and is in a fair way to become an exact science itself. He would sometimes put it that history is the residuum left by the sciences as they take possession one by one of the various departments of phenomena. […] where early historians took little pains to secure trustworthy observations, modern historians take immense trouble about the authentication of facts, and apply to recorded observations tests which are not needed in any other science (1895, p. 512-513).

próprios do historiador, e é do trabalho do historiador que o estadista obtém material para formar um julgamento (1895, p. 513) [73].

Um importante representante do historicismo alemão é homenageado por J. W. Headlam, também em 1897. Heinrich von Treitschke, que morre quase simultaneamente a Ernst Curtius e e H. Sybel, outros dois importantes historiadores alemães. Treitschke é assim caracterizado por Headlam:

> Ele não era um homem que enterrou sua personalidade no estudo do passado: escrevia história, ele nos conta, no espírito que Tucídides e Tácito escreveu. Ele não tinha nada do espírito do antiquário, o passado não tinha interesse pra ele, exceto aquele que influenciou o presente. Ele era, na verdade, apenas em segundo lugar um historiador. Primeiro um político, orador ou jornalista, cada um de seus escritos tem a natureza de um panfleto político. Outros estudiosos alemães, Niebuhr, Dahlmann, Sybel, Duncker trouxeram para a prática política, mentes treinadas no estudo da história; Treitschke trouxe a história uma mente exacerbada pela controvérsia política (HEADLAM, 1897, p. 729) [74].

Treitschke era pouco conhecido na Inglaterra. A prática de escrever a história de eventos que o historiador teria testemunhado não era tão corriqueira na Inglaterra, ao contrário da recente produção alemã. Considerado por Headlam como porta voz do nacionalismo alemão, Treitschke seria o representante de um estilo retórico.

> Ele evitou, além disso, o grande perigo no qual os historiadores facilmente caem; ele não nos oferece ideias e tendências, mas, homens e mulheres. Ele está completamente livre do contágio do hegelianismo; é como os homens pensaram, sentiram e agiram que interessa a ele. Isto é, de fato, um livro que poderia ter sido escrito apenas por alguém vivendo no limiar do período que ele esta tratando (1897, p. 745) [75].

---

[73] Thus his attitude towards the political controversies of history was naturally that of a man of science. ‘Some historians’, he would say, ‘do not classify corrupt governments or states of low civilisation. It is as though a scientific man should refuse to classify a centipede on the ground that he disapproved of creatures that had more than four legs’. Thus he thought with Freeman that there was no real distinction for the historian between ancient and modern history, although, unlike Freeman, he found it convenient for certain purposes. And the same attitude of mind led him to refuse to distinguish, on the other side, between history and politics. According to him all the phenomena of states are the proper business of the historian, and it is from the labours of the historian that the statesman obtains materials for forming a judgment (1895, p. 513).

[74] He was not a man who buried his personality in the study of a past age: he wrote history, he tells us, in the spirit in which Thucydides and Tacitus wrote. He had none of the antiquarian spirit, the past had no interest for him, except so far as it influenced the present. He was, indeed, only secondarily an historian. A politician first, orator and journalist, every one of his writings is in the nature of a political pamphlet. Other German scholars Niebuhr, Dahlmann, Sybel, Droysen, Duncker have brought to political practice minds trained in the study of history; Treitschke brought to history a mind exacerbated by political controversy (HEADLAM, 1897, p. 729).

[75] He avoids, moreover, the great danger into which historians so easily fall; he does not give us ideas and tendencies, but men and women. He is completely free from the taint of Hegelianism; it is the men as they thought and felt and acted who interest him. It is, in fact, a book which could only have been written by some one living on the threshold of the period with which he is dealing (1897, p. 745).

Poderíamos afirmar que Headlam concorda com a história contemporânea de Treitschke, por considerá-lo coerente. O historiador inglês o campara a Macaulay (a mesma abordagem retórica do assunto tratado, o vínculo partidário e a variedade de interesses), mas teria sido Treitschke menos claro, faltava-lhe o talento de Macaulay para o senso comum (1897, p. 745). Headlam também o compara rapidamente a Freeman (1897, p. 746), principalmente o "Freeman político", e não o historiador.

3.1.5 Creighton e Stubbs: empatia e capacidade reconstrutiva da narrativa

Outro texto dos obituários que apresenta aspectos relacionados a então discussão da prática histórica é o artigo escrito por R. Garnett sobre o trabalho de Mandell Creighton, bispo de Londres e o primeiro editor da *Review*. O primeiro artigo de abril de 1901 é antecedido por um pequeno texto introdutório escrito pelo então editor Reginald Lane Poole, que um ano mais tarde escreverá um texto sobre Lord Acton. Poole deixa a apreciação do "gênio peculiar" de Creighton "como historiador" para outro, se limitando a citar um trecho de uma carta do ex-editor onde revelaria o espírito de seu trabalho. Reproduzo esse trecho:

> Minha visão de história não é abordar as coisas com algumas ideias preconcebidas, mas com uma *pietas* natural e simpatia que eu tento sentir para todos os homens que fizeram, ou tentaram fazer grandes coisas. *Mentem mortalia tangunt* é o meu lema. Eu tento me colocar no seu lugar: ver suas limitações e deixar o curso dos eventos pronunciar o veredito sobre homens e sistemas iguais (CREIGHTON, *apud* POOLE, 1901, p. 209) [76].

Para R. Garnett, um texto sobre Creighton no momento de seu luto era necessário. Ele era conhecido com um estadista, sendo classificado como um historiador da escola de Ranke. Sobre a comparação entre Ranke e Creighton, Garnett afirma:

> Ambos são historiadores de gabinete: enquanto não negligenciam acontecimentos emocionantes e transações públicas, seu objeto não é tanto detalhá-los como ir atrás deles e penetrar as orientações das regras e estadistas cuja política os levou nessa sequência. Portanto, como o público em geral considera, eles estão em desvantagem em relação a historiadores como Macaulay, dotado da faculdade de narração brilhante; [...] A grande vantagem de Creighton sobre Ranke é que ele se aproxima mais de ambos os tipos em disputa. Embora a isenção do poder pictórico de Macaulay e a majestade de Gibbon, sua narrativa é mais pitoresca e animada que aquela do não passional Ranke; e ele considera completamente a existência de leis

[76] My view of history is not to approach things with any preconceived ideas, but with the natural *pietas* and sympathy which I try to feel towards all men who do, or try to do, great things. *Mentem mortalia tangunt* is my motto. I try to put myself in their place: to see their limitations and leave the course of events to pronounce the verdict upon systems and men alike (CREIGHTON, *apud* POOLE, 1901, p. 209).

> gerais controlando a ação individual, enquanto seu bom senso mostra a ele que a ação é mais facilmente averiguada que a lei. Ele evita assim os pecados assediados de algumas escolas modernas de história, a substituição da simples dissertação pela narrativa e a reconstrução ambiciosa depois da informação subjetiva (GARNETT, 1901, p. 211-212) [77].

Quais seriam essas escolas modernas de história? Pelo que o autor nos indica talvez ele se referisse ao positivismo e o romantismo – esse último como uma interpretação historicista que consideramos hoje. Mandell Creighton possuiria uma "forte simpatia humana", característica de seu caráter moral, que o preservava da imparcialidade excessiva de Ranke (1901, p. 212). Sobre essa característica da prática histórica de Creighton o autor do obituário ainda reflete: "ele parece estar continuamente colocando-se no lugar de seus personagens principais, mesmo o menos louvável e perguntando a si mesmo se naquela situação que ele próprio poderia ter agido de outra maneira" (1901, p. 212). Esse dom, segundo Garnett, colocaria Creighton próximo da perspectiva de Macaulay. "A pessoa não é uma sombra como em Ranke", e o historiador ficaria mais inclinado a deduzir as tendências de uma época dos fatos de sua história e não o inverso.

É fato que, para Garnett, Mandell Creighton seria um exemplo de historiador com a virtude da imparcialidade. Mas não a "imparcialidade fria de Ranke". Era Creighton incapaz de construir um culto ao herói, ao estilo de Carlyle, tanto que seu tratamento de Lutero teria sido a parte menos satisfatória de seu trabalho. Por outro lado o leitor era recompensado pela habilidade no tratamento de uma "a multidão de variadas figuras", que normalmente um historiador não teria tido muito interesse. R. Garnett explica:

> Não é demais afirmar que não existe nenhum da multidão, eclesiástico ou estadista, guerreiro ou estudioso, desinformado para mostrar que o Bispo entendeu e apreciou-o não em virtude de uma imaginação criativa, que Creighton não possuía em qualquer medida eminente, mas pelo dom de uma

[77] Both are historians of the cabinet: while not neglecting stirring events and public transactions, their object is not so much to detail these as to go behind them, and penetrate the counsels of the rulers and statesmen whose policy brought them in its train. Hence, as regards general popularity, they are at a disadvantage with historians like Macaulay, endowed with the faculty of brilliant narration; […] Creighton's great advantage over Ranke is that he approaches more nearly to both these competing types. Though the devoid of pictorial power of Macaulay and the majesty of Gibbon, his narrative is more picturesque and animated than that of the unimpassioned Ranke; and he fully recognizes the existence of general laws controlling individual action, while his good sense shows him that the action is more easily ascertained than the law. He thus avoids the besetting sins of some modern schools of history, the substitution of mere disquisition for narrative, and the ambitious reconstruction after merely subjective data (GARNETT, 1901, p. 211-212).

> simpatia vívida com a natureza humana, o mesmo dom que fez dele querido e eficiente como o diretor da diocese (1901, p. 215) [78].

Temos também no volume 16, de 1901, o obituário de William Stubbs, bispo de Oxford. Esse texto é o primeiro do número de julho da revista e foi escrito por F. W. Maitland. Tanto William Stubbs quanto Maitland eram medievalistas, sendo o segundo representante de uma geração mais nova e o primeiro ainda ligado a tradição histórica do país[79]. Maitland foi um dos principais historiadores do periódico, tendo publicado cerca de 20 textos, entre artigos e Notas. Deve-se aos dois o estabelecimento dos estudos medievais nas universidades britânicas. Sendo os temas de suas pesquisas a história constitucional inglesa, a *English law*, ou seja, a história institucional do seu país.

No obituário, Maitland afirma que a morte de Stubbs não poderia ser indiferente aos estudantes de história ingleses. Ele compara as perdas daquele ano, de Creighton e Stubbs, as perdas do ano de 1859, dos historiadores Hallam seguido por Macaulay. Maitland nos oferece um panorama da historiografia do século XIX, onde segundo sua reflexão, se algum estrangeiro perguntasse os nomes dos principais historiadores ingleses, a resposta era: Freeman, Froude, Stubbs, Creighton, Green e Seeley (MAITLAND, 1901, p. 418). Esses "mestres da história" estavam ligados a universidade de Oxford. E depois de Grote e Carlyle, Buckle e Palgrave, é Oxford também que se torna o centro onde os historiadores procediam e regressavam. "A história parecia estar ascendente, e uma Revista Histórica era necessária" (1901, p. 418). Logo após Maitland faz referência a metodologia da história em Stubbs:

> Nenhum outro inglês tem demonstrado tão completamente ao mundo todo o ofício do historiador dos ganhos da matéria prima até a narração e generalização. Nós somos levados para detrás dos bastidores e nos é mostrado as cordas e as roldanas; nós somos levados para dentro do laboratório e nos é mostrado o material não analisado, as réplicas e os tubos de ensaio; ou então nós é permitido enxergar o crescimento orgânico da história na mente de um historiador e somos encorajados a usar o microscópio. Essa "demonstração prática" se podemos chamá-la assim, da arte do historiador e da ciência da caçada preliminar por manuscritos, através

[78] It is not too much to say that there is no one of the multitude, ecclesiastic or statesman, warrior or scholar, devoid of some touch to show that the Bishop understood and appreciated him not in virtue of a creative imagination, which Creighton did not possess in any eminent measure, but by the endowment of a lively sympathy with human nature, the same gift which made him beloved and efficient as the ruler of a diocese (1901, p. 215).

[79] Entre as obras de William Stubbs, que foi Professor Régio em Oxford entre 1866 e 1884, podemos destacar a *Constitutional History of England in its Origin and Development* (1873-8). Em relação a F. W. Maitland podemos destacar a *History of English Law before the Time of Edward I* e *A Constitutional History of England*.

> do trabalho de colação, filiação e crítica minuciosa, para diante de uma estória ideal, a eloquência e as reflexões, tem sido de benefício incalculável para a causa da história na Inglaterra muito mais efetiva que qualquer discurso abstrato sobre a metodologia poderia ser. A esse respeito nós devemos procurar os grandes nomes entre os alemães e encontrar os pares do Dr. Stubbs, e nós devemos lembrar que os dias produtivos de Mommsen não são interrompidos por um bispado (MAITLAND, 1901, p. 419) [80].

A menção a Mommsen revela a influência dos estudos históricos alemães sobre os dois autores, Stubbs e Maitland - apesar do final da passagem indicar a comparação a favor de Stubbs. Segundo James Campbell uma das principais contribuições da historiografia alemã para a história constitucional teria sido Rudolf von Gneist (CAMPBELL, 2006, p. 117). Gneist e sua história constitucional foram objeto de um artigo de George W. Prothero no ano de 1888, na *EHR*.

Stubbs era um escritor de crônicas. Para Maitland o problema dessa prática é que assim ele não recebia o merecido reconhecimento do público. Maitland exalta capacidade de narrador de Stubbs.

> Ele foi, para mim, um narrador de primeira ordem: um homem que poderia contar estórias e que contou muitas estórias, com sobriedade, dignidade e sem adorno, mas com palavras emocionantes e eloquentes. Se uma antologia fosse feita das crônicas bem contadas pelos historiadores e o princípio de seleção não prestasse atenção a veracidade das passagens, mas considerado apenas sua verossimilhança e o que pode ser chamado de seus méritos estéticos ou artísticos, Dr. Stubbs teria um direito justo, e dificilmente qualquer outro dos grandes historiadores de sua época teriam um direito tão forte, de ser bem representado (1901, p. 421) [81].

Devido a seu estilo de tentar intercalar dois tipos de história, Stubbs acaba por não atender em alguns momentos a dois estilos de leitores. Aqueles que desejariam encontrar ação, personagens e motivos, acabam por encontrar mais do que queriam, em relação ao desenvolvimento institucional ou de questões relacionadas a história do

---

[80] No other Englishman has so completely displayed to the world the whole business of the historian from the winning of the raw material to the narrating and generalising. We are taken behind the scenes and shown the ropes and pulleys; we are taken into the laboratory and shown the unanalysed stuff, the retorts and test tubes; or rather we are allowed to see the organic growth of history in an historian's mind and are encouraged to use the microscope. This "practical demonstration", if we may so call it, of the historian's art and science from the preliminary hunt for manuscripts, through the work of collation and filiation and minute criticism, onward to the perfected tale, the eloquence and the reflexions, has been of incalculable benefit to the cause of history in England and far more effective than any abstract discourse on methodology could be. In this respect we must look to the very greatest among the Germans to find the peers of Dr. Stubbs, and we must remember that a Mommsen's productive days are not cut short by a bishopric (MAITLAND, 1901, p. 419).

[81] He was, so it seems to me, a narrator of first-rate power: a man who could tell stories, and who did tell many stories, in sober, dignified, and unadorned but stirring and eloquent words. If an anthology were to be made of tales well told by historians, and the principle of selection paid no heed to the truthfulness of the passages, but weighed only their verisimilitude and what may be called their aesthetic or artistic merits, Dr. Stubbs would have a strong right, and hardly any among the great historians of his day would have a stronger, to be well represented (1901, p. 421).

Direito e até julgamentos morais (1901, p. 422). O segundo tipo de história, a acadêmica, que caracterizamos como científica, também poderia ser encontrada. Segundo Maitland:

> […] ambos os métodos podem ser usados e o maior elogio poderia ser reservado para aquele que pode usá-los ao mesmo tempo. Além disso, o livro do Dr. Stubbs é extremamente "bem documentado", como dizem os franceses, e aqueles que tiveram a ocasião de criticar qualquer parte disso confessariam de boa vontade que suas notas de rodapé foram o ponto de partida de suas próprias investigações (1901, p. 422-423) [82].

Uma declaração como essa revela que a historiografia inglesa do final do século XIX poderia não ser tão ortodoxa como comumente se escreve. Maitland considera também a superioridade alemã em relação ao campo histórico que Stubbs tem como objeto:

> Os alemães têm algumas vantagens sobre nós. Por uma coisa, a educação legal tem sido boa na Alemanha, e consequentemente o historiador alemão, sendo um jurista ou não, pode usar de forma mais precisa o conjunto de termos e conceitos que estão a sua exposição. Isso pode levá-lo a fazer sobre os velhos tempos teorias que são muito acentuadas para ser verdade, mas ele vislumbra possibilidades que estão escondidas de nós em nosso idioma mais solto, ea teoria unilateral aguda, pelo menos, estado do problema que deve ser resolvido (1901, p. 423) [83].

Ainda sobre Maitland e Stubbs podemos utilizar a interpretação de James Campbell mais uma vez ao estabelecer uma diferença dos seus trabalhos devido a "um aparente momento decisivo na historiografia do final do século XIX". Para tratar disso Campbell elege a consideração do historiador holandês P. B. M. Blaas, para quem Maitland teria prestado mais atenção às fontes de arquivo do que Stubbs. As fontes do *Public Record Office* era o grande trunfo de Maitland (CAMPBELL, 2006, p. 106).

Maitland era de uma geração de historiadores mais nova. O que não significa uma ruptura total com as gerações anteriores. Segundo analise de Campbell, o seu trabalho, assim como o de Stubbs, deriva de uma postura ideológica, diferente daquela professada pelos historiadores "profissionais" (CAMPBELL, 2006, p. 108).

---

[82] […] both methods must be used, and that our highest praise should be reserved for one who can use them concurrently. Also Dr. Stubbs's book is extremely "well documented", as the French say, and those who have had occasion to criticise any part of it would willingly confess that its foot notes were the starting points of their own investigations (1901, p. 422-423).

[83] The Germans have some advantages over us. For one thing, legal education has been good in Germany, and consequently the German historian, be he lawyer or no, can use a much more accurate set of terms and concepts than such as are at our disposal. This may lead him to make about old times theories that are too sharp to be true, but he sees possibilities that are concealed from us in our fluffier language, and the sharp one-sided theory will at least state the problem that is to be solved (1901, p. 423).

3.1.6 Gardiner e Acton: a profissionalização da disciplina

No ano de 1902 encontramos os obituários de Samuel Gardiner e Lord Acton. Sendo os dois historiadores uns dos principais nomes desse período consideramos que esses textos poderiam ser significativos para a compreensão do cenário profissional da história na Inglaterra.

No início de seu texto York Powell ressalta a contribuição de Samuel Gardiner para a *EHR* quando da saída de Mandell Creighton. Além de trabalhar à frente do periódico, Gardiner destaca-se por suas habilidades de pesquisador:

> Ele estava bem preparado para essa tarefa: teve um cuidadoso treinamento clássico; de saúde sólida, com uma enorme perseverança e determinação; ele teve a habilidade (que desenvolveu um alcance estupendo) de captar rapidamente e seguramente os conteúdos de um livro ou artigo; sua visão era boa; seu bom humor era constante; ele desejava nem riqueza nem fama, mas ficava satisfeito se ele gastasse o tempo suficiente para permitir sua aplicação diária aos estudos; ele tinha o dom da concentração então era capaz não apenas de ler e tomar nota, mas até escrever seu livro na ocupada sala de leitura do Museu Britânico (POWELL, 1902, p. 276-277) [84].

Essas características de um estudioso dedicado e capaz de realizar a interpretação das fontes compõem a imagem do historiador profissional que York Powell aprovava. Nessa perspectiva o autor não acha que é exagero afirmar que Gardiner encontrou a estória dos primeiros Stewarts e a lenda de Cromwell, e deixou a sua história (1902, p. 278). Ainda segundo Powell o conhecimento só poderia ser obtido pelo esforço direcionado e altruísta, e Gardiner sabia disso (1902, p. 279).

O texto obituário de Acton, que aparece também no volume de 1902, é assinado pelo então editor da *EHR*, Reginald Lane Poole. O texto se inicia com a referência a Acton como um dos grandes historiadores. O autor quer deixar as questões que normalmente são feitas sobre a trajetória Lord Acton – como seu envolvimento com as discussões do Concílio do Vaticano, ou sua influência sobre o primeiro ministro Gladstone – e tratar naquele artigo de seu trabalho como historiador.

Reginald Poole reconhece a pouca produtividade de Acton, não tendo escrito nem um livro, e afirma que o julgamento de sua obra deve se pautar nos artigos variados

[84] He was well prepared for his task: he had a careful classical training; he was of sound health, of enormous perseverance and determination; he had the faculty (which he developed to a wonderful extent) of getting rapidly and surely at the contents of a book or paper; his eyesight was good; his temper even and contented; he desired neither wealth nor fame, but was satisfied if he could make time enough to permit of daily and constant application to his studies; he had the gift of concentration, so that he was able not only to read and make notes, but even to write his book in the busy reading-room of the British Museum (POWELL, 1902, p. 276-277).

que escreveu. O autor do obituário faz isso, iniciando sua analise pela compreensão daquilo que Acton dominava melhor: "o controle dos materiais ou a compreensão dos princípios" (POOLE, 1902, p. 694) [85]. Acton possuía uma familiaridade não com a historiografia, que o autor chama "literatura da história", mas com os próprios textos, ou seja, a interpretação de um determinado autor citando a fonte primária.

O principal texto de Lord Acton que Reginald Poole faz uso é a Conferência Inaugural de 1895, em Cambridge. Na sua interpretação Acton teria delimitado "o valor da história" aos últimos 400 anos. Na verdade, segundo Poole, o que marcava o início de seu interesse era o desenvolvimento dos estudos históricos na Alemanha. E ele teria afirmado isso no artigo *German Schools of History*, de 1886 na *EHR*. Os nomes marcantes desse processo teriam sido Niebuhr e Boeckh, além de Ottfried Müller e Ranke (1902, p. 694).

A influência dos estudos alemães na história de Acton é muito forte e além desses autores, o autor do obituário faz referência a Doellinger, Hegel e Neander. Parte dessa influência se dá pela sua capacidade de erudição e de leitura. Habilidades que segundo Poole:

> Ele foi honrado com uma memória maravilhosa e essa certamente se revelou notavelmente em sua conversação. Mas seu poder de citar o texto apropriado era artificialmente auxiliado pelo hábito que desde cedo formou de fazer passagens escritas de qualquer coisa que lhe chamou atenção na leitura (1902, p. 695) [86].

Assim, Acton se tornou um grande crítico, afirma Reginald Poole, o que verificamos na analise de suas resenhas anteriormente. Em outro momento do seu texto Poole encontra uma diferenciação na interpretação de Acton sobre o tratamento da história moderna, que marcaria o início da "ciência do caráter" (1902, p. 697). Reproduzimos um trecho citado pelo autor que é do próprio Acton, de um artigo seu para a *EHR* de 1890:

> Num caso nós permanecemos necessariamente sobre a superfície do caráter, que nós não temos o significado de analisar: nós temos que nos contentar com conjectura, com explicações prováveis e motivos óbvios. Nós devemos constantemente permitir o benefício da dúvida e reservar a sentença. A ciência do caráter chega com a história moderna (ACTON, *apud* POOLE, 1902, p. 697) [87].

---

[85] […] the mastery of materials or in the grasp of principles (POOLE, 1902, p. 694).

[86] He has been credited with a marvelous memory, and this certainly came out conspicuously in his conversation. But his power of citing the appropriate text was artificially assisted by the habit which he early formed of making written extracts of whatever struck him in his reading (1902, p. 695).

[87] In one case we remain perforce on the surface of character, which we have not the means of analysing: we have to be content with conjecture, with probable explanations and obvious motives. We must

Depois Poole cita mais um trecho de Acton, dessa vez da Conferência de Cambridge, no qual reafirma a legitimação dos estudos da história moderna, como sendo uma "narrativa contada sobre nós mesmos". A religião aparece como o motivo do estudo da história. A interpretação de Poole sobre isso tudo é a seguinte:

> Daqui ele procede imediatamente a declaração: "A primeira preocupação humana é a religião e ela é a característica marcante dos séculos modernos". É por isso que eles são dignos de estudo. Não é a questão aqui se essa pretensão exclusiva estava certa ou errada: é o bastante para estabelecer a razão pela qual Lord Acton chamou sua audiência em Cambridge para acompanhá-lo em seu caminho. O mesmo motivo que incitou quando jovem a se aventurar no mar agitado da controvérsia eclesiástica levou-o anos mais tarde a defender as virtudes da história moderna. Ele abordou o assunto do ponto de vista da teologia ou da ética; não é fácil dizer o que, para as duas estarem para ele nessa relação inextricavelmente associada (1902, p. 697) [88].

Diante da complexa noção de história que Acton havia elaborado, Poole recorre mais uma vez a Conferência de 1895 e cita mais uma passagem de Acton estaria implícito sua concepção de história. Reproduzo a passagem:

> [...] vejam que a ação de Cristo sobre a humanidade que ele redimiu não falha, mas aumenta; que a sabedoria da lei divina aparece não na perfeição, mas no aperfeiçoamento do mundo; e que essa liberdade alcançada é o único resultado ético encontrado nas condições convergentes e combinadas da civilização avançada. Então vocês compreenderão o que disse um filósofo famoso: que a história é a verdadeira demonstração da religião (ACTON, *apud*, POOLE, 1902, p. 697-698) [89].

Contrariando a ideia que se tinha naquele momento, na visão de Reginald Poole, Acton era um filósofo da história que era também um historiador (1902, p. 699). Em sua interpretação final:

> Em filosofia, se não tão profundo, ele era extraordinariamente bem preparado; em história ele era ambos, sem um rival, e o que dá o peso e a medida de seus julgamentos é o pensamento que os inspira e a força ética pela qual são governados. Ele foi para Cambridge em uma época em que havia um perigo de que o professor de história moderna deve ser muito

---

constantly allow the benefit of the doubt, and reserve sentence. The science of character comes in with modern history (ACTON, *apud* POOLE, 1902, p. 697).

[88] From this he proceeds at once to the declaration: "The first of human concerns is religion, and it is the salient feature of the modern centuries". That is why they are worthy of study. It is not the question here whether this exclusive claim was right or wrong: it is enough to state the reason for which Lord Acton called his Cambridge audience to accompany him in his path. The same motive which urged him as a young man to venture on the troubled sea of ecclesiastical controversy led him in later years to uphold the virtues of modern history. He approached the subject from the point of view of theology or of ethics; it is not easy to say which, for the two were to him in this relation inextricably associated (1902, p. 697).

[89] […] to see that the action of Christ who is risen on mankind whom He redeemed fails not, but increases; that the wisdom of divine rule appears not in the perfection but in the improvement of the world; and that achieved liberty is the one ethical result that rests on the converging and combined conditions of advancing civilisation. Then you will understand what a famous philosopher said, that History is the true demonstration of Religion (ACTON, *apud* POOLE, 1902, p. 697-698).

> exclusivamente dirigida para os motivos filosóficos e da deriva política da história. Com essa tendência ele teve tanto em comum que não quebrou a tradição da cadeira. Mas ele a controlou por uma insistência firme e severa sobre a necessidade de um conhecimento exato dos fatos, em relação ao amplo alcance e em relação aos pequenos detalhes; e enquanto seu entusiasmo e capricho fez eles mesmos sentirem todo lugar, sua influência foi talvez muito mais forte entre os professores de história que entre seus alunos de graduação. Nesse sentido ele prestou um serviço ao estudo da história em sua universidade o imenso valor do que é considerado por aqueles que estão em uma posição para serem julgados a partir de dentro (1902, p. 699) [90].

3. 2. As principais referências intelectuais

Além de identificar a concepção de história presente na *EHR* passamos agora à descrição de dois dos principais nomes no processo de profissionalização que tem no periódico seus princípios veiculados. Através dessa descrição, perceberemos as contribuições para o debate da fundação do pensamento histórico de forma científica. É preciso adiantar ainda que a profissionalização da história teve como um de seus resultados o início de um debate sobre os aspectos teóricos da prática histórica, seu modelo explicativo e suas atribuições metodológicas.

3.2.1 Samuel Rawson Gardiner

Escolhemos Samuel Gardiner como um dos principais historiadores da revista porque encontramos em seus textos uma discussão teórica mais elaborada. Ele se preocupou com o método, com a interpretação do historiador. Ao aprofundarmos nossas pesquisas a respeito do autor descobrimos que seu nome já foi usado para referenciar

[90] In philosophy, if not profound, he was extraordinarily well equipped; in history he was both, without a rival, and that which gives measure and weight to his judgments is the thought which inspires them and the ethical force by which they are governed. He went to Cambridge at a time when there was a danger lest the professorship of modern history should be too exclusively directed towards the philosophical motives and the political drift of history. With this tendency he had so much in common that he made no break in the tradition of the chair. But he controlled it by a firm and severe insistence on the necessity of an exact knowledge of facts both in their wider range and in the smallest details; and while his zeal and painstaking made themselves felt everywhere, his influence was perhaps even stronger among the teachers of history than among his undergraduate pupils. In this way be did a service to the study of history in his university the immense value of which is recognized by those who are in a position to judge from within (1902, p. 699).

uma geração de historiadores políticos do final do século XIX inglês que desconhecia aspectos teóricos da história.

Dentro da historiografia mais próxima aos debates da profissionalização histórica, o nome de Gardiner é associado a profissionalização da história. Para alguns, como Adamson (1990), o seu engajamento com o pensamento político contemporâneo era evidente.

Para o nosso trabalho a sua produção na *EHR* nos oferece três resenhas, indicativas do que pretendíamos encontrar.

O primeiro texto de Gardiner é uma resenha que o autor escreveu para a *English Historical Review* em 1893 sobre o livro do historiador irlandês W. E. H. Lecky (1838-1903). O nome do livro de Lecky, publicado em 1892 é *The Political Value of History*. Como nos referimos acima Lecky foi um historiador irlandês que estudou o racionalismo e a moral europeia, cujos estudos sobre a Inglaterra de George entre os anos de 1870 e 1890 se tornaram um clássico.

Muito embora Gardiner afirme ser a obra uma importante contribuição àqueles que estão iniciando o estudo sobre a história, o resenhista identifica um problema na concepção histórica de Lecky, na medida em que ele estabelece uma ênfase não usual sobre a importância do elemento pessoal na construção da história, contra a noção de causas gerais (1893, p. 394). Gardiner demonstra isso citando trechos do livro de Lecky que fazem referências ao processo da Revolução Francesa e a Independência dos Estados Unidos:

> "Não é frequentemente lembrado", ele diz, "que quando os estados gerais se reuniram em 1789 o maior dos benefícios da Revolução poderiam ter sido alcançados sem dificuldade, sem convulsão pelo consentimento geral". Ele então cita as palavras de Jefferson: "Eu estava muito familiarizado com os principais patriotas da Assembleia. Sendo de um país que passou sucessivamente por reformas similares, eles estavam dispostos a minha amizade, e tinha uma confiança em mim. Eu tentei mais extenuantemente um compromisso imediato em assegurar o que os governantes estavam agora dispostos a produzir. Isso foi bem entendido que o rei ia garantir naquela época, (1) liberdade da pessoa pelo Habeas Corpus; (2) liberdade de consciência; (3) liberdade de imprensa; [...] e com os exercícios desses poderes, eles poderiam obter no futuro qualquer coisa que fosse ainda necessária para melhorar e preservar sua constituição" (LECKY, *apud* GARDINER, 1893, p. 394-295) [91].

[91] It is not often remembered,' he says,' that when the States- General met in 1789 by far the larger part of the benefits of the Revolution could have been attained without difficulty, without convulsion and by general consent.' He then quotes the words of Jefferson: ' I was much acquainted with the leading patriots of the Assembly. Being from a country which had successfully passed through a similar reformation, they were disposed to my acquaintance, and had some confidence in me. I urged most strenuously an immediate compromise to secure what the government were now ready to yield. It was well understood

Gardiner considera aceitável alguém escrever isso se fosse um contemporâneo de 1789, não um autor como Lecky. Se existe algo evidente para todos os estudiosos da Revolução Francesa, segundo o autor, é que a luta pela igualdade se tornou precedente da luta pela liberdade, e que a essência do movimento consistia na oposição do Terceiro Estado contra as ordens de privilégios; não a controvérsia entre os três Estados e o rei (1893, p. 395). Na interpretação de Gardiner:

> Se os revolucionários franceses recusaram imitar Washington ou Lord Somers, isso era não porque eles eram pessoalmente tolos ou imprudentes, mas porque a corrente de sentimento gerou a tensão das circunstâncias que foi ampla o bastante para leva-los para outra direção (1893, p. 395) [92].

Queremos destacar dessa conclusão do autor inglês essa "corrente de sentimento" ou "de pensamento" – *current of feeling* - que influenciaria a posição individual, pessoal, sendo ela avaliada como causa determinante para o conhecimento histórico na interpretação de Gardiner. Essa expressão apareceria em outro texto da *EHR*.

Em 1896, no volume 11, Samuel Gardiner resenha o livro resultante da conferência inaugural de Lord Acton em Cambridge do ano anterior, o *A Lecture on the Study of History* (1895). Samuel Gardiner inicia seu texto indicando o ambiente de expectativa e a maneira calorosa como Acton foi recebido como professor de história moderna de Cambridge. "Feliz é Cambridge se todos os ouvintes do novo professor tomarem por completo suas alusões" afirma Gardiner (1896, p. 122). Gardiner então concordaria com Acton, ou pelo menos o considerava com bons olhos. A impressão causada pela *Lecture* como um todo é a de que há um abismo entre Acton e os professores anteriores daquela cadeira de Oxford. Para enfatizar isso, talvez, ele faz referência a outros dois importantes historiadores ingleses:

> Seeley e Freeman foram antagonistas em muitos aspectos, mas tinham o mesmo desejo de tornar complicadas as coisas simples – Freeman por martelar na cabeça verdades simples com reiteração; Seeley de uma forma mais artística, levando algum aspecto de um sujeito em plena luz, enquanto outros, talvez igualmente importante, foram deixados na sombra. A conferência de Lord Acton mostra que com ele Cambridge encontrará um professor que nunca permite esquecer que os assuntos complicados são

---

that the King would grant at this time, (1) freedom of the person by Habeas; Corpus; (2) freedom of conscience; (8) freedom of the press; […] and with the exercise of these powers, they could obtain in future whatever might be further necessary to improve and preserve their constitution' (LECKY, *apud* GARDINER, 1893, p. 394-395).

[92] If the French revolutionists refused to imitate Washington or Lord Somers, it was not because they were personally foolish or ill-advised, but because the current of feeling bred of the stress of circumstances was sweeping them on in quite another direction (1893, p. 395).

> realmente complicados e que aqueles que tratam com as fortunas da humanidade tem diante deles um sujeito que beira no infinito e não pode ser julgado com sentenças claras (1896, p. 122) [93].

A partir desse momento Gardiner se concentra na interpretação de Ranke que Acton expõe em seu texto. De início o historiador inglês teria "inconscientemente pensado sobre si mesmo" quando concluía uma menção a Ranke lembrando uma anedota tipicamente inglesa. No seguinte trecho da *Lecture* de Acton:

> Ele [Ranke] sentiria simpatia pelos dois famosos médicos de Londres de nossos dias, de quem se diz que não conseguiam decidir-se sobre um caso e que opinavam dubiamente. O pai de família insistiu então numa opinião. Eles responderam que eram incapazes de dar-lhe uma, mas que ele facilmente encontraria 50 doutores que o fariam (ACTON, *apud* Gardiner, 1896, p. 122).

Os médicos que evitaram tomar qualquer tipo de posição praticaram a ideia de imparcialidade de Ranke e Acton diante de questões históricas. Mas segundo Gardiner o ponto de vista de Acton não é exatamente o mesmo de Ranke. Existe uma relação de admiração e ressalva de Acton para com Ranke. Gardiner recorre a uma passagem que é anterior àquela citada logo acima da *Lecture* de Acton:

> [Ranke] decidiu, com efeito, reprimir o poeta, o patriota, o partidário religioso ou político, não sustentar nenhuma causa, afastar-se de seus livros, e não escrever nada que agradasse seus próprios sentimentos ou revelasse suas convicções pessoas (ACTON *apud* GARDINER, 1896, p. 122).

O fato de Ranke ser importante para nossa pesquisa, assim como os temas do historicismo é que Acton se contrapõe ao historiador alemão, com sua filosofia da história de cunho moral. Mas ele segue Ranke também. Uma passagem do texto de Gardiner que parece indicar isso é a seguinte:

> Em outra passagem se referindo a escola em que Ranke era preeminente Lord Acton, discutindo seus esforços após a imparcialidade, assevera que "ele oferece uma disciplina que cada um de nós faz bem em se submeter, e talvez, também bem em renunciar". Lord Acton, em resumo, não vai considerar essa atitude como imparcial, no mais alto sentido, que considera as ações da humanidade controladas por forças ocultas. Ele implora por distinções entre cada homem e entre cada ato (GARDINER, 1896, p. 122) [94].

---

[93] Antagonistic as Seeley and Freeman were in many respects, they were one in the desire of making complicated things plain - Freeman by hammering into men's heads simple truths with reiteration; Seeley in a more artistic way, by bringing some phase of a subject into full light whilst others, perhaps equally important, were left in the shade. Lord Acton's lecture shows that in him Cambridge will find a teacher who never allows it to be forgotten that complicated subjects are really complicated, and that those who deal with the fortunes of humanity have before them a subject which borders on the infinite and cannot be dismissed with clean-cut sentences (1896, p. 122).

[94] In another passage referring to the school in which Ranke was preeminent Lord Acton, discussing its efforts after impartiality, asserts that "it provides a discipline which every one of us does well to undergo, and perhaps also well to relinquish". Lord Acton, in short, will not regard that attitude as impartial, in the highest sense, which regards the actions of mankind as controlled by hidden forces. He pleads for moral distinctions between man and man between act and act (GARDINER, 1896, p. 122).

Um trecho do texto de Acton, citado por Gardiner, pode nos ajudar a entender esse posicionamento diante da questão da moral e da história:

> [...] Havia dificuldades no caminho; e entre outras, esta: que, no primeiro fervor das Cruzadas, os homens que tomaram a cruz, após receber a comunhão, entusiasticamente dedicavam o dia a exterminação dos judeus... Tornou-se uma regra da política elogiar o espírito quando se não pudesse defender o feito, de modo que não temos nenhum código comum; nossas noções morais são sempre fluídas; e devemos considerar os tempos, a classe de onde saíram os homens, as influências circundantes, os mestres em suas escolas, os oradores em seus púlpitos, o movimento que eles obscuramente obedecem, e assim por diante, até que a responsabilidade desapareça nos números, e não reste nenhum culpado para execução (ACTON *apud* GARDINER, 1896, p. 122).

A opinião de Gardiner em relação ao julgamento, a questão moral é a seguinte:

> Nunca seria sensato especular de muito perto quanto as causas do silêncio de Lord Acton, e ele deve certamente estar consciente que ele começou problemas sem tentar nessa conferência pelo menos resolvê-los. Tudo que precisa ser dito é que é bem possível, sem que nossas noções morais sejam fluídas, levar em conta as épocas, as influências circundantes e assim por diante e sobre essa razão esquecer em vez de execrar. Lord Acton saber muito melhor que a maioria de nós que a história deveria condenar não em proporção a grandeza do pecado, mas na proporção do egoísmo e o conhecimento dos pecadores. Ela pode perdoar o cruzado, mas não pode perdoar Henrique VIII (GARDINER, 1896, p. 123) [95].

Lord Acton não teria nos dado nenhuma solução de seu problema, na *Lecture*, conclui Gardiner. Para ele nós tratamos da história condenando ou perdoando, mas acima de tudo, isso significa que os historiadores "vão se envolver com isso" (GARDINER, 1896, p. 123). No final, o que Gardiner espera, ou poderia esperar, de Acton, é que ele convide seus pupilos (alunos) a "reverenciar o grande mistério humano". Segundo Gardiner "para o verdadeiro estudante de toda ciência, a contemplação do contexto incomensurável e desconhecido é maior que as realizações do nosso conhecimento ou da nossa habilidade" (GARDINER, 1896, p. 123).

O último texto de Samuel Gardiner que consideramos ser significativo é a resenha do livro de Langlois e Seignobos, a "Introdução aos Estudos Históricos".

A resenha aparece no volume 13, em abril de 1898, pp. 327-329. Nesse momento Gardiner já era editor da Revista, juntamente com Reginald Lane Poole desde

[95] It would never be wise to speculate too closely as to the causes of Lord Acton's silence, and he must certainly be aware that he has started problems without attempting in this lecture at least to solve them. All that need be said is that it is quite possible, without our moral notions being fluid, to take account of the times, the surrounding influences and so forth, and upon this ground to forgive rather than to execrate. Lord Acton knows better than most of us that history should condemn not in proportion to the greatness of the sin, but in proportion to the selfishness and knowledge of the sinners. It can pardon the crusader, it cannot pardon Henry VIII (GARDINER, 1896, p. 123).

1891. Na edição inglesa deste livro de Langlois[96] e Seignobos[97], segundo Ian Hesketh, o prefácio de Frederic York Powell, um dos mentores da *EHR*, aprovava o manual francês [98]. Para Ian Hesketh, que escreve sobre o debate travado entre James Froude e Freeman na segunda metade do século XIX sobre a prática da história científica, esse manual deveria ter sido na verdade superado e não reverenciado.

Samuel Gardiner considera de início que a obra é endereçada principalmente para os iniciantes nos estudos sobre fontes históricas. Principalmente com a primeira parte, de autoria de Langlois. Nesse quesito o resenhista avalia que o historiador francês teria dado menos ênfase à arqueologia e à contribuição do conhecimento geográfico do que de costume.

A segunda parte, que é a de Charles Seignobos, trata com as condições e objetos da escrita histórica. A primeira tratou mais do exame das fontes. Samuel Gardiner chama atenção para o fato de Langlois e Seignobos "felizmente escreverem sob a influência de um movimento contrário a uma visão literária, mas estariam assumindo uma posição errada, a da ampliação das causas pequenas sob a força de uma geral" (GARDINER, 1898, p. 327) [99].

Ou seja, não teria Seignobos caído no erro de reduzir a causação na história, e aumentar os efeitos das causas pequenas sobre o custo de uma geral? Para exemplificar Gardiner cita um exemplo de Seignobos:

> Cumpre-nos, pois, resistir à tentação natural de distinguir os fatos em grandes e pequenos. Repugna-nos admitir que grandes efeitos possam ter pequenas causas, que o nariz de Cleópatra tenha podido agir sobre o Império romano.[100]

Samuel Gardiner fica surpreso com a aprovação de Seignobos de que o nariz de Cleópatra teve influência nos acontecimentos históricos. Considera isso inviável. Ele

---

[96] Charles Langlois possui contribuições na *EHR* com um artigo em 1890, *The Comparative History of France and England during the Middle Ages* (pag. 269-263), volume 5, e um texto na sessão de Notas e Documentos, *Project for taxation presented to Edward I* (pag. 517-521), em 1889, volume 4. Além de ser um pesquisador do Public Record Office, um dos importantes centros para pesquisadores da Inglaterra.

[97] Charles Seignobos (1854-1942) foi um historiador modernista, que se interessava com as questão metodológica.

[98] O texto de Ian Hesketh, "Diagnosing Froude´s disease: Boundary Work and the discipline of History in Late-Victorian Britain". *History and Theory*, 47 (2008) 373-395.

[99] M. Seignobos, with the fall approval of his coadjutor, writes, it must be remembered, under the influence of the reaction which has happily sprung up in France against the sweeping and inconclusive views of the "literary school", and it may fairly be questioned whether he has not run into the opposite error of decrying all attempts to mark out causation in history, and of enlarging upon the effects of small causes at the expense of large ones (1898, p. 327).

[100] (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 174). A tradução é de Laerte de Almeida Morais, Editora Renascença.

então cita mais um segundo exemplo, tirado da mesma página, que considera igualmente enganoso.

> A Inglaterra, no século XVI, mudou três vezes de religião pela morte de seus príncipes (Henrique, Eduardo, Maria). A importância deve medir-se não pelo fato inicial, mas pelos fatos que dele resultam.[101]

Gardiner escreve de maneira enfática:

> Isso é tão superficial! O fato é que existiam correntes de opinião na Inglaterra no final do reinado de Henrique VIII que levaram o país para frente até a ascensão de Eduardo VI, e correntes de opinião no final do reinado de Eduardo que levariam o país para trás até a ascensão de Maria. As mudanças, sem dúvida, em cada caso viriam de maneira mais demorada se os desejos das regras tivessem sido diferentes, mas elas viriam todas da mesma forma (GARDINER, 1898, p. 328).[102]

O historiador considera que as trocas de religião, resultado dos desejos de cada governante, tiveram um papel, mas não alternariam as mudanças de reinados. O problema é que Seignobos aumenta os efeitos das causas pessoais e minimiza os efeitos produzidos por causas mais gerais.

> A forte tendência exposta por Seignobos de magnificar os efeitos das causas pessoais, e minimizar os efeitos das correntes de sentimento produzidas por causas mais gerais, torna o estudante de história cuidadoso relutante a toma-lo com um guia em grandes assuntos (GARDINER, 1898, p. 328) [103].

Ou seja, Gardiner privilegia a relevância das causas gerais em detrimento de causas mais particulares. Para o historiador inglês, Seignobos teria falhado ao notar o curso da evolução histórica na luta dos homens em grupo contra hábitos que nem todo esse grupo reconhece como obstáculo, como questionável. Seignobos aumenta o valor das causas acidentais, únicas. Para terminar, Samuel Gardiner exemplifica a sua concepção de causa na história:

> A unidade italiana, por exemplo, se tornou idealizada em nossos dias porque um aumento do número de italianos que concordaram em querer se livrar dos austríacos. Eles não começam com a ideia, a ideia se realiza porque isso era a antítese da condição que eles detestavam. *Fuori i Tedeschi* foi *a priori* a *Italia una* (GARDINER, 1898, p. 328-329) [104].

---

[101] (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 174).

[102] How very superficial this is! The fact is that there were currents of opinion in England at the end of the reign of Henry VIII which would have led the country onward at the accession of Edward VI, and currents of opinion at the end of the reign of Edward which would have led the country backward at the accession of Mary. The changes would, no doubt, in either case have come more slowly if the wishes of the rulers had been different, but they would have come all the same (GARDINER, 1898, p. 328).

[103] The strong tendency displayed by M. Seignobos to magnify the effects of personal causes, and to minimise the effects of currents of feeling produced by more general causes, makes the careful student of history reluctant to take him as a guide in larger matters (1898, p. 328).

[104] Italian unity, for instance, became idealised in our own day because an increasing number of Italians agreed in wanting to be rid of the Austrians. They did not begin with the idea, the idea came because it

Ele afirma que só quando há um consenso de contestação, como no exemplo, é que resulta uma linha de ação comum. Essa noção de causa que Gardiner defende, nos remete a reflexão, que embora seja posterior, fez Edward Carr sobre o mesmo "nariz de Cleópatra". Carr esclarece que essa referência está associada a um tipo de visão historiográfica fundamentada na ideia de que a história um aglomerado de acidentes, uma série de acontecimentos determinados por coincidência do acaso e atribuíveis somente às causas mais casuais (CARR, 1989, p. 83). O problema da causa na história deve obedecer a um critério da escolha dessas. Esse critério, de acordo com Edward Carr, deve promover nossa compreensão do passado à luz do presente e do presente à luz do passado. Logo as causas devem ter um fim em vista, devem ser reais, racionais, podendo servir comparação com outras épocas e países (CARR, 1989, p. 90). Como reitera Isaiah Berlin, ao diferenciar a ciência histórica da ciência natural, o que os historiadores pretendem é responder àqueles que desejam saber por que as mudanças aconteceram (BERLIN, 1998, p. 93).

Temos então que Samuel Gardiner não foi apenas o historiador da Revolução Puritana e não foi apenas um historiador político. Para Nixon, Gardiner foi o maior historiador de sua geração, apesar de ultimamente prevalecer a queixa de que o seu trabalho é árido, de natureza empírica, e ter negligenciado ideologias no seu trabalho com as fontes (NIXON, 2003, p.1). O autor afirma que a biografia era a característica explicativa de sua escrita histórica (NIXON, 2003, p. 2). Gardiner teria feito distinções entre história, biografia e literatura, de maneira a incorporar esses três gêneros numa única prática. Na interpretação de Nixon:

> Então, para reiterar – em ordem para compreender a abordagem teórica de Gardiner para a conceitualização do passado, é necessário afastar-se de um contexto de relato da posição religiosa e da ideologia política e considerar em vez disso os princípios que governam o início do Idealismo do século XIX; e, em ordem a apreciar melhor as narrativas de Gardiner, nós devemos estar conscientes de sua abordagem ao gênero e uso da literatura em uma moda completamente não disciplinar. Gardiner não era o historicista rankeano, assumindo que a verdade histórica era uma questão de contar as coisas como elas realmente foram com a ajuda das fontes documentais, mas levou a extraviar de suas preocupações ideológicas – ele era um patrocinador sofisticado da história, construindo uma narrativa do passado através de uma negociação complexa dos documentos, mecanismos literários e princípios teóricos disponíveis para um historiador da era vitoriana (NIXON, 2003, p. 19-20).

---

was the antithesis of a condition they detested. *Fuori i Tedeschi* was prior to *Italia una* (GARDINER, 1898, p. 328-329).

Mark Nixon adota uma abordagem historiográfica que foge da interpretação contextualista estritamente e analisa a obra do autor de maneira mais próxima. Para ele Gardiner não era apenas um historicista rankeano.

3.2.1 Lord Acton

Lord Acton é uma das principais referências no cenário de profissionalização da história entre os britânicos. Na maioria dos textos que mencionam o desenvolvimento da história científica, na Inglaterra, o nome de Acton é lembrado. Seja em relação a *EHR*, seja em relação a *Cambridge Modern History* (IGGERS, 1997; BURROW, 2008). Até aqui já analisamos oito textos dos 11 que Acton publicou no periódico. Nesse momento analisaremos dois obituários de sua autoria e o artigo que abre o primeiro número da revista, o *German Schools of History*. O que queremos agora é sintetizar as concepções de história que Acton oferece em seus textos, compreendendo sua noção de imparcialidade, o uso das fontes e a relação da história com o presente. Questões essas que fazem parte de sua filosofia da história.

Retomando o trabalho de George P. Gooch veremos que ele destaca a formação católica de Acton em sua luta pelo caráter sagrado da verdade e os direitos de liberdade de consciência. Foi esse seu ideal, liberal e católico, que foi empregado em sua breve carreira jornalística, editando as revistas *Rambler* e o *Home and Foreign Review* na década de 1860, e que pode ser encontrado também em seu trabalho histórico.

Essa experiência anterior, além do interesse na constituição de uma revista acadêmica de história fez ele se empenhar no projeto da *EHR*, um periódico que deveria tornar-se o equivalente inglês de outras revistas, como as fundadas por Sybel, na Alemanha e Monod na França. Sobre a participação de Acton nas páginas da *EHR*, podemos resumir a consideração de Gooch da seguinte forma:

> Um artigo sobre *As escolas alemãs de história*, o mais notável dos que escreveu, iniciava o primeiro número [...]. [Acton] Expõe as ideias que fundamentam a erudição histórica do século, relacionando a história com o movimento do pensamento político, religioso e econômico em toda Europa. É igualmente notável pelo seu ilimitado saber, a firmeza de seus juízos e sua plenitude de estilo, e os estudos podem medir seus progressos segundo sua capacidade progressiva para entender e apreciar esta maravilhosa dissertação (GOOCH, 1977, p. 386).

O autor ainda faz uma breve exposição das outras contribuições de Acton considerando que "seus textos são o elemento mais notável da primeira década da revista, e não tem nada que lhe pareça na literatura histórica inglesa" (GOOCH, 1977, p. 387). Para Acton, de acordo com a analise de Gooch, a história não era apenas a base da visão verdadeira do presente, mas uma escola de virtude e um guia para a vida.

É o que ressaltou a recente analise de Jurandir Malerba. O pensamento de Lord Acton era pautado em um rigoroso moralismo e um compromisso com a liberdade (MALERBA, 2010, p. 254). Para ele, era o domínio da consciência que traria uma conduta ética e uma absoluta veracidade na história. Segundo Malerba:

> Acton acreditava que a história poderia se tornar verdadeiramente significativa respeitando dois princípios fundamentais: primeiramente, o direito de todo homem à liberdade de consciência; em segundo, a autoridade infalível da lei moral. [...] Uma vez reconhecidos e aplicados ao curso dos eventos, estes princípios servem para atribuir significado a fenômenos independentes, como as leis da ciência moderna servem para colocar várias atividades físicas em uma conexão ordenada (MALERBA, 2010, p. 256).

Acton olhava para um evento histórico pensando qual era sua contribuição para o progresso da liberdade ética. Ele entendia que a missão do historiador era ensinar o princípio jurídico ético para julgar uma ação, "perceber que tudo que ocorreu no passado é avaliado por seu conteúdo moral" (MALERBA, 2010, p. 258). Essa lei moral para Lord Acton estava associada ao cristianismo.

Crane Brinton, que escreve em 1919, é outro autor que considera a filosofia da história de Acton como guia do presente. A história nos oferecia o relato do progresso gradual e penoso da humanidade através da liberdade e da moralidade (BRINTON, 1919, p. 89).

Lord Acton é conhecido por seu cosmopolitismo. Dominava diversas línguas, possuía ascendência alemã e inglesa, tendo ele nascido em Nápoles, em 1834. Em 1850, após ter o pedido de admissão rejeitado em Cambridge, Acton viaja, com a permissão de seu padrasto, até Munique onde passa estudar privativamente sob a tutela de Ignaz von Doellinger[105]. Doellinger era um teólogo católico e a cidade de Munique naquele momento era o centro do renascimento católico na Alemanha.

Acton criticou o preceito da infalibilidade papal, aprovado no Concílio do Vaticano em 1870. Para ele, esse preceito era uma forma de poder absoluto da igreja e

[105] Vamos utilizar essa grafia do nome de Doellinger, a que é usada por Acton no texto de 1890. Nos comentadores de Acton que temos a grafia utilizada é outra: Döllinger.

por suas críticas chegou a ser excomungado de sua igreja. É nessa época que Acton cunha uma de suas principais máximas: "o poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente" [106]. Mas é a partir das orientações de Doellinger que Acton conhece ainda mais a metodologia histórica alemã e irá introduzir posteriormente seus métodos mais rigorosos e forenses na Grã-Bretanha (TULLOCH, 2006, p. 160). Acton também foi conselheiro do primeiro-ministro William Ewart Gladstone (1809-1898) e membro do partido *Whig*, o partido liberal inglês [107].

O primeiro texto que tomaremos para analisar a ideia de história de Acton é *German Schools of History*. O texto na verdade é uma resenha do livro *Geschichte der deutschen Historiographie* (1885), do alemão Franz von Wegele (1823-1897) [108]. O texto de Acton é erudito, repleto de referências a autores desconhecidos do público brasileiro, um grande exemplo de sua capacidade de interpretar o panorama intelectual daquela época. Nesse primeiro texto de Acton vamos entrar em contato com as convicções do próprio autor em um momento que ele faz um balanço da produção alemã como forma de abertura da *EHR*.

Acton usa da oposição entre duas falas a respeito da historiografia alemã para iniciar sua avaliação da situação acadêmica da história até aquele momento de fundação da revista. Uma fala é a afirmação de Macaulay de que não existiriam historiadores dignos desse nome em sua época. A outra afirmação é da escritora inglesa M. Darmesteter (1857-1944), que pelo contrário, considerava que os alemães estavam vinte anos à frente de outras nações em termos historiográficos (ACTON, 1886, p. 7). Acton sugere o livro de Wegele para o leitor perplexo com o referido debate, e parece esclarecer que o capítulo mais importante é o que trata do surgimento da ciência histórica, o último capítulo do livro que corresponderia a cerca de 10% de seu total.

---

[106] Essa frase teria sido escrita pela primeira vez a Mandell Creighton, em uma carta de 1887. Em um dos poucos trabalhos brasileiros sobre Acton, Benedicto F. de Barros afirma que: "o que se achava em pauta não era a questão teológica da autoridade do vigário de Cristo, mas que, com o dogma da infalibilidade, a Igreja dava um perigoso exemplo de restaurar o princípio de uma monarquia legitimadora do domínio do homem pelo homem, acima e além do alcance de qualquer princípio". BARROS, Benedicto Ferri de. *Lord Acton: O poder tende a corromper. E o poder absoluto corrompe absolutamente*. São Paulo: Edições GRD, 2003. p. 7.

[107] Sobre a biografia de Lord Acton consultamos os seguintes textos: TULLOCH, H. *Lord Acton and German Historiography* (2006) e BRINTON, C. *Lord Acton's philosophy of history* (1919).

[108] Segundo o estudo de Doris Goldstein sobre as cartas dos envolvidos na criação do periódico em 1886, Acton, após resistir ao pedido de Mandell Creighton de que escrevesse para o primeiro número, resolve utilizar uma resenha para se livrar do que se tinha tornado uma desagradável obrigação. A resenha cumpriria a função de ser um veículo para um comentário geral sobre a erudição histórica ou sobre a história acadêmica (GOLDSTEIN, 1986, p. 8).

Como afirma Acton: “90% desse volume são devotados aos bravos homens que viveram antes de Agamenon e o capítulo sobre a ascensão da ciência histórica, o único que é significativo para a humanidade, começa na página 975, e é o último” (ACTON, 1886, p. 7).

Para Acton, até o século XIX a historiografia alemã estava no nível da erudição. A história estaria ligada a outras coisas como divindade, a filosofia e a lei - uma história produzida no século XVIII. A situação começa a mudar com Niebuhr (1776-1831) quando, segundo Acton, os alemães assumiram uma supremacia dos estudos históricos, da mesma forma como Henry Maine e o bispo de Durham tinham feito na Inglaterra (1886, p. 7). Lord Acton também vê com ressalvas a consideração dos nomes de Humboldt, Savigny, Grimm e Ritter como “modelos de excelência histórica”. Para o autor “eles não escreveram história de verdade”. A melhor parte da historiografia alemã estaria em Neander, Boeckh, Baur, Schwegler e Lassen, Niebuhr e Ranke.

Podemos fazer uma repartição do texto de Acton em três partes. A primeira: as interpretações do autor em relação aos momentos históricos de transformação e seus reflexos na produção histórica entre o final do século XVIII e o início do século XIX; a segunda: as considerações sobre Ranke; a terceira parte: suas considerações sobre Hegel e a recente historiografia alemã. Em cada um desses momentos encontraremos também elementos da própria concepção de história de Acton.

É preciso dizer que essa divisão do texto de Acton é inspirada na interpretação feita por Hugh Tulloch (2006), embora não sigamos exatamente o mesmo princípio. Para Tulloch, Acton teria distinguido três principais linhas de inovação acadêmica no *German Schools of History*. A primeira linha, de Niebuhr seria aquela da investigação crítica rigorosa das fontes derivada da erudição clássica e bíblica. A tarefa do historiador científico em busca da autenticidade e objetividade teria em Ranke um de seus principais representantes. A segunda linha é a que deriva da dialética filosófica de Hegel. E a terceira linha que Tulloch estabelece é uma corrente intelectual: “a emergência do romantismo seguido sobre a humilhação sofrida nas mãos das forças de Napoleão”. Foi o resultado de uma transformação ocasionada por Hegel: a busca da questão da lei da descoberta, do século XIX, em detrimento da busca da descoberta da lei, do século XVIII [109].

[109] TULLOCH, H. *Lord Acton and German Historiography*, p.160-162.

Na nossa primeira parte do texto Acton faz uma discussão referente ao início da escola romântica, cujo marco seria a Revolução Francesa. Nos trechos que selecionamos consideramos a possibilidade de entendermos o posicionamento de Acton em relação a tradição histórica alemã e aos acontecimentos políticos. Primeiramente Acton afirma:

> A escrita histórica era velha, mas o pensamento histórico era novo na Alemanha quando ele surgiu do choque da Revolução Francesa. A condenação da história tem sido o item mais forte da plataforma de 1789. [...] O maior objetivo de sua luta era depor e degradar um tirano que, no seu melhor, era cego, ignorante e cruel, e que, mais que isso, estava morto. [...] A reação romântica que se inicia com a invasão de 1794 era a revolta da história ultrajada. A nação fortificou-se contra as novas ideias chamando as velhas, e fez da era da fé e da imaginação uma defesa da era da razão. [...] Os escritores românticos aliviaram a necessidade presente com todo o tesouro abundante de outras épocas, sujeitando desse modo a vontade e a consciência dos vivos a vontade e consciência dos mortos. Sua última influência estava fora da proporção de sua performance imediata. Eles foram fracos porque eles queriam precisão e certeza, e nunca perceberam que a Revolução era ela mesma histórica, tento raízes que poderiam ser traçadas bem atrás no passado (ACTON, 1886, p. 8) [110].

A escola romântica teria como um de seus principais nomes Savigny, que desenvolveu o método histórico da jurisprudência seguindo o ensinamento do filósofo Friedrich Schelling (1775-1854) que dizia que o Estado não existe para os propósitos dos homens e nem é governado por leis elaboradas por eles, mas por uma força cósmica superior (1886, p. 9). A nova doutrina afirmava que "o legislador soberano não é o governante, mas a nação". As deliberações da legislação consistem em determinar não o que é melhor, mas o que é consistente com o uso (1886, p. 9).

Em meio a essa discussão Acton trata "do início da ciência histórica" com o livro de Niebuhr:

> A primeira edição de sua 'História Romana', mais tarde repudiada, inicia a evolução da ciência histórica. Ela exibia a teoria de que a verdade não esta enterrada sobre a tradição que, embora os romanos tenham esquecido o estado inicial das suas instituições, os processos da história são tão bem definidos que é possível trabalhar retrospectivamente a partir do conhecido

[110] Historical writing was old, but historical thinking was new in Germany when it sprang from the shock of the French Revolution. Condemnation of history had been the strongest plank in the platform of 1789. [...] The supreme object of their striving was to depose and to degrade a tyrant who, at his best, was blind and ignorant and cruel, and who, moreover, was dead. […] The romantic reaction which began with the invasion of 1794 was the revolt of outraged history. The nation fortified itself against the new ideas by calling up the old, and made the ages of faith and of imagination a defence from the age of reason. […] The romantic writers relieved present need with all the abounding treasure of other times, subjecting thereby the will and the conscience of the living to the will and conscience of the dead. Their lasting influence was out of proportion to their immediate performance. They were weak because they wanted strictness and accuracy, and never perceived that the Revolution was itself historic, having roots that could be profitably traced far back in the ages (ACTON, 1886, p. 8).

> para o desconhecido, do efeito para a causa, e então recuperar o passado não registrado. Isso era o sinal visível da nova doutrina de linhas fixas, leis invariáveis e da ação anulada dos homens. Isso indicava uma forma de certeza que não dependia dos créditos dos historiadores (1886, p. 10) [111].

Que Barthold Georg Niebuhr (1776-1831) foi um mestre do início da história científica é inquestionável (BENTIVOGLIO, 2011; BARROS, 2012). Mas a interpretação de Acton parece afirmar que nasceria uma forma de estabelecer a certeza que não depende do historiador. Na Inglaterra os frutos do trabalho de Niebuhr tinham amadurecido em nomes como Thirlwall e Grote, a quem já nos referimos anteriormente pela leitura de G. P. Gooch no tópico sobre a historiografia vitoriana. Lord Acton não trata desses autores de maneira mais detalhada. O nome que ganha destaque no texto nesse momento é do alemão Boeckh (1785-1867). Enquanto Niebuhr teria descartado o tipo de inquérito sobre as inscrições, afirmando que ninguém poderia dominar esse ramo de estudo, Boeckh agiria de outra forma. Na opinião de Acton:

> Boeckh demonstrou que isso poderia ser transformado em um instrumento de descoberta tão eficaz quanto a ingenuidade mais ousada, e se tornou, em suas mãos firmes e pacientes, a pedra angular do seu edifício. Além de mostrar o caminho de alcançar a verdade além de Tucídides, ele era um exemplo ilustre do historiador que colocou a si mesmo fora do objeto de estudo e expos o que é certo, superando rigidamente seus sentimentos pessoais. O tom da poesia elegíaca e catártica é uma coisa: o tom épico é outro (1886, p. 11) [112].

Acton, em um dos poucos momentos em que menciona novamente o nome de Franz Wegele, afirma que um dos objetivos do autor teria sido analisar a época crítica entre os anos de 1824 e 1828. Essa menção a época crítica provavelmente fazia referência ao período de publicação de grandes obras como as de Ranke e Niebuhr.

Na segunda parte do texto de Acton, segundo nossa análise, podemos indicar o seguinte trecho que demonstra a leitura feita por ele até então sobre a historiografia alemã:

> Uma nova arte de empregar documentos chegou com Ranke em 1824. A "Introdução a Ciência da Mitologia" de Müller rapidamente seguiu; Gieseler e Neander iniciaram suas histórias da Igreja; e Menzel, depois de um livro

[111] The first edition of his "Roman History", afterwards repudiated, began the evolution of historic science. It exhibited the theory that truth is not buried underneath tradition that, although the Romans had forgotten the early state of their institutions, the processes of history are so well defined that it is possible to work back from the known to the unknown, from effect to cause, and so to recover the unrecorded past. This was the visible sign of the new doctrine of fixed lines, invariable laws, and overruled action of men. It indicated a mode of certainty which did not depend on the credit of historians (1886, p. 10).

[112] Boeckh showed that it could be made an instrument of discovery as efficacious as the boldest ingenuity, and it became, in his firm and patient hands, the corner-stone of the building. Besides showing the way of reaching truth even beyond Thucydides, he was an illustrious example of the historian who puts himself out of sight and displays what is certain, suppressing rigidly his personal sentiments. The tone of elegiac and cathartic poetry is one thing: the epic tone is another (1886, p. 11).

> inferior sobre a Idade Média, publicou o primeiro volume do que tem sido a melhor história moderna da Alemanha. Neibuhr preparou a nova edição que é o pilar de sua fama, em 1827; e em 1828 Stenzel adaptou para a época gregoriana os cânones da crítica que Ranke tornou obrigatória em todos escritores sérios. Esses sete ou oito trabalhos foram o sintoma da grande transição (1886, p. 12-13) [113].

Essa nova "arte de empregar documentos", que Acton provavelmente apreendeu do livro "A história dos povos latinos e teutônicos", de 1824, se refere certamente a prática da história moderna pautada na investigação minuciosa das fontes. Para entendermos o que é essa história moderna podemos lembrar a definição de Jörn Rüsen: "o trabalho do historiador concentra-se em fatos empiricamente verificáveis, e, por essa razão, a crítica das fontes torna-se o procedimento mais importante do pensamento histórico" (RÜSEN, 2011, p. 261). Não é por acaso, portanto, que a *EHR* possui a característica de ser um periódico destinado a pesquisa histórica e a informe de arquivos.

Para Acton, Leopold von Ranke foi único na historiografia. Ele teria demonstrado "como a coisa é feita", estudou história por si mesma e nunca escreveu para especialistas. Na sua visão, Ranke se abstêm da história particular, não prega nenhum dogma. Ao afirmar a influência de Niebuhr parece indicar um problema do conhecimento histórico no seguinte trecho:

> Ranke foi profundamente influenciado por Niebuhr; e o exemplo de um homem tão sensato afundando sobre o peso da decepção política o impressionou com a convicção de que é um bem para as pessoas em geral separar a prática científica da vida prática. O tratamento da história de Niebuhr requer homens tão hábeis quanto ele próprio, e familiares com as jogos das instituições, mas pressagiava desastre em mãos mais fracas. Ranke levou sua arte até uma capacidade menor. Em medida preventiva de testar as fontes, ele mostrou que é possível, pela analise cuidadosa, saber onde um escritor obteve seus fatos; e esta parte do trabalho é muitas vezes mecânica. Isso deprime o estudo da história a nível com a colação de textos e admitia um amplo e útil corpo de trabalhos que faria uma confusão com as três primeiras Musas, ou a primeira década de Lívio (1886, p. 13-14) [114].

---

[113] A new art of employing authorities came in with Ranke in 1824. Müller's "Introduction to the Science of Mythology" quickly followed; Gieseler and Neander began their histories of the Church; and Menzel, after an inferior book on the middle ages, published the first volume of what was long the best modern history of Germany. Niebuhr prepared the new edition which is the pillar of his fame, in 1827; and in 1828 Stenzel adapted to the Gregorian epoch the canons of criticism which Ranke had made obligatory on every serious writer. These seven or eight works were the symptom of a great transition (1886, p. 12-13).

[114] Ranke was profoundly influenced by Niebuhr; and the example of so wise a man sinking under the load of political disappointment impressed him with the belief that it is well for people generally to disconnect their scientific and their practical life. Niebuhr's treatment of history required men as able as himself, and as familiar with the play of institutions, but boded disaster in weaker hands. Ranke brought his art down to a lower capacity. In the preliminary measure of testing authorities, he showed that it is possible, by careful analysis, to learn whence a writer obtains his facts; and this part of the work is often

Podemos afirmar pelo final do trecho acima, que Acton condena a prática da colagem de textos no estudo da história, entendida como uma atividade mecânica da qual ele não compartilhava.

Acton fez também um estudo dos historiadores, por isso dizemos que ele faz uma história da historiografia. Ele considera em outro momento que a analise do caráter é mais complicada. Provavelmente se referindo à questão da condenação, do julgamento na escrita da história. Acton considera que na "revisão dos historiadores" a pressuposição que diz ser inocente até que prove o contrário, não pode ser usada em relação aos historiadores. Para ele:

> A pressuposição que é favorável aos fazedores [os sujeitos] da história é adversa para os escritores da história. Como a história trata consideravelmente com "assuntos pendurados", e ninguém deveria segurar uma testemunha danificada. A vida das testemunhas deve ser sujeitada atentamente ao exame mais minucioso que a vida do acusado. Ele é condenado quando ele é suspeito; a dúvida é decisiva contra ele. [...] Existe um teste de credibilidade, e consequentemente uma regra de certo e errado, que todo mundo deve conhecer, porque sem isso não existe certas coisas como a evidência e o código que é aplicado aos livros se aplica aos eventos. As máximas pelas quais nós julgamos as declarações de Cesar ou de Clarendon nos torna capazes de julgar suas ações. Os princípios são os mesmos, embora o rigor em emprega-los é desigual (1886, p. 14) [115].

Nesse trecho Acton deixa claro suas considerações de que existira *um certo* e *um errado* e que o historiador é capaz de julgar não apenas as declarações mas as ações também. Para Acton "a verdadeira imparcialidade não depende das pessoas, e julga resolutamente indiferente ao julgamento dos outros" (1886, p. 14) [116].

Depois de afirmar que a abstinência de Ranke em relação à linguagem e sua reserva a sentença casual (*passing sentence*), por exemplo, serem características hereditárias dos alemães, desde Martinho Lutero, Lord Acton enumera as ideias da escola romântica que foram usadas contra as noções de consciência infalível e lei

---

almost mechanical. It depresses the study of history to a level with the collation of texts, and admits a large and useful body of workers who would make a mess of the three first Muses, or the first decade of Livy (1886, p. 13-14).

[115] The presumption which is favourable to makers of history is adverse to writers of history. For history deals considerably with hanging matter, and nobody ought to hang on damaged testimony. The life of the witness must be subjected to closer scrutiny than the life of the culprit. He is condemned when he is suspected; doubt is decisive against him. […] There is a test of credibility, and consequently a rule of right and wrong, which everybody must acknowledge, because without it there is no such thing as evidence, and the code which is applied to books applies to events. The maxims by which we judge the statements of Caesar or of Clarendon enable us to judge their actions. The principles are the same, though the rigour in employing them is unequal (1886, p. 14).

[116] True impartiality is no respecter of persons, and judges resolutely regardless of the judgment of others (ACTON, 1886, p. 14).

universal do século XVIII. Ideias essas que eram vistas com ressalvas. No entendimento de Acton:

> Aqueles que, nas palavras de De Maistre e dos conservadores prussianos, desejavam, não a contra revolução, mas o contrário dela, decretaram que o passado não deveria ser medido pelas regras do presente e a categoria imperativa. A humanidade varia e avança em uma percepção ética; a virtude de hoje foi certa vez um crime e o código muda com a latitude. Se o rei James queimou bruxas, se Maquiavel ensinou o assassinato como uma arte, se os cruzados devotos massacraram judeus pacíficos, se Ulisses agiu de forma irresponsável, somos exortados a lembrar dos tempos em que viviam, e deixá-los ao julgamento de seus pares. A mobilidade no código moral, a sujeição do homem ao ambiente, o abono indefinido para a informação e a raça, são formulas constantes de Schlegel para a filosofia realista (1886, p. 15) [117].

Poderíamos afirmar que essas considerações se referem a uma posição romântica, que Acton discordava por relativizar as ações do passado aos seus diversos códigos morais. Crane Brinton escreve que Acton entendia a história não apenas como uma atividade acadêmica, ela era um guia para os assuntos do presente (BRINTON, 1919, p. 87). Por isso ele criticava posicionamentos que considerassem vários códigos morais. Só existiria uma moral eterna que julgaria toda a história.

Em relação a essa discussão, entre a posição de empatia ou de julgamento do historiador, Acton afirma que Ranke teria sido mais moderado, preferindo falar antes de "transações e ocorrências" do que "indignidade e crime". Para Lord Acton "isso era a forma infantil da imparcialidade" (1886, p. 15).

Em relação a Hegel, a terceira parte de nossa analise do *German Schools of History*, a primeira caracterização que Acton faz do filósofo alemão é que ele teria influenciado a tendência do século XIX de sujeitar todas as coisas ao governo de uma lei inteligível, exibindo toda a história sobre a luz da unidade científica, como a manifestação de uma força singular (1886, p. 19). Esse é um dos momentos que Lord Acton demonstra sua compreensão do debate acerca da evolução da ciência e da filosofia, e sua interpretação original:

> A quebra que a ciência experimental revelou-se ela mesma pelo desprezo de Newton no qual Hegel era da mesma ideia que Goethe, Schelling e

[117] Those who, in the words of De Maistre and the Prussian conservatives, desired, not the counter-revolution, but the contrary of revolution, decreed that the mighty past shall not be measured by present rules and the categorical imperative. Mankind varies and advances in ethical insight; the virtue of to-day was once a crime, and the code changes with the latitude. If King James burnt witches, if Machiavelli taught assassination as an art, if pious crusaders slaughtered peaceful Jews, if Ulysses played fast and loose, we are exhorted to remember the times they lived in, and leave them to the judgment of their peers. Mobility in the moral code, subjection of man to environment, indefinite allowance for date and race, are standing formulas from Schlegel to the realistic philosophy (1886, p. 15).

> Schopenhauer; mas haviam homens da ciência que, para o desgosto de Humboldt, aceitaram a *Naturphilosophie*. Esses defeitos se tornaram visíveis quando as leituras de Hegel apareceram depois de sua morte, e o sistema foi caindo sobre o ataque da ciência indutiva. Mas sua influência nos estudos históricos não decaiu, e é a única coisa sobre a qual ele mantém seu conhecimento (1886, p. 19) [118].

É inegável, portanto, o domínio de um conhecimento filosófico por parte de Acton. Não há uma aversão a filosofia em seus textos que o tornasse mais um historiador do final do século XIX compromissado apenas com os estudos das fontes, mais um historiador empirista. Pelo contrário, é possível encontrar mesmo uma filosofia da história em Acton:

> O progresso do pensamento especulativo tem sido feito, por sucessores menos sistemáticos e coercivos, um dos pontos iluminados da literatura, para o prejuízo e exclusão das coisas mais essenciais. Para a medula da história civilizada é ética e não metafísica, e a causa profunda da ação passa pela forma do certo e do errado. Hegel não promoveu o estudo da moral e a Alemanha ficou para trás dos franceses ecléticos, até que, na revolta dos últimos dez anos contra os utilitaristas e materialistas, o crescimento do conhecimento ético se tornou, pela primeira vez, o objeto supremo da história (1886, p. 20) [119].

Nas páginas de seu texto, Acton inicia a discussão a respeito da influência do hegelianismo na discussão teológica, como na formação da Escola de Tübingen. O autor parecia estar atento também ao debate francês. Ele exemplifica a questão do não patriotismo na prática histórica com o seguinte exemplo:

> as melhores revistas francesas tem afirmado a mesma coisa (que o patriotismo da história é a sinceridade) em seus anúncios. *Nous ne prétendons servir u'une cause, celle de la Science - Le livre seul est l'objet de la critique; I'auteur pour elle n'existe pas* (1886, p. 28).

O primeiro artigo de Acton para a *EHR* é significativo porque esboça os objetivos estruturais do periódico que então se iniciava. Além de fazer uma comparação com os historiadores alemães Acton insiste na noção de imparcialidade. O trecho a que nos referimos é o seguinte:

---

[118] The breach with experimental science betrayed itself by the contempt for Newton in which Hegel was of one mind with Goethe and Schelling and Schopenhauer; but there were scientific men who, to the disgust of Humboldt, accepted the *Naturphilosophie*. Its defects were visible when Hegel's lectures appeared after his death, and the system went down under the assault of inductive science. But his influence on historical study has not gone down, and it is the one thing on which he retains his grasp (1886, p. 19).

[119] The progress of speculative thought has been made, by less systematic and coercive successors, one of the luminous spots in literature, to the damage and exclusion of more essential things. For the marrow of civilised history is ethical not metaphysical, and the deep underlying cause of action passes through the shape of right and wrong. Hegel did not promote the study of morals, and Germany fell behind the French eclectics, until, in the revolt of the last ten years against utilitarians and materialists, the growth of ethical knowledge has become, for the first time, the supreme object of history (1886, p. 20).

> Provavelmente não existe um grupo considerável menos em harmonia com nossos sentimentos na procura pelo estudo da história que aquele representado principalmente por Sybel, Droysen e Treitschke, com Mommsen e Gneist, Bernhardi e Duncker ao lado. [...] A teoria do historiador politico é distinta dos interesses do partidário. O historiador expõe as leis que governam a vida humana: isso não é devido a expor uma visão particular, ou explicar, como o esperto Castilian, como seria bem melhor o universo inventado se ele tivesse sido consultado a tempo. Ele se ocupa com o curso do navio, não com o dos passageiros. As forças a serem consideradas são aquelas que, a longo prazo, prevalecem. O historiador justifica apenas o que é justo pelo julgamento da experiência (1886, p. 34-35) [120].

Lord Acton ainda afirma que é heresia um historiador "escolher um lado que ele acha melhor a seus olhos e rejeitar o curso marcado e o domínio da lei, para degradar a vida das nações sobre a anarquia de causas casuais e desconectadas" (1886, p. 35). Ainda sobre a imparcialidade o autor escreve:

> Ser sem partido é ser sem princípio, de acordo com uma declaração de um estadista inglês, que um homem que recusa pertencer a um partido esta envergonhado. Ser imparcial é seguir uma indução muito ampla, reconhecer o destino manifesto da monarquia, com uma mente preparada, se ele deve ser, seguir "o caminho do terremoto da democracia" (1886, p. 36) [121].

Lord Acton demarca então um momento de transformação intelectual onde prevalece o conhecimento científico. Essa transformação se iniciara com "a eutanásia da metafísica, antecipada por Carlyle em 1850". Para Acton a ciência física se tornou a sua rival da filosofia ou metafísica e a história sua herdeira. Os próprios filósofos viraram historiadores e miraram suas especulações nos fatos (1886, p. 37) [122].

Por último, o texto de 1886 é indicador da concepção da história de Acton. A história teria uma função importante em uma época de progresso intenso como a que viviam.

> O passado sobrevive apenas por fornecer material avaliável que pode ser um guia para a ciência e um equivalente do poder. A função da história é revelar

---

[120] Probably there is no considerable group less in harmony with our sentiments in approaching the study of history than that which is mainly represented by Sybel, Droysen, and Treitschke, with Mommsen and Gneist, Bernhardi and Duncker on the flank. […] The theory of the political historian is distinct from the plea of the partisan. The historian displays the laws governing human life: it is not his duty to expound a private view, or to explain, like the wise Castilian, how much better the universe would be contrived if he had been consulted in time. He attends to the ships course, not to the passengers. The forces to be reckoned are those which, in the long run, prevail. The historian justifies only that which is just by the judgment of experience (1886, p. 34-35).

[121] To be without party is to be without principle, according to that saying of an English statesman, that a man who denies party belongs to a party he is ashamed of. To be impartial is to follow a very wide induction, to acknowledge the manifest destiny of monarchy, with a mind prepared, if it must be, to follow 'the tramp of democracy's earthquake feet' (1886, p. 36).

[122] When the euthanasia of metaphysic anticipated by Carlyle was setting in about 1850, physical science came forward as its rival, and history as its heir. The philosophers themselves turned into historians, and beat their speculations into facts (ACTON, 1886, p. 37).

> sua própria futilidade, expor a conquista do antigo terreno da incerteza, probabilidade, herança, por demonstração irresistível. [...] Como mera negação da história, a nova concepção é velha. Mas por promover a história negligenciada das ideias científicas, ela promete enriquecer grandemente ambos, historiadores e filósofos (1886, p. 38) [123].

E a conclusão de seu texto demonstra seu objetivo de fazer um tipo de história da historiografia:

> Os sucessivos esquemas tem sido menos uma modificação do que um aumento da definição, e o melhor será alguém que completar e combinar todos eles. [...] Esse novo capítulo, um dos mais curiosos, compreenderá as histórias que os alemães não escreveram, os fios que eles romperam e os pontos sobre os quais eles produzem a superioridade sobre outras nações. Meu objeto tem sido mostrar nem sua fraqueza nem sua força, mas os caminhos que eles abriram novos terrenos e somaram a noção e o trabalho da história (1886, p. 41-42) [124].

O segundo texto a ser destacado é um obituário de Friedrich Wilhelm von Giesebrecht (1814-1889). O artigo foi escrito em 1890 e está no volume 5 da *EHR*. Sabemos que Giesebrecht fez parte da primeira geração de autores influenciados por Ranke como demonstrou a pesquisa de Arno Wehling (2001, p. 103). Foi um dos principais disseminadores da concepção de Ranke, junto com Georg Waitz e Heinrich Sybel (BENTIVOGLIO, 2011, p. 13). Ele teria se destacado, segundo Acton, pelo domínio da crítica das fontes, principalmente crônicas e biografias em detrimento das cartas e dos ofícios, e por ser também popular. Na interpretação de Acton:

> Essa foi a primeira vez que a maior erudição estava unida, na história alemã, com os elementos iluminados da popularidade. Quando era jovem, Ranke questionou o que ele queria ser, ele respondeu que desejava se tornar um romancista. 'Absurdo', disse seu mestre; 'você será um historiador'. O gosto literário e a habilidade sobreviveram a extinção do poeta; e além da habilidade literária havia o entusiasmo patriótico, o brilho de 1848, a noção da história, nem filosófica nem cosmopolita, mas nacional (ACTON, 1890, p. 308) [125].

---

[123] The past survives only by supplying available material that may be a guide for science and an equivalent of power. The function of history is to reveal its own futility, to display the conquest of the ancient realm of uncertainty, probability, inheritance, by irresistible demonstration. [...] As mere denial of history, the new conception is an old one. But by promoting the neglected history of scientific ideas, it promises greatly to enrich both historians and philosophers (1886, p. 38).

[124] The successive schemes have been less a modification than an enlargement of the definition, and the best would be one that should complete and combine them all. […] The newest chapter, and one of the most curious, should concern the histories which the Germans have not written, the threads they have dropped, and the points on which they yield to the superiority of other nations. My object has been to show neither their infirmity nor their strength, but the ways in which they break new ground and add to the notion and the work of history (1886, p. 41-42).

[125] It was the first time that the highest scholarship was united, in German history, with the lighter elements of popularity. In early life, when Ranke asked him what he meant to be, he had answered that he wished to become a dramatist. 'Nonsense', said his master; 'you will be a historian.' The literary taste and faculty survived the extinction of the poet; and besides the literary faculty there was the warm patriotism,

As opiniões de Giesebrecht parecem atender alguns aspectos defendidos por Acton. É o que podemos considerar também da avaliação quando do momento do lançamento da *Historische Zeitschrift*, em que Giesebrecht participou. Acton afirma que:

> […] ficou aparente que ele se destacou das visões de muitos de seus colegas e amigos. Todos, é claro, concordariam que o passado deve ser interpretado e julgado por algum padrão que não varia, não pela visão que cada um deve fazer de si mesmo. Mas então existe o ponto de vista fixo do destino manifesto. Se o passado não é julgado pelo presente, ele deve ser julgado pelo evento, que é o veredito do poder que governa o universo. Nossa visão deve ser baseada não na teoria, mas na experiência. A história não transmite nenhuma sabedoria aos homens que recusarem verificar e registrar suas conclusões (1890, p. 309) [126].

Talvez não fossem todos que concordassem como afirma Acton, com a ideia de que existe um padrão de julgamento moral que não varie. Tanto que as ideias de Giesebrecht teve pouca repercussão entre seus colegas, segundo Acton. Já sabemos da atitude de aceitação e recusa de Acton para com Ranke e em relação a um de seus discípulos a postura do historiador inglês parece se repetir.

O último texto de Lord Acton é mais um obituário, dessa vez de seu mestre alemão Ignaz von Doellinger (1799-1890). O texto foi publicado no mesmo ano do obituário anterior, na *EHR*. O destaque dado por Acton nesse texto está na maneira como o teólogo utiliza a história. Ele reconhece isso desde o início de seu texto quando afirmar que:

> […] Doellinger, por escolha e vocação, tendo a religião como determinação de sua vida, julgou que a função mais nobre, o culto mais espiritual, era o ensinamento histórico. O problema é saber como veio acontecer que um homem que era eminentemente inteligente e perspicaz na exposição das doutrinas, mas que, na narrativa, descrição e conhecimento do caráter, era nem uma coisa nem outra, decidiu que sua missão era a história (ACTON, 1890, p. 703) [127].

---

the afterglow of 1848, the notion of history, neither philosophic nor cosmopolitan, but national (ACTON, 1890, p. 308).

[126] […] it was apparent that he held aloof from the views of many men who were his comrades and friends. All of course would agree that the past must be interpreted and tried by some standard that does not vary, not by the view which each man may have made his own. But then there is the fixed standpoint of manifest destiny. If the past is not judged by the present, it must be judged by the event, which is the verdict of the power that governs the universe. Our view must be based not on theory but experience. History conveys no wisdom to men who refuse to verify and register its conclusions (1890, p. 309).

[127] [...] Doellinger, by choice and vocation a divine, having religion as the purpose of his life, judged that the loftier function, the more spiritual service, was historical teaching. The problem is to know how it came to pass that a man who was eminently intelligent and perspicuous in the exposition of doctrines, but who, in narrative, description, and knowledge of character, was neither first nor second, resolved that his mission was history (ACTON, 1890, p. 703).

Doellinger era um fervoroso defensor da influência do cristianismo na história. Estabelecia uma afinidade entre o pensamento católico e o pensamento histórico. Nesse sentido Acton chama atenção para um aspecto pouco lembrado, acredito, nas discussões da historiografia do século XIX, o aspecto da religião. O seguinte trecho expõe isso:

> A restauração da história coincidiu com a eutanásia da metafísica; quando o gênio filosófico mais importante da época levou para o tratamento histórico tanto a filosofia como a religião, e Hamilton, Cousin e Comte, severamente converteram a ciência em sua história. Muitos homens melhor preparados para a especulação que para erudição, foram da mesma forma; e a teologia sistemática ficou mantida nas universidades sobre a influência de Roma, onde o escolasticismo ficou intocado pela transformação romântica (1890, p. 703) [128].

Acton também teria encontrado nas ideias de Doellinger o crescimento da liberdade como causa da moralidade, e a condição de um reino da consciência (1890, p. 719). Mas o historiador inglês também critica:

> Doellinger tinha vivido longe das eras durante as quais os homens eram vistos com esboço, e nunca aplicou uma psicologia histórica distinta daquela da experiência particular. Os grandes homens são de outra forma diferentes de uma ampla repetição de tipos familiares e comuns, o trabalho e o motivo de suas noções está, em muitos casos, no exato contrário dos homens ordinários, que vivem para evitar as contingências do perigo, e da dor, e sacrifício, o cansaço do pensamento constante e a precaução perspicaz. [...] Nós não podemos compreender Cromwell ou Shaftesbury, Sunderland ou Penn, pelos estudos feitos na paróquia. O estudo do caráter súbito e intrincado não era habitual em Doellinger, e o resultado foi um terror extremo e condenação desnecessária (1890, p. 725) [129].

Na última avaliação da obra de Doellinger, Acton acaba explicitando sua própria concepção de história. Como o que seria a formatação de uma história ideal:

> No trabalho sobre a ética do século XVII, que é seu mais antigo, o ponto de vista moral prevalece sobre outros e a consciência usurpa o lugar da teologia, da lei canônica e erudição. Essa foi sua homenagem a uma nova fase da literatura, a última que ele viu que se iniciava estabelecendo o conhecimento ético acima da metafísica e da política como a escala central do progresso

---

[128] The restoration of history coincided with the euthanasia of metaphysic; when the foremost philosophic genius of the time led over to the historic treatment both of philosophy and religion, and Hamilton, Cousin, and Comte, severally converted the science into its history. Many men better equipped for speculation than for erudition, went the same way; and systematic theology was kept up in the universities by the influence of Rome, where scholasticism went on untouched by the romantic transformation (1890, p. 703).

[129] Doellinger had lived too long in the ages during which men are seen mostly in outline, and never applied fan historical psychology distinct from that of private experience. Great men are something different from an enlarged repetition of average and familiar types, and the working and motive of their minds is in many instances the exact contrary of ordinary men, living to avoid contingencies of danger, and pain, and sacrifice, and the weariness of constant thinking and far-seeing precaution. […]We cannot understand Cromwell or Shaftesbury, Sunderland or Penn, by studies made in the parish. The study of intricate and subtle character was not habitual with Doellinger, and the result was an extreme dread of unnecessary condemnation (1890, p. 725).

> humano. Moralidade, veracidade, a própria atmosfera da história ideal, se tornou o interesse primordial (1890, p. 742) [130].

Os textos de Acton nos oferecem uma visão contemporânea ao momento de fundamentação do conhecimento histórico como o entendemos hoje. E é uma visão autêntica, capaz de avaliar de maneira significativa, sua importância para a historiografia.

Lord Acton não era uma unanimidade na historiografia inglesa de sua época. Dono de uma grande erudição, um dos principais patrocinadores de Ranke no cenário britânico, sua filosofia da história baseada na noção de moralidade não alcançou um número maior de adeptos. Mesmo assim, sua exigência e rigor na pesquisa histórica foram fundamentais para a formação de um cenário intelectual dentro da *EHR* e para a constituição da história científica inglesa como um todo.

[130] In the work on seventeenth-century ethics, which is his farthest, the moral point of view prevails over every other, and conscience usurps the place of theology, canon law, and scholarship. This was his tribute to a new phase of literature, the last he was to see, which was beginning to put ethical knowledge above metaphysics and politics, as the central range of human progress. Morality, veracity, the proper atmosphere of ideal history, became the paramount interest (1890, p. 742).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Estevão Martins (2010, p. 9) "é útil, para o estudioso, entender e reconstituir o caminho percorrido, no debate acadêmico e historiográfico, pelos autores e pelos textos que balizaram o debate e as maneiras pelas quais esses entendimentos foram sendo distinguidos e consolidados". O autor se referia a necessidade de se ater a construção dos conceitos sobre o que significa a história. Quando iniciamos nosso estudo a partir da trajetória da história da historiografia nos perguntamos qual era o histórico da *EHR*. Tentamos compreender o caminho inicial daqueles historiadores profissionais em relação ao debate teórico da disciplina.

Nossa proposta de fazer uma leitura mais próxima da historiografia inglesa do final do século XIX tendo como objeto de pesquisa o periódico foi recompensada com discussões relacionadas à prática da pesquisa, da escrita e da função da história. Sendo o pensamento histórico inglês do século XIX comumente rotulado de empirista ou positivista, nosso trabalho tentou ao menos descrever um grupo de historiadores que se identificaram com o desenvolvimento da concepção científica da história.

Nesse sentido as discussões metodológicas de Quentin Skinner nos serviram de inspiração ao perguntarmos por que o autor citou o nome de outro ao se referir a um determinado assunto ou como eles leram "clássicos" como Ranke, Langlois e Seignobos. Qual era a história que os profissionais tencionavam empreender e quem entre eles se destacou, foram algumas das perguntas que fizemos. Esses questionamentos, claro, não esgotam o conteúdo dos textos analisados.

Podemos afirmar que a produção historiográfica da *EHR*, entre 1886 e 1902, não foi no seu todo positivista, preocupada em estabelecer leis gerais sobre os eventos descobertos. Também não foi empirista. Não temos a afirmação da total objetividade e imparcialidade do trabalho do historiador na reunião dos fatos. Encontramos referências contrárias em relação ao sentimento patriótico de um determinado autor ou a habilidade retórica de outro; a preferência pelo estilo científico, apesar de que o estilo literário não foi de todo recusado; a preocupação com o leitor. Estava bem claro para aqueles autores que eles escreviam principalmente para seus companheiros de profissão e não para o

grande público. Por isso também as cobranças profissionais, legitimando o estudo científico da disciplina.

Poderíamos classificar a historiografia desse período da revista como historicista romântica e erudita, seguindo uma definição de Arno Wehling. Se referindo a Ranke, uma das principais referências para os ingleses no periódico, entre os aspectos de seu historicismo estariam a necessidade de opor-se ao engajamento partidário de historiadores contemporâneos e opção por uma ética científica na qual defendia o "desinteresse", mas não negava a influência social (WEHLING, 2001, p. 113). O problema da autenticidade das fontes, a valorização de sua interpretação são exemplos dessa ética na *EHR*.

Somos tentados a rotular, mas aqui é necessário cuidado, pois no cenário inglês que analisamos, as reflexões de Lord Acton apontam mais para uma conclusão que deixamos em aberto. Inclusive, não queremos colocar nenhum ponto final nos debates que foram levantados ao longo do trabalho. O exemplo de Acton foi o mais marcante da nossa análise. A sua recusa da simpatia romântica em relação ao passado em nome de um pensamento ético não significa, porém, que ele estivesse indiferente em relação a história científica. Ela foi mesmo uma de suas exigências para a sua história moral.

Seu papel na profissionalização da disciplina da história na Inglaterra pode ser exemplificado também pela elaboração do plano de trabalho para a *Cambridge Modern History*, de 1902. Os próprios editores do primeiro volume da coletânea (Ward, Prothero e Stanley Leathes) afirmam sua contribuição. Acton foi o principal responsável pelo esquema daquela "História Moderna universal", acompanhou a pesquisa e aconselhou seus companheiros de divisão do trabalho (CAMBRIDGE MODERN HISTORY, 1902, p. V). A *Cambridge Modern History* é o resultado do legado de conhecimento que o século XIX produziu e a *EHR* pode ter sido um primeiro momento onde boa parte daqueles autores debateram suas pesquisas.

A não unanimidade de Acton pode ser devida ao fato de sua filosofia da história contradizer alguns aspectos que foram sendo considerados fundamentais para o pensamento histórico. Segundo a crítica da Richard Evans: "o que os historiadores são, ou deveriam estar, comprometidos, é com a explicação e a interpretação, não julgamento moral". Segundo o autor os historiadores simplesmente não são treinados para fazer julgamentos morais ou descobrir culpados e inocentes, "eles não têm nenhuma experiência nisso" (EVANS, *apud* GORMAN, 2009, p. 255-256). Essa

concepção está mais de acordo com a prática corrente da historiografia. Mas como considera Jonathan Gorman, sendo a herança de Ranke, talvez a principal defesa da história, acessível ou não (a crítica pós-moderna é negativa a esse respeito), a questão moral deve ser considerada pelos historiadores (GORMAN, 2009, p. 259).

Aqui assumimos uma consideração do papel de Lord Acton na historiografia do final do século XIX como uma figura intermediária: entre uma ideia de história mais tradicional, que possui um apelo moral, e a ideia moderna, profissional, inaugurada pela profissionalização. Por isso a importância de seus textos para analisarmos um contexto de história científica na *TEHR*. Estando Lord Acton ou outros historiadores como Freeman e John Seeley, dentro de um grupo com interesses da nova historiografia profissional, uma "instituição histórica", como definiu Certeau (2011) e se for confirmada essa polarização – amadores (*whigs*) e profissionais - temos aqui um indício que colabora no entendimento da escrita da história no período.

REFERÊNCIAS

Fontes documentais

ACTON, Lord. “German Schools of History”. *The English Historical Review*, vol. 1 (janeiro 1886), p. 7-42.

ACTON, Lord. “Wilhelm Von Giesebrecht”. *The English Historical Review*, vol. 5 (abril 1890), p. 306-310.

ACTON, Lord. “Doellinger’s historical work”. *The English Historical Review*, vol. 5 (outubro 1890), p. 700-744.

BRYCE, James. “Edward Augustus Freeman”. *The English Historical Review*, vol. 7 (julho 1892), p. 497-509.

FISHER, Herbert A. L. “Fustel de Coulanges”. *The English Historical Review*, vol. 5 (janeiro 1890), p. 1-6.

GARNETT, R. “Mandell Creighton, bishop of London”. *The English Historical Review*, vol. 16 (abril 1901), p. 209-218.

HEADLAM, J. W. “Heinrich von Treitschke”. *The English Historical Review*, vol. 12 (outubro 1897), p. 727-747.

JENKS, Edward. “Fustel de Coulanges as an historian”. *The English Historical Review*, vol. 12 (abril 1897), p. 209-224.

MAITLAND, F. W. “William Stubbs, bishop of Oxford”. *The English Historical Review*, vol. 16 (julho 1901), p. 417-426.

MÜNZ, Sigmund. “Ferdinand Gregorovius”. *The English Historical Review*, vol. 7 (outubro 1892), p. 697-704.

POOLE, Reginald L. “John Emerich, Lord Acton”. *The English Historical Review*, vol. 17 (outubro 1902), p. 692-699.

POWELL, F. YORK. “Samuel Rawson Gardiner”. *The English Historical Review*, vol. 17 (abril 1902), p. 276-279.

SANDAY, W. “Bishop Lightfoot as an historian”. *The English Historical Review*, vol. 5 (abril 1890), p. 209-220.

TANNER, J. R. “John Robert Seeley”. *The English Historical Review*, vol. 10 (julho 1895), p. 507-514.

WARD, Adolphus W. “Anton Gindely”. *The English Historical Review*, vol. 8 (julho 1893), p. 500-514.

Bibliografia

ADAMSON, J. S. “A. Eminent Victorians: S. R. Gardiner and the liberal as hero”. *The Historical Journal*, Vol. 33, No. 3. 1990. p. 641-657.

ARON, Raymond. *Introdución a la filosofia de la historia*. Buenos Aires: Lousada, 2006.

ARRAIS, Cristiano P. Alencar. “A Escola Metódica e o conhecimento histórico como problema”. In: *Emblemas*, Catalão, v. 01, n. 02, p. ?, 2007.

_____. “A filosofia da história de R. G. Collingwood: duas contribuições”. Em: *Dimensões*, v. 24, 2010. p. 33-54.

BARROS, José d’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BENTIVOGLIO, Júlio. “A Historische Zeitschrift e a historiografia alemã do século XIX”. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto: n° 6, março de 2011. p. 81-101.

_____. “Historiografia e máquinas de guerra: a história da história como um estudo de relações de forças com breves apontamentos sobre a Escola Histórica Alemã e a Escola dos *Annales”.* Em: *História Revista*, vol. 17, n. 1. 2012. p. 223-238.

BERLIN, Isaiah. “O conceito de história científica.” Em: *A busca do ideal*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998, pp. 63-104.

BEVIR, Mark. *A lógica da história das ideias*. Bauru, SP: Edusc, 2008.

BRINTON, Crane. “Lord Acton’s Philosophy of History”. *The Harvard Theological Review*, Vol. 12, No. 1. 1919. p. 84-112.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história.* São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BUTTERFIELD, H. “The whig interpretation of history”. Disponível em: http://www.jbstart.nl/EBooks/Engelstalig/3Downloads3/B/B/Butterfield,%20Herbert/Butterfield%20(Herbert)%20The%20Whig%20Interpretation%20of%20History.pdf. Acesso em 08 jun. 2013.

CALDAS, Pedro S. “O espírito dos papéis mortos: Um pequeno estudo sobre o problema da verdade histórica em Leopold von Ranke”. In: *Emblemas*, Catalão, v. 01, n. 02, p. 11-15, 2007.

CAMPBELL, James. “Stubbs, Maitland and Constitutional History”, em STUCHTEY, Benedikt; WENDE, Peter. *British and German Historiography: 1750-1950. Traditions, Perceptions and Transfers.* German Historical Institute London, Oxford, 2006. p. 99-122.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história.* Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

COLLINGWOOD, R. G. *A Ideia de História*. Editorial Presença, 7° edição. Lisboa, 1989.

CROCE, Benedetto. *A História. Pensamento e Ação*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1962.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOLDSTEIN, Doris S. “The origins and early of the English Historical Review”. In: *English Historical Review*, vol. 101. London: Longmans, Green and Co. 1986.

GOOCH, G. P. *La historia y los historiadores em el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1977.

GORMAN, Jonathan. “Ethics and the Writing of Historiography”. Em: TUCKER, Aviezer. *A Companion to the Philosophy of History and Historiography*. Blackwell companions to philosophy, 2009. p. 253-261.

HESKETH, Ian. “Diagnosing Froude’s disease: Boudary Work and the discipline of History in the late-victorian britain”. In: *History and Theory*, 47, (2008), pp. 373-395.

HOBSBAWM, E. “A história progrediu?”, em: *Sobre História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 68-82.

IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century.* From scientific Objectivity to the Postmodern Challenge. Middletown: Wesleyan University Press, 1997.

IGGERS, G. *The Theory and Pratice of History:* Leopold von Ranke. Routledge, 2011.

JANN, Rosemary. *The art and science of Victorian History.* Ohio State Universaty Press, 1985.

KOCHAN, Lionel. *Acton on History*. Londres: Andre Deutsch, 1954.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos presentes*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LANGLOIS, Charles V.; SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos Estudos Históricos*. Tradução Laerte de Almeida Morais. São Paulo: Editora Renascença, 1946.

MALERBA, Jurandir. Lord Acton. In: _____. *Lições de História: O caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *A história pensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. "Historicismo: tese, legado, fragilidade". *História Revista* (Goiânia), 7 (2002) 1-22.

_____. "Historicismo: o útil e o desagradável", em *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna.* Organização Valdei Lopes de Araújo [et. al.]. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

_____. Introdução: O renascimento da História como ciência. In: Martins, Estevão de Rezende. (org.). *A história pensada: teoria e método na historiografia européia do século XIX*. São Paulo: contexto, 2010.

MATTA, Sérgio da. Leopold von Ranke (1795-1886): apresentação. *In*. Martins, Estevão de Rezende. (org.). *A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: contexto, 2010.

MEINECKE, Friedrich. *El historicismo y su genesis*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1982.

NIXON, Mark. *Writing the Puritan Revolution: Theory and practice in the work of* Samuel Rawson Gardiner. Paper given at History Department Research Seminar. Stirling: 2003. p. 1-20.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RÜSEN, Jörn. "Ranke: rethoric and aesthetics of history". *History and Theory*, v. 29, n. 2, p. 190-204, 1990.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: EdUnB, 2010.

_____. *Reconstrução do passado*. Brasília: EdUnB, 2010.

_____. "Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história". Em: SALOMON, Marlon (Org.). *História, verdade e tempo.* Chapecó, SC: Argos, 2011.

SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da história intelectual*: *entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SKINNER, Q. (1972), “Motives, Intentions and Interpretation of Texts”. *New Literary History*, vol. 3, no 2, pp. 393-408.

The Science of History in Victorian Britain: Making the Past Speak, by Ian Hesketh; *Samuel Rawson Gardiner and the Idea of History*, by Mark Nixon. Brady, Ciaran. *English Historical Review*, cxxvii. 529 (Dec. 2012). p. 1551-1555.

TULLOCH, Hugh. “Lord Acton and German Historiography”, em STUCHTEY, Benedikt; WENDE, Peter. *British and German Historiography: 1750-1950. Traditions, Perceptions and Transfers.* German Historical Institute London, Oxford, 2006. p. 159-172.

WEHLING, A. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

WENDE, Peter. “Views and Reviews. Mutual perceptions of british and german historians in the late nineteenth century.” em STUCHTEY, Benedikt; WENDE, Peter. *British and German Historiography: 1750-1950. Traditions, Perceptions and Transfers.* German Historical Institute London, Oxford, 2006. p. 173-189.

Anexo I

Universidade Federal de Goiás							
Faculdade de História							
Ficha catalografica							
Docente: Cristiano Alencar Arrais						Mestrando: Leonardo de Jesus Silva	
Identificação				**Artigos**			
Título da Revista	**Ano/ Vol.**	**Local de Publicação**	**Editor**	**Autor**	**Título**	**Classificação Quadripartite**	**Classificação por Temas**